

CAMPINAS

metropolitana

diversidades socioespaciais na virada para o século xxi



UNICAMP



centro de estudos da metrópole

osé marcos pinto da cunha
camila areias falcão
organizadores



CAMPINAS

metropolitana

diversidades socioespaciais na virada para o século xxi



centro de estudos da metrópole



osé marcos pinto da cunha
camila areias falcão
organizadores

1ª edição impressa
2017

ORGANIZAÇÃO

José Marcos Pinto da Cunha
Camila Areias Falcão

COORDENAÇÃO TÉCNICA

José Marcos Pinto da Cunha
Luiz Antônio Chaves de Farias

CONSULTORIA TÉCNICA

Alberto Augusto Eichman Jakob

ELABORAÇÃO DOS CARTOGRAMAS

Luiz Antônio Chaves de Farias
Camila Areias Falcão
Luiz Fernando Vieira dos Santos (Bolsista SAE)

ELABORAÇÃO DOS TEXTOS

Alberto Augusto Eichman Jakob
Camila Areias Falcão
Dafne Sponchiado Firmino da Silva
Guilherme Margarido Ortega
José Marcos Pinto da Cunha
Késia Anastácio Alves da Silva
Luiz Antônio Chaves de Farias

BOLSISTAS (SERVIÇO DE APOIO AO ESTUDANTE)

Larissa Kaoane
Charles Serra Tabarin

REALIZAÇÃO

Núcleo de Estudo de População – NEPO/UNICAMP
Centro de Estudos da Metrópole – CEPID

REVISÃO E PREPARAÇÃO DOS ORIGINAIS

Fátima Ferreira da Silva

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Ana Carolina Maluf e Gustavo Bolliger Simões
Librum Soluções Editoriais
www.librum.com.br



APOIO

Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)
Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado de São Paulo (Fapesp)

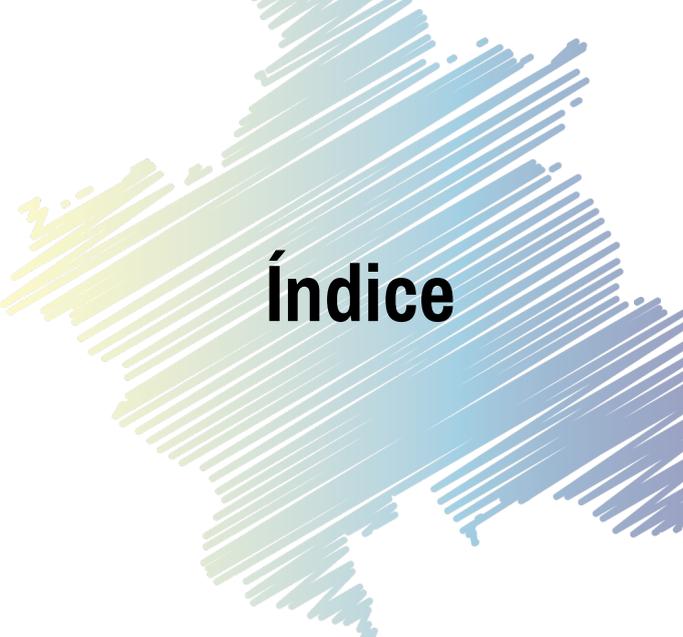
Catálogo na Publicação (CIP) elaborada por Vicente
Estevam Junior – CRB-8/7122

C156 Campinas metropolitana: diversidades socioespaciais na virada
para o século XXI / José Marcos Pinto da Cunha e Camila Areias
Falcão (orgs.). – Campinas, SP: Librum Editora, 2017. 80 p.

ISBN: 978-85-65608-35-0

1. Geografia urbana. 2. Cidades e vilas. 3. Urbanização –
Campinas (SP). 4. População. I. Cunha, José Marcos Pinto da.
II. Falcão, Camila Areias. III. Título.

CDD – 910.098161CA



Índice

Apresentação	5
Algumas questões técnicas e metodológicas	5
A Região Metropolitana de Campinas (RMC)	9
Crescimento e redistribuição espacial da população	11
Características demográficas da população	21
Características socioeconômicas da população	31
Infraestrutura habitacional e entorno	39
O processo de segregação socioespacial em Campinas: o que mudou nos anos 2000?	61
Referências bibliográficas	62
Índice de Mapas	63
Anexo	67





Apresentação

Este trabalho representa uma atualização, com base nos dados do Censo 2010, do atlas *Campinas metropolitana: diversidades socioespaciais*¹, produzido em 2007 pelo Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” (Nepo) e Núcleo de Economia Social, Urbana e Regional (Nesur), ambos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a partir de dados dos Censos Demográficos de 1980, 1991 e 2000. Nesse sentido, embora inove em alguns aspectos, como na forma de apresentação dos dados e no tipo de informação disponível, este volume mantém basicamente a mesma estrutura e motivação do produto elaborado há 10 anos.

Com o objetivo de evidenciar a diversidade presente na Região Metropolitana de Campinas – RMC, foi realizado um trabalho de sistematização e espacialização de dados sociodemográficos visando o melhor entendimento dos processos sociais e demográficos e, principalmente, dos problemas e/ou carências que afligem as populações regionais. Assim, como no primeiro volume, publicado em 2007, a concepção do atlas tem como referência as características de uma região metropolitana, tais como: a fluidez territorial, as complementaridades e as contiguidades socioespaciais. A despeito da importância das divisões administrativas municipais – obviamente não negligenciadas –, considera-se que o “olhar metropolitano” é fundamental para um diagnóstico que busque a identificação e solução dos problemas referentes ao ordenamento territorial e à elaboração e eficaz aplicação de políticas públicas voltadas à garantia da qualidade de vida da população, em especial a de mais baixa renda.

O conjunto de mapas e tabelas apresentado neste volume pretende ilustrar algumas das dimensões sociodemográficas mais relevantes para que, a partir de sua leitura e observação, o leitor possa ter uma boa ideia da diversidade socioespacial existente na RMC e, quem sabe, vislumbrar não apenas aprofundamentos, mas, sobretudo, novas questões que mereçam ser investigadas, bem como desigualdades que devam ser denunciadas.

ALGUMAS QUESTÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS

Este atlas foi elaborado a partir de dados dos censos demográficos de 1991, 2000 e 2010 do IBGE, por serem a única fonte de informações disponível para as escalas geográficas de análise abordadas: o nível municipal e seus setores censitários. Estes últimos constituem áreas delimitadas pelo IBGE e atribuídas a cada recenseador para que seja de sua responsabilidade. Assim, do ponto de vista espacial, esta é a menor unidade de agregação dos dados possível de ser acessada nos censos demográficos e, por isso, em que pesem as limitações dos dados disponíveis, permite um bom nível de detalhamento geográfico.

1. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/vulnerabilidade/atlas/atlas_RMC/indice.htm>.

Tendo em vista o alto grau de urbanização atingido pela RMC e considerando o interesse específico em abordar a dinâmica demográfica e a qualidade de vida da população regional, os indicadores propostos foram obtidos apenas para os setores censitários urbanos da região. Dessa forma, os mapas elaborados poderão apresentar áreas em branco (as rurais), que, embora em termos territoriais possam impressionar, certamente detêm ínfima parcela da população regional (menos de 2% em 2010).

Com o objetivo de elaborar uma “topologia social”² do espaço urbano da região e com isso chamar a atenção para os pontos de maior concentração espacial de certas categorias dos indicadores (os chamados *hot spots*, ou seu oposto, *cold spots*), os dados referentes aos setores censitários foram interpolados por meio da técnica de *krigagem* ordinária. A partir dela, os dados de cada setor são atribuídos a seu centroide (ponto central do polígono) e, considerando-se que elementos mais próximos são mais parecidos do que aqueles de maior distância, os centroides são interpolados de modo a que os pontos mais próximos recebam peso maior do que os mais distantes. Como resultado desse processo, obtém-se uma superfície de dados interpolados em que são destacadas as maiores concentrações espaciais dos valores dos indicadores utilizados, facilitando a visualização espacial e posterior análise.

Outra técnica utilizada é a chamada autocorrelação espacial, ou seja, uma forma de caracterizar a existência de uma dependência espacial dos dados, o que seria traduzido em uma concentração de determinado atributo em certas zonas da região estudada. Para analisar tal dependência, são empregados indicadores locais de autocorrelação espacial (*Lisa*, em inglês), sendo um dos mais conhecidos o “I de Moran” e, por isso mesmo, o escolhido para este estudo. A partir desta técnica e tendo como referência uma variável (no caso a renda média dos responsáveis por domicílios), podem ser identificadas (e visualizadas graficamente) zonas com maior homogeneidade ou onde não se observa um padrão de concentração da população em termos da variável considerada.

2. O termo sugerido por Sposati (1996) é muito eloquente, já que a representação cartográfica utilizada de fato se assemelha àquela originalmente elaborada para espelhar a diversidade de relevos de uma região. Nesse caso, os valores de maior concentração da variável escolhida podem ser facilmente identificados.

Com esse procedimento é possível estabelecer a existência de *hot spots* (no caso zonas de grande concentração de população de alta renda), de *cold spots* (concentração de baixa renda), ou mesmo de áreas com a presença de pessoas com alta renda, mas que estão rodeadas de pessoas com baixa renda, e vice-versa.

Os indicadores foram escolhidos de forma a refletir a diversidade espacial da população regional a partir das dimensões demográfica, econômica, infraestrutura habitacional e entorno dos locais de moradia.

Em termos dos *indicadores demográficos*, foram elaborados mapas que retratam a intensidade de crescimento demográfico dos municípios, o peso dos componentes e as características da migração:

- Taxa geométrica média anual de crescimento populacional;
- Peso relativo da migração e do crescimento vegetativo no crescimento demográfico dos municípios;
- Migração segundo a origem dos movimentos: intrametropolitanos, intraestaduais e interestaduais;
- Principais fluxos migratórios intrametropolitanos;
- Principais movimentos pendulares intrametropolitanos da população em idade ativa para trabalho ou estudo;³
- Densidade demográfica;
- Distribuição da população por grupos etários;
- Índice de envelhecimento, considerando a relação entre a população de 65 anos ou mais e a de 0 a 14 anos;
- Razão de dependência, calculada pelo quociente entre a população supostamente “não ativa” (0-14 anos e 60 anos ou mais) e aquela em idade economicamente ativa (15-59 anos);⁴

3. Considerando que, em 2000, os dados de mobilidade pendular agregam trabalho e estudo e, em 2010, tais dados estão em quesitos separados, houve a necessidade de fazer uma compatibilização, agregando, em 2010, as pessoas que realizam movimentos pendulares para trabalho e/ou estudo. Para evitar uma dupla contagem daqueles que declararam realizar ambos movimentos, nesses casos, incluiu-se apenas o movimento com a finalidade de trabalho.

4. Apesar das controvérsias sobre a sua utilização e interpretação, o indicador continua sendo útil para avaliar as oportunidades sociais existentes em determinada região em função da maior ou menor dependência econômica existente.

- Domicílios com responsabilidade exclusivamente feminina.⁵

Quanto aos *indicadores econômicos*, inicialmente foi necessário realizar uma compatibilização da renda de 2000 e 2010, uma vez que o poder de compra do salário mínimo se alterou substancialmente no decorrer do período. A partir da aplicação de uma técnica que permite inflacionar valores ao longo do tempo, chegou-se ao índice (1,96)⁶, que foi aplicado a 2000, de forma que o rendimento daquele período ficasse comparável a 2010. Os indicadores expressos em salários mínimos (SM) referem-se, portanto, ao rendimento de 2010 em termos do valor do salário mínimo em julho (R\$ 510,00), ou então ao rendimento de 2000 multiplicado por 1,96. É importante enfatizar que nos denominadores das proporções e médias dos indicadores de rendimento apresentados não foram considerados os responsáveis pelos domicílios sem rendimentos.

Para a escala municipal, existem mapas referentes à renda *per capita* domiciliar,⁷ uma vez que, ao contrário do que ocorre com os setores censitários, nesta escala é possível obter a informação a partir do questionário da amostra. Para evitar qualquer problema de interpretação em função da atualização monetária realizada, em vez dos valores nominais, os títulos dos mapas aludem a uma nomenclatura simplificada, utilizando termos como “alto” e “baixo” rendimento. Assim, as categorias utilizadas para tais indicadores foram: “baixo rendimento” para domicílios com renda *per capita* de até um salário mínimo e “alto rendimento” para domicílios com cinco salários mínimos ou mais de renda *per*

5. Com relação a este último indicador, é importante levar em conta que, entre os censos de 2000 e 2010, houve uma mudança no quesito sobre a responsabilidade doméstica. Se até 2000 era perguntado ao entrevistado qual era o chefe do domicílio, a partir de 2010 passou-se a usar outra noção, de forma a identificar o “responsável” pelo domicílio. Segundo Saboia et al. (2012), a mudança do vocábulo pode ter elevado as taxas de responsabilidade feminina entre um censo e outro.

6. Dois métodos distintos foram utilizados para isso. O primeiro método emprega o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), do Sistema Nacional de Índices de Preços ao Consumidor (SNIPC), obtido junto ao IBGE, comparando-se julho de 2000 com julho de 2010, meses próximos às datas de referência do período censitário. O segundo método acumula os índices mensais de inflação de julho de 2000 a julho de 2010, obtidos também no SNIPC. No entanto, ambos resultaram em um deflator similar.

7. Como no Censo Demográfico de 2010 não é mais possível identificar as famílias conviventes, de forma a manter a comparabilidade dos dois censos utilizados, decidiu-se trabalhar com a renda *per capita* domiciliar.

capita. A mesma nomenclatura foi empregada para o caso da informação dos responsáveis pelo domicílio, muito embora, por se tratar de ganhos individuais, os valores tenham sido majorados para dois SM (baixo rendimento) e dez SM (alto rendimento).

Infelizmente não foi possível elaborar mapas relativos à educação, uma vez que, ao contrário do Censo Demográfico de 2000, o de 2010 não permite estimar anos de estudo. Como a única informação comparável em nível de setor censitário referia-se à alfabetização, achou-se por bem não utilizá-la em função de sua fragilidade para revelar as desigualdades sociais.

Os indicadores utilizados para esta dimensão foram:

- Percentual de domicílios com baixa renda *per capita* domiciliar;
- Percentual de domicílios com alta renda *per capita* domiciliar;
- Percentual de domicílios com responsáveis com baixo rendimento;
- Percentual de domicílios com responsáveis com alto rendimento;
- Renda média dos responsáveis pelo domicílio por setores censitários urbanos: calculada a partir da soma dos rendimentos de todos os responsáveis pelo domicílio do setor censitário, dividida pelo número de responsáveis no setor.

Por fim, foram selecionados indicadores representativos de infraestrutura habitacional e de entorno dos domicílios. Inicialmente, elaboraram-se mapas que representassem as carências dos domicílios com relação aos serviços de infraestrutura pública, tais como:

- Não acesso à rede geral de água;
- Inexistência de rede geral de esgoto;
- Inexistência de coleta de lixo.

O “tipo” do domicílio também foi selecionado, uma vez que esta informação pode ser útil para identificar a diversidade regional em termos do tipo de ocupação do seu espaço habitado, ou seja, se mais caracterizado por assentamentos horizontais ou verticais.

Outro indicador utilizado foi o “número de banheiros”, que sabidamente é ótimo para aferir a qualidade construtiva dos domicílios, uma vez que este cômodo é um dos que requer maior investimento proporcional à área construída. No caso, a existência de domicílios “sem banheiro” indicaria uma condição de precariedade e baixo padrão construtivo, ao passo que domicílios com dois ou mais banheiros representariam o outro extremo.

Finalmente, as características sobre o entorno dos domicílios, levantadas apenas pelo Censo Demográfico de 2010, são muito úteis e representam grande novidade para melhor diferenciar as várias formas como vive a população regional. De todas as possibilidades, foram selecionados cinco indicadores para comporem os mapas que chamam a atenção para a precariedade do local:

- Falta de identificação de logradouro;
- Falta de iluminação pública;
- Inexistência de guia nas calçadas;
- Inexistência de pavimentação;
- Presença de esgoto a céu aberto.

Partindo da concepção de que não se pode compreender a RMC sem considerar, ao mesmo tempo, as especificidades dos municípios e suas complementariedades, especialmente no que se refere à dinâmica demográfica e socioespacial, este atlas é dividido em duas partes: a primeira trata os dados em nível municipal, com as informações especializadas em termos desta escala de análise; e a segunda busca mostrar elementos que remetam às continuidades (ou descontinuidades) socioespaciais existentes na região, apresentando, para tanto, os dados em outra escala, a dos setores censitários urbanos. Nesse caso, de forma a tornar a visualização das continuidades socioespaciais existentes mais fluída e representativa, como já destacado, utilizou-se uma técnica de interpolação espacial que permite modelar o comportamento das variáveis analisadas considerando o espaço uma superfície contínua.

A grande área urbanizada no eixo Vinhedo/Americana evidencia o processo de conurbação entre as cidades da RMC, denominado no atlas como mancha urbana metropolitana. É possível notar que, em 2010, essa mancha se amplia,

já que os municípios ao redor de Campinas se tornaram gradativamente mais urbanos. Observando esta mancha urbana, fica bem evidente que o perfil sociodemográfico da população não obedece aos limites municipais, claramente delineando uma “contiguidade socioespacial”.

A Região Metropolitana de Campinas (RMC)

A Região Metropolitana de Campinas, desde 2013 composta por 20 municípios com cerca de 2,8 milhões de habitantes em 2010 (segundo o Censo do IBGE), foi formalizada em 19 de junho de 2000, com o objetivo de integrar e organizar o planejamento e a execução das funções públicas de interesse comum, tais como uso do solo, transportes e sistema viário regional, habitação, saneamento básico, meio ambiente e atendimento social (saúde, educação e segurança pública). É hoje uma das mais importantes regiões do país, não apenas por sua força econômica, mas também por se tratar de um dos mais importantes polos tecnológicos brasileiros.



Sua invejável infra-estrutura – rodovias, ferrovias, aeroportos, gasoduto –, a qual lhe assegura a articulação com os principais mercados e cidades brasileiras, associada à presença de moderno parque industrial e à variada gama de instituições de ensino, contribuíram para que a região recebesse grande parte de investimentos mais intensivos em tecnologia realizados no país nos últimos dez anos. As empresas já instaladas no município e na região constituem um ambiente extremamente favorável à atração de novas unidades empresariais. [...] Campinas é uma cidade onde são criadas novas empresas de base tecnológica, onde se faz ensino e pesquisa de qualidade e que polariza uma vasta área industrial e agroindustrial rica e diversificada. (CAIADO; PIRES, 2006, p.292 e 294)

Na verdade, já no final do século XIX a região era importante centro de produção agrícola, baseado no plantio da cana e mais tarde no café, cuja pujança econômica projetou a região de Campinas a uma importância política e econômica nacional. A partir dos anos 1960 e, principalmente, depois da década de 1970, Campinas e outros municípios da região, como Americana, Paulínia,

Valinhos, Sumaré e Indaiatuba, recebem grandes investimentos governamentais, tornando-se um dos maiores eixos de expansão industrial no interior do estado, sobretudo ao longo das rodovias que cortam os municípios, como a Anhanguera, a D. Pedro I e a Santos Dumont, devido, em grande parte, à desconcentração verificada na Região Metropolitana de São Paulo. Sua proximidade com a capital, articulada por uma moderna rede rodoviária, e a disponibilidade de mão de obra e de pesquisa em ciência e tecnologia atraíram diversas atividades industriais e terciárias, inclusive empresas de alta tecnologia, o que elevou bastante o ritmo de crescimento populacional em toda a região, impulsionando a unificação do mercado de trabalho local e estimulando fortemente os fluxos de pessoas e produtos, iniciando assim, o processo de metropolização (BAENINGER, 1996).

Porém, tal processo levou a RMC a um crescimento desordenado, com todos os problemas das grandes metrópoles: falta de moradia e o conseqüente processo de favelização; loteamentos irregulares e clandestinos, com precária infraestrutura urbana; especulação imobiliária desenfreada; baixos salários; entre outros. Esse movimento gerou um padrão de crescimento físico horizontal com espaços descontínuos, de ocupação rarefeita, estendendo a periferia para além dos limites municipais, absorvendo progressivamente porções dos municípios vizinhos. Esse tipo de expansão urbana resulta tanto do impacto das políticas públicas setoriais, tais como a de transportes, quanto, em grande parte, da ação especulativa mercantil dos mercados imobiliários.

A urbanização seletiva e excludente favoreceu a concentração da população de mais alta renda ao norte da Rodovia Anhanguera, configurando assim uma verdadeira “cordilheira da riqueza” em oposição à “cordilheira da pobreza”, que se formou ao sul da rodovia, onde está concentrada grande parte da população de baixa renda da região.

Enquanto os espaços ao sul da rodovia seriam constituídos por uma população com menor poder aquisitivo e com domicílios mais precários, do outro lado da rodovia, nos anos 90, começa a delinear-se uma “cordilheira da riqueza”, um espaço caracterizado predominantemente por famílias menores, mais abastadas e morando em

domicílios não apenas com melhor infra-estrutura, mas também com uma rede de serviços de melhor qualidade que aqueles da outra área citada. (CUNHA et al., 2006, p.353)

Assim como na maioria das metrópoles do país, Campinas continua apresentando alta concentração de pobreza, desemprego, violência, desenvolvimento socioeconômico desigual e, sobretudo, um forte grau de segregação social em seu território.

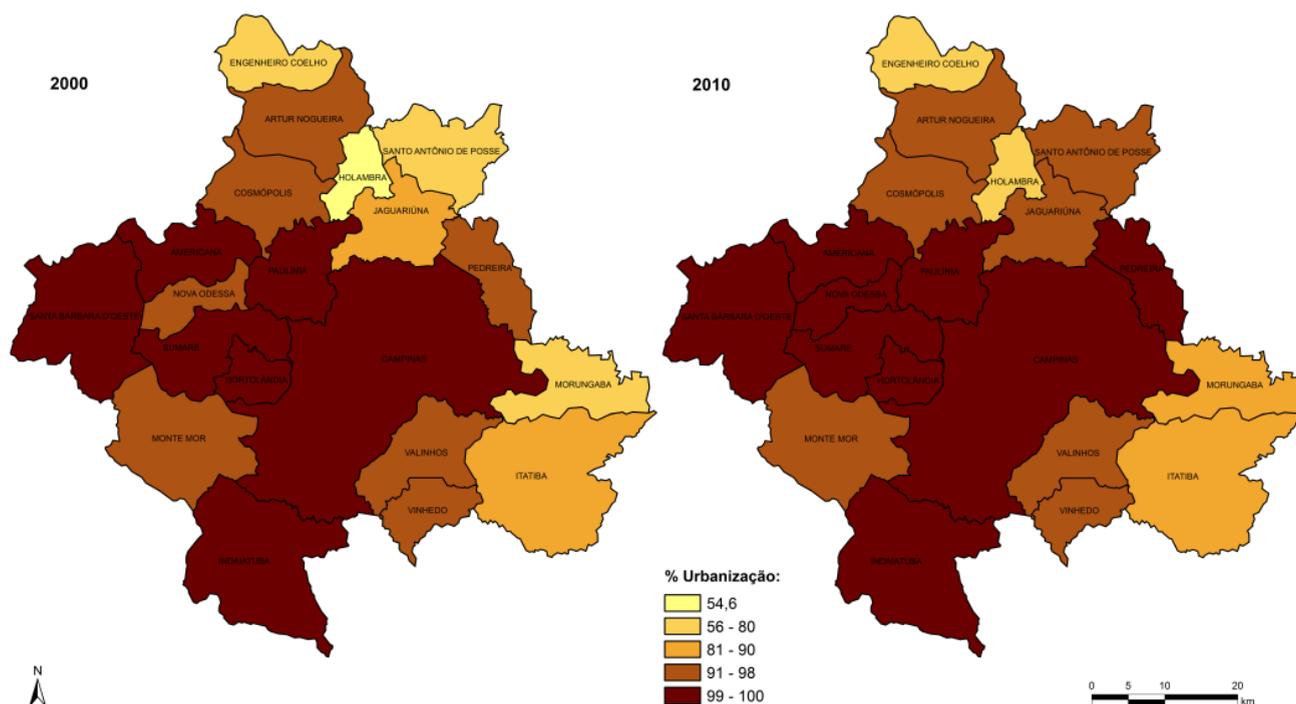
Aquela Campinas da população mais abastada não apenas é muito distinta daquela reservada para a população de mais baixa renda, em termos das disponibilidades de infraestrutura e serviços, como também o é em termos dos espaços ocupados por ambas as camadas sociais. (CUNHA, 2006, p. 338)

É justamente esta desigualdade socioespacial que o presente atlas pretende desvendar a partir da organização dos dados censitários e de uma leitura descritiva dos mesmos em forma de breves comentários.

Vale lembrar que, no sentido de mostrar que a verdadeira diversidade e contigüidade existentes na região somente podem ser visualizadas a partir de uma maior desagregação espacial da informação, a maior parte dos dados apresentados terá duas escalas: municipal e intramunicipal. Como será facilmente notado pelo leitor, as “médias municipais” escamoteiam a real diversidade socioespacial existente na região e dentro dos próprios municípios, sobretudo no que se refere à identificação de áreas mais ou menos segregadas do ponto de vista social.

Crescimento e redistribuição espacial da população

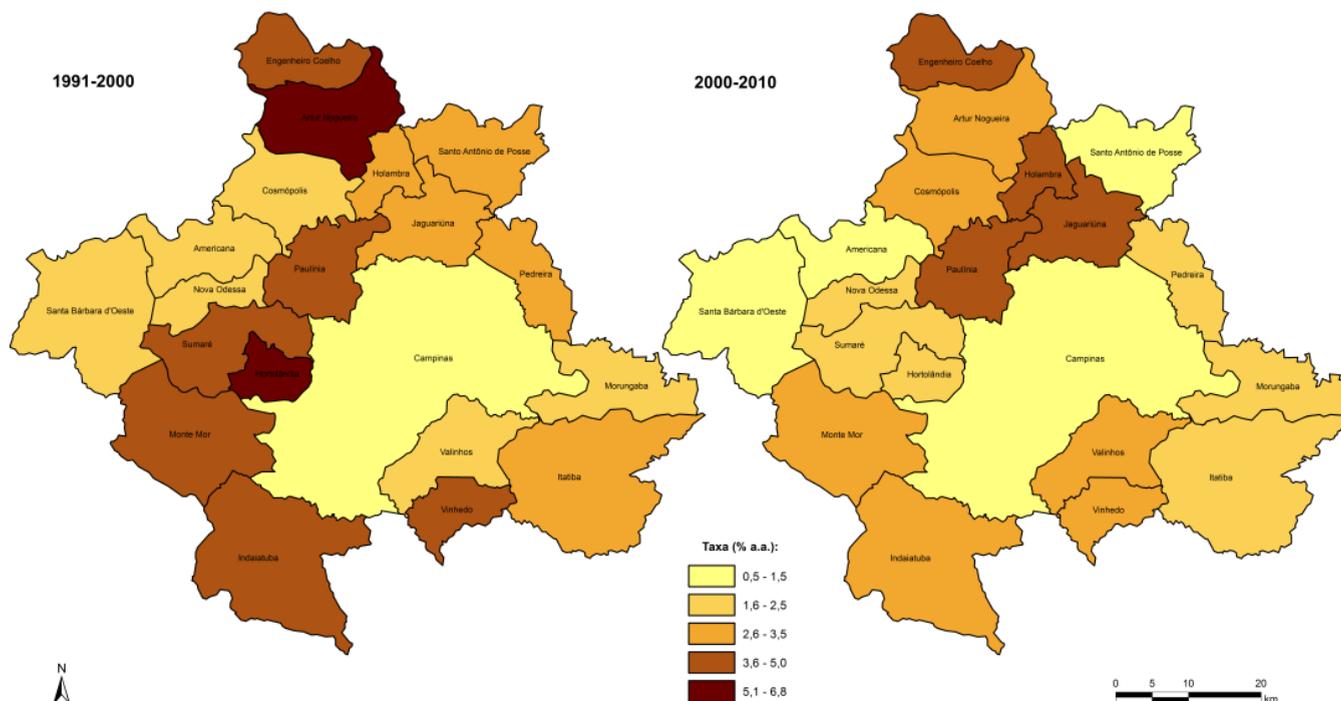
GRAU DE URBANIZAÇÃO, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Na RMC, 97% dos domicílios localizam-se em áreas urbanas, percentual que não se alterou na região e nos municípios durante o período 2000-2010, como pode ser observado nos mapas. De fato, mesmo em 2010, Holambra (com 72%) e Engenheiro Coelho (73%) permanecem sendo os municípios com o menor percentual de domicílios em áreas urbanas, seguidos por Itatiba (84%). Aliás, Holambra, reconhecida nacionalmente por seu potencial para a produção de flores e plantas ornamentais, registrou o maior aumento no grau de urbanização durante os anos 2000 (de 54% para 72%), seguida por Santo Antônio de Posse e Jaguariúna (ambos com crescimento de 10 pontos percentuais). Os demais municípios apresentam grau de urbanização superior a 90%, sendo que em Americana, Indaiatuba, Paulínia, Pedreira e Santa Barbara d'Oeste 99% dos domicílios localizavam-se em áreas urbanas. Hortolândia é o único município 100% urbano da região.

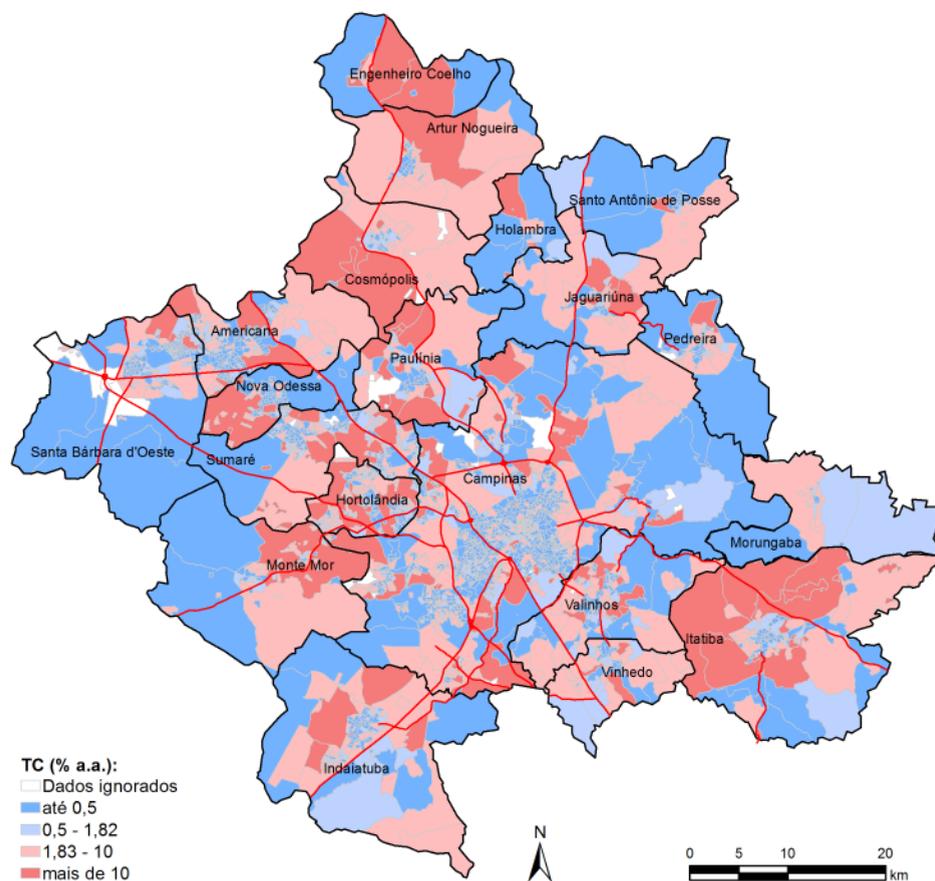
TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA ANUAL DE CRESCIMENTO POPULACIONAL,
 POR MUNICÍPIO
 REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 1991-2000 E 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991, 2000 e 2010.

No geral, observa-se que houve diminuição no ritmo do crescimento populacional na maior parte dos municípios da região, com exceção de Jaguariúna e Holambra, que, juntamente com Engenheiro Coelho e Paulínia, apresentaram taxas elevadas, superiores a 4% a.a. Deve-se notar que tal comportamento se reflete na região como um todo, que reduziu seu ritmo de crescimento populacional médio de 2,5%, na década de 1990, para 1,8% a.a., nos anos 2000. Campinas apresentou pequena queda dessa taxa (de 1,5% para 1,08% a.a.), enquanto Hortolândia, município de maior crescimento demográfico no período 1991/2000 (6,8% a.a.), registrou a maior redução, passando para 2,4 % a.a. nos anos 2000. Já o município de Santa Barbara d'Oeste teve a menor taxa de crescimento da região na década de 2000 (0,6% a.a.). Além de certa desconcentração da atividade produtiva desde o centro metropolitano (o município de Campinas) para as cidades vizinhas, não há dúvidas de que a oferta de terras disponíveis para habitação nestas cidades responde por boa parte desta redistribuição espacial da população e expansão territorial da região. Por exemplo, Paulínia e Jaguariúna certamente foram favorecidas em seu crescimento demográfico pelo surgimento de condomínios fechados que, como se sabe, contemporaneamente têm sido a forma mais cobiçada de assentamento populacional para quase todos os grupos sociais.

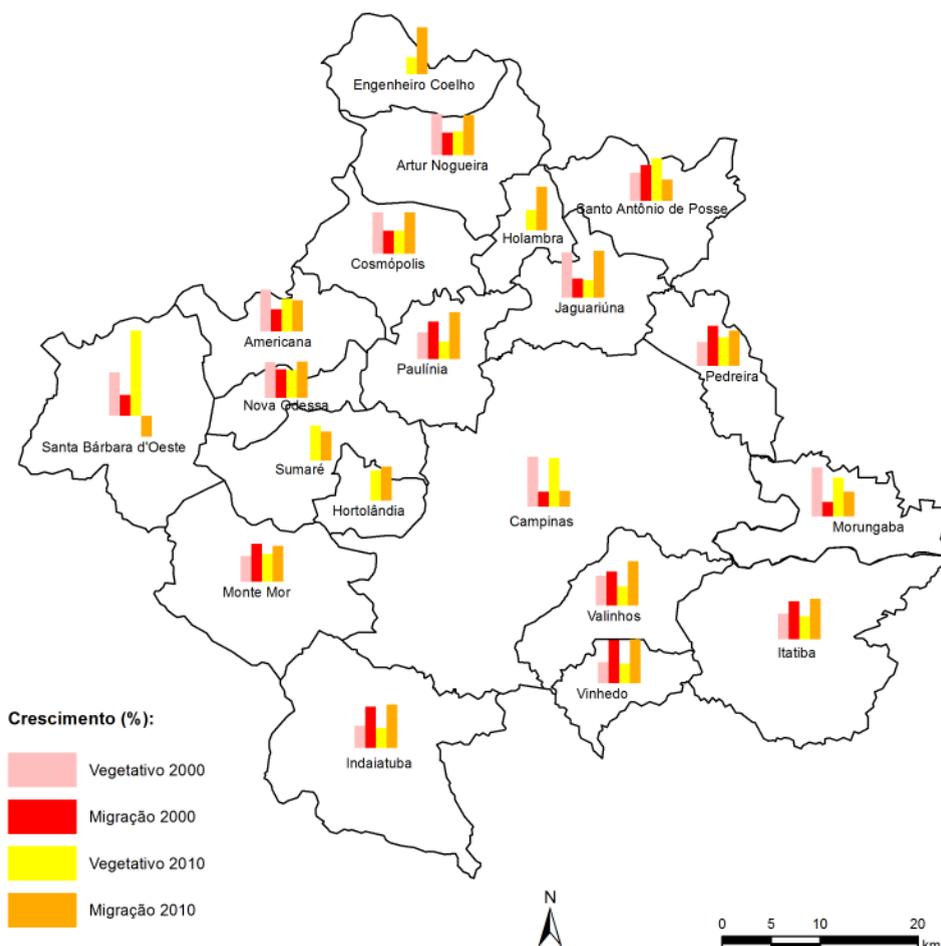
TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA ANUAL DE CRESCIMENTO POPULACIONAL,
POR SETORES CENSITÁRIOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Observando o crescimento demográfico em nível de setores censitários, verifica-se um comportamento bem distinto do padrão revelado pelos dados em âmbito municipal. Percebe-se, nesse caso, que mesmo em municípios de baixo crescimento médio existem zonas de intenso incremento demográfico. Além disso, nota-se o delineamento de alguns vetores que sugerem certa contiguidade de ocupação: uma franja de sudoeste a noroeste da região, envolvendo uma parte de Campinas e os municípios de Monte Mor, Hortolândia, Sumaré e Nova Odessa; e outro vetor mais ao norte, principalmente no eixo Campinas-Paulínia. Sabe-se que estes dois vetores tendem a concentrar com mais intensidade população de baixa e alta renda, respectivamente.

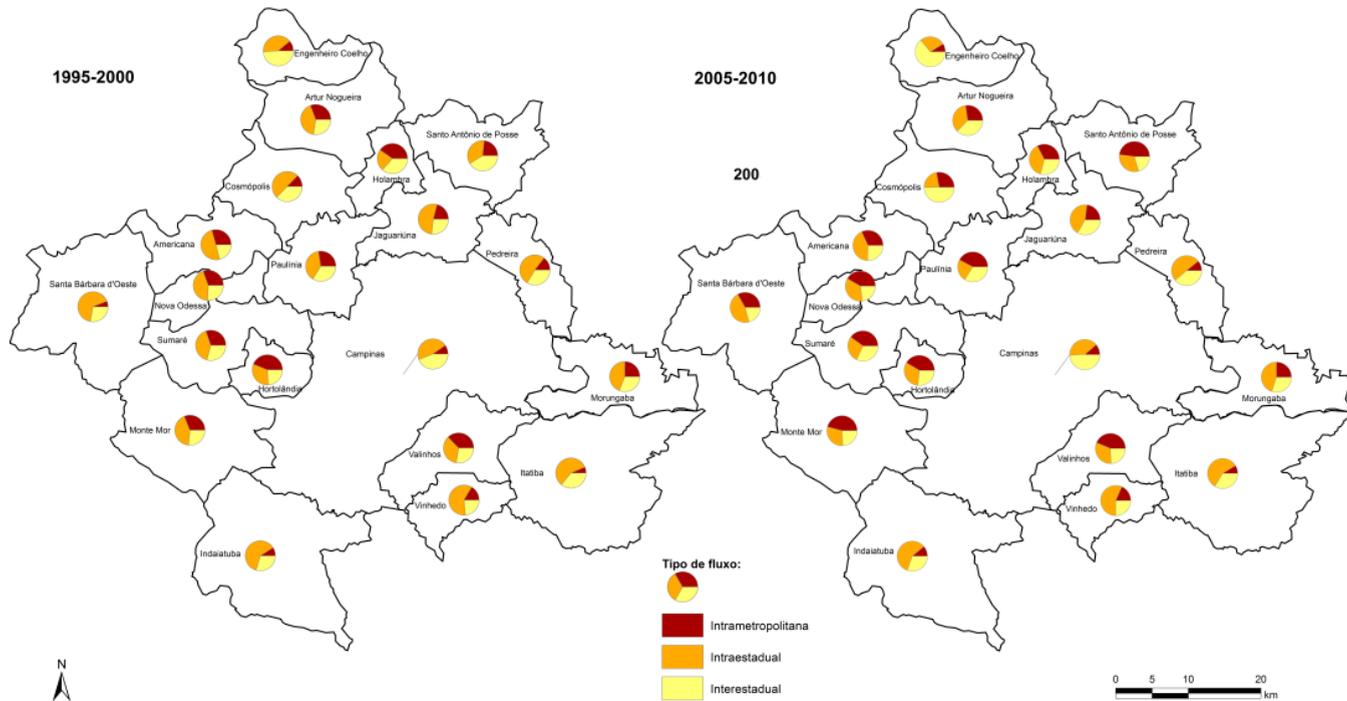
PARTICIPAÇÃO DO CRESCIMENTO VEGETATIVO E DA MIGRAÇÃO NO INCREMENTO POPULACIONAL, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 1991-2000 E 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010. Obs.: Os valores para o mesmo ano somam 100%.

Não há dúvidas de que a redução do crescimento demográfico da RMC e de muitos de seus municípios, em especial aqueles pertencentes à “periferia social” (como Hortolândia, Monte Mor, Sumaré, Santa Bárbara d’Oeste e Nova Odessa) deveu-se à forte retração da migração para a região, seja ela proveniente de outros estados brasileiros ou mesmo originária do próprio Estado de São Paulo (DOTA, 2015). No entanto, ainda nos anos 2000, em média, 50% do crescimento demográfico da RMC deveu-se à migração, muito embora exista grande heterogeneidade entre os municípios. De fato, os dados do mapa mostram que, enquanto a migração responde apenas por 25% do crescimento populacional de Campinas, em cidades como Jaguariúna, Engenheiro Coelho e Paulínia o peso foi muito maior, chegando a cerca de 72% (ver também Tabela 1 no Anexo).

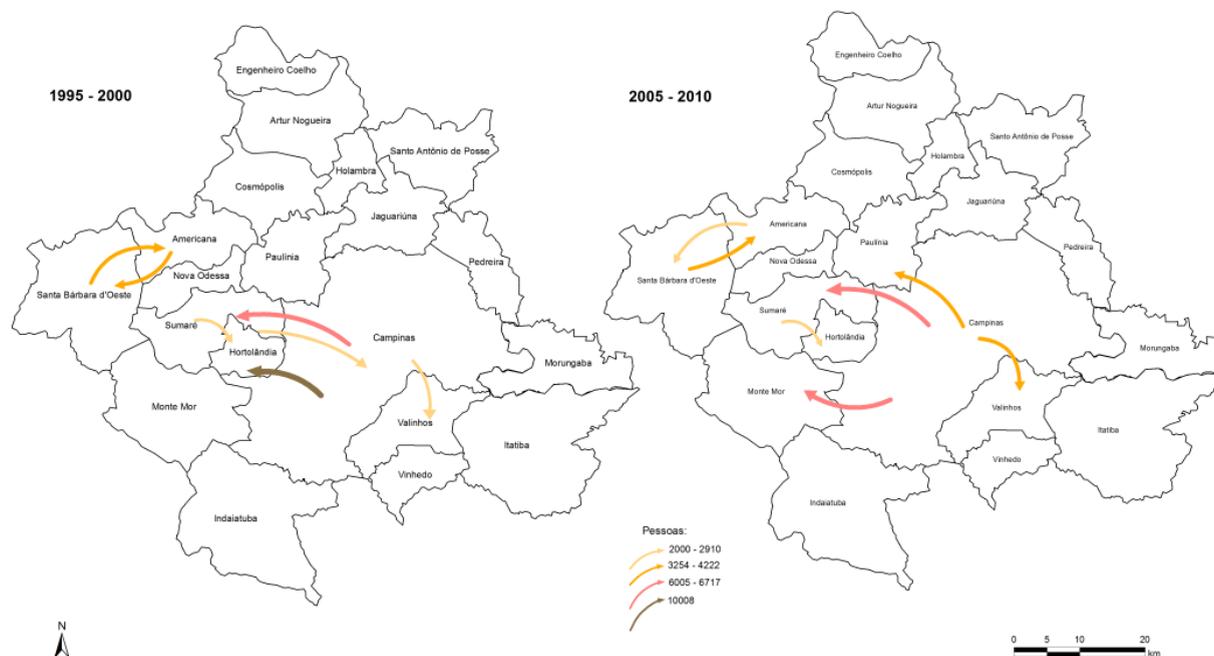
IMIGRAÇÃO, SEGUNDO LUGAR DE ORIGEM (DATA-FIXA) REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 1995-2000 E 2005-2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 e 2010.

A análise da imigração segundo a origem dos migrantes permite compreender melhor não apenas as diferenças entre os municípios metropolitanos (em particular entre o “centro” e a “periferia”), mas também o motivo pelo qual, mesmo diante da forte queda da migração para a região, alguns municípios ainda continuam crescendo de forma significativa. O mapa acima, que traz a composição da imigração para cada um dos municípios da RMC, segundo as categorias intrametropolitana, intraestadual e interestadual, permite algumas observações interessantes. Em Campinas, a maior parte dos imigrantes é oriunda de fora do Estado de São Paulo, ou de seu interior, sendo que tal situação pouco se alterou ao longo dos dois períodos analisados, mostrando, nesse caso, que a migração intrametropolitana é pouco importante. Já nos outros municípios, em sua maioria, o percentual de imigrantes intrametropolitanos é maior, o que revela as trocas populacionais entre os municípios da região (principalmente vindos do município-sede). Em alguns municípios, como Santa Bárbara d'Oeste e Santo Antônio de Posse, o percentual de imigrantes intrametropolitanos aumentou bastante no período estudado, assim como em Paulínia e Monte Mor. Ou seja, pode-se concluir que parte significativa do crescimento destes municípios foi fruto de transferências internas de população. Em Indaiatuba, Itatiba, Vinhedo e Pedreira, grande parte dos imigrantes vem do próprio Estado de São Paulo, enquanto Engenheiro Coelho, o mais distante município em relação à sede, apresenta grande participação de imigrantes oriundos de outros estados do país. No geral, na RMC, a proporção de imigrantes intrametropolitanos cresceu durante os anos 2000, passando de 20% para 26%; a intraestadual diminuiu de 47% para 39%, enquanto a interestadual registrou pequeno aumento, de 33% para 35%.

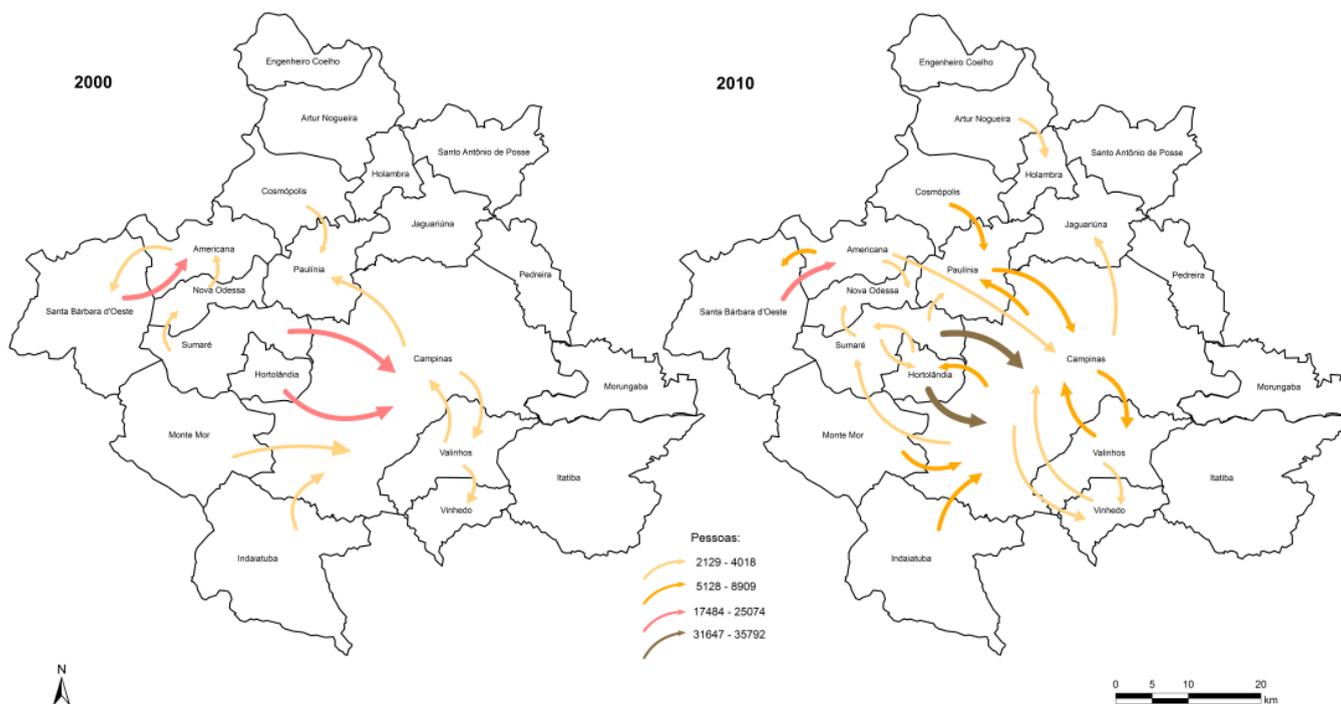
FLUXOS MIGRATÓRIOS INTRAMETROPOLITANOS NUMERICAMENTE MAIS IMPORTANTES (DATA FIXA) REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 1995-2000 E 2005-2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 e 2010.

Um dos elementos importantes para se compreender a expansão territorial da RMC, sobretudo nos anos 2000, quando a migração de origem externa se reduziu de maneira significativa, é a migração intrametropolitana, ou mobilidade residencial (CUNHA, 2016), ou seja, aquela que envolve trocas populacionais entre municípios da região. Em termos de volume, esta modalidade de migração envolveu mais de 64 mil pessoas no quinquênio 1995/2000 e cerca de 63 mil entre 2005 e 2010. Embora o volume e intensidade do fenômeno tenham diminuído, observa-se que o seu peso relativo aumentou, passando de 22,2% em 2000 para 26,1% em 2010, graças à redução da migração de origem externa. No mapa, fica muito visível o decréscimo do volume dessa modalidade de migração entre o primeiro e o segundo períodos. Em 1995/2000, ainda se registrava um fluxo com mais de 10 mil pessoas de Campinas para Hortolândia e outro que partia de Campinas em direção a Sumaré, envolvendo cerca de 6.500 pessoas. Já em 2005/2010 os volumes diminuem, mas as principais direções destes fluxos permanecem, ou seja, de Campinas para Hortolândia e para Sumaré. Da mesma forma como no período anterior, continua nítido o fato de ser Campinas o principal centro de redistribuição de população em direção à sua periferia geográfica, seja ela com predominância de população de baixa renda, como Sumaré e Hortolândia, ou mesmo aquelas com maior concentração de estratos sociais mais elevados, como Valinhos e Paulínia; vale lembrar que esse último caso se trata de uma das grandes novidades ocorridas no década de 2000, já que o município passou por uma transformação significativa na forma de ocupação no seu território em termos sociais. Vale também registrar as trocas migratórias específicas entre Americana e Santa Bárbara d'Oeste. Fatores como a ausência ou encarecimento das alternativas habitacionais nos maiores centros e o surgimento e generalização de novas formas de assentamentos urbanos, como os condomínios fechados, ajudam a compreender estes movimentos migratórios.

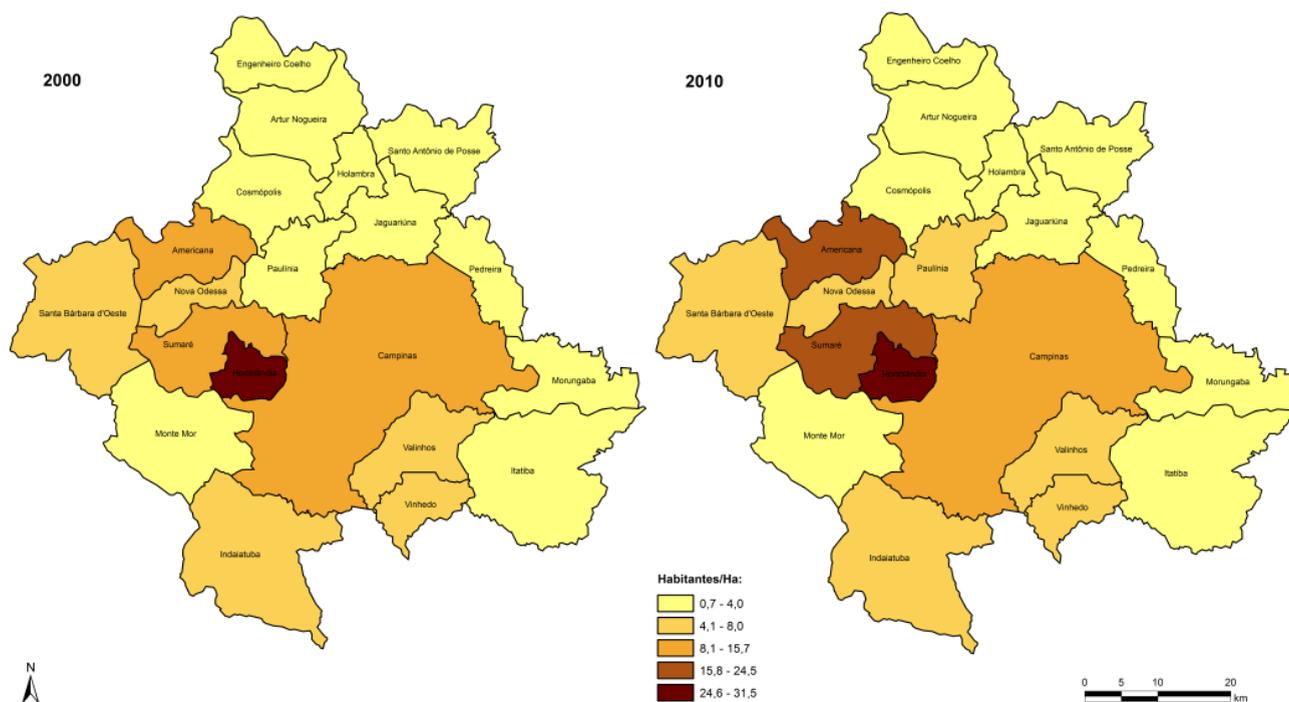
PRINCIPAIS MOVIMENTOS PENDULARES INTRAMETROPOLITANOS DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA PARA TRABALHO OU ESTUDO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 e 2010.

Os chamados “movimentos pendulares”, ou seja, aqueles resultantes do deslocamento em caráter regular (não necessariamente diários), são um dos mais claros reflexos do processo de metropolização no qual, entre outros aspectos, se destaca o caráter de contiguidade e fluidez das fronteiras administrativas municipais. Fruto, em geral, do descompasso entre os lugares reservados à moradia e aqueles que concentram as atividades produtivas e de serviços, tais movimentos revelam elementos de complementariedade entre os municípios metropolitanos e, portanto, contribuem para melhor visualizar as relações entre os distintos espaços da região. No caso da RMC, esta mobilidade cresceu significativamente de 2000 para 2010, passando de um volume de 176 mil pessoas para cerca de 312 mil, das quais mais de 77% realizavam movimento pendular entre municípios da própria RMC. O mapa mostra não apenas o crescimento do volume de movimentos, mas também o fato de serem os municípios periféricos (sejam aqueles onde predomina a população de baixa ou de alta renda) aqueles de onde mais partem tais deslocamentos, havendo uma clara contrapartida com o que se observou em termos da migração intrametropolitana apresentada anteriormente. De forma coerente com tal observação e com as características socioeconômicas de Campinas e Americana, estes municípios aparecem como os principais destinos dos movimentos pendulares.

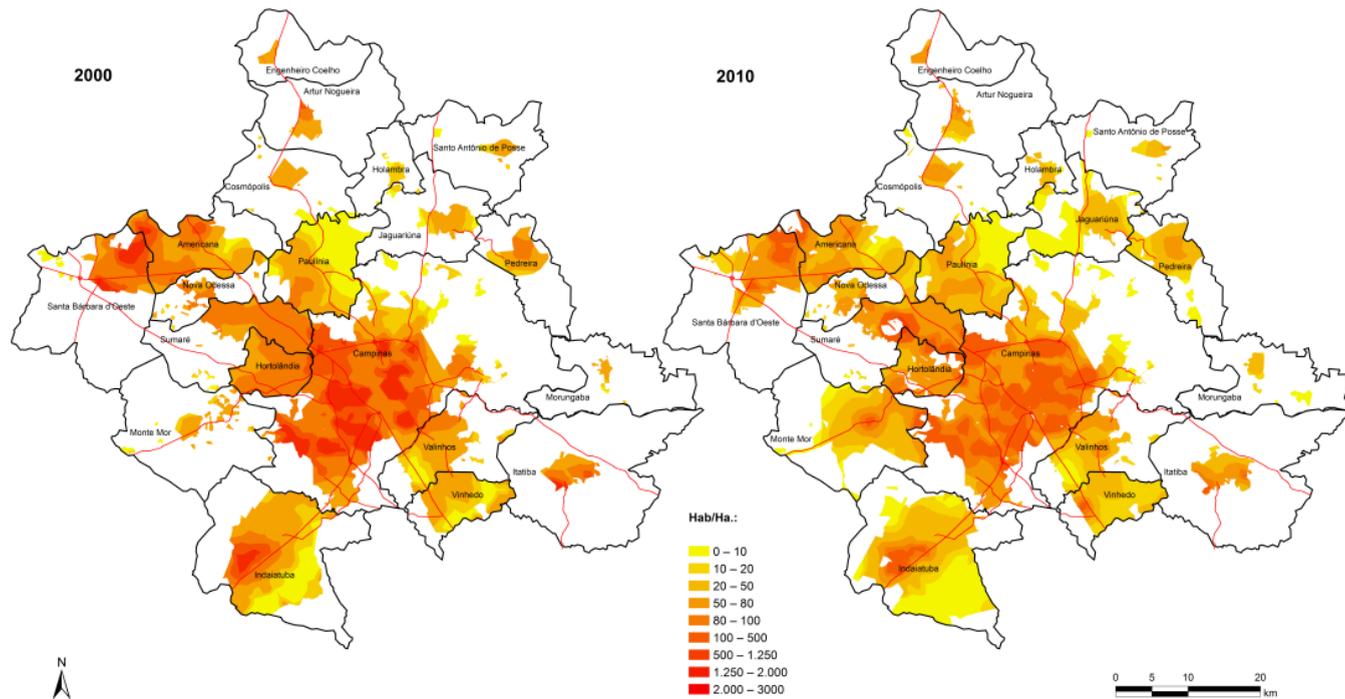
DENSIDADE DEMOGRÁFICA, POR MUNICÍPIO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Medida tradicional utilizada para avaliar o grau de concentração populacional, a densidade demográfica, apesar de suas limitações (por exemplo, por sua dependência com relação aos recortes territoriais utilizados ou mesmo a consideração das áreas realmente passíveis de ocupação), é útil para apontar os “caminhos” da distribuição da população no território. Por conta das grandes extensões territoriais, optamos por usar hectares como medida dessa relação. Apesar de não ser aparente no mapa, a densidade populacional cresce em todos os municípios da região entre 2000 e 2010, sobretudo em Hortolândia. Enquanto os outros municípios apresentam um pequeno aumento (em torno de 1% a 2%), Hortolândia registra uma expansão de quase 6%, sendo que este já era o município mais denso da região e o único 100% urbano. Lá está concentrada grande parte da população de baixa renda da RMC.

DENSIDADE DEMOGRÁFICA POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



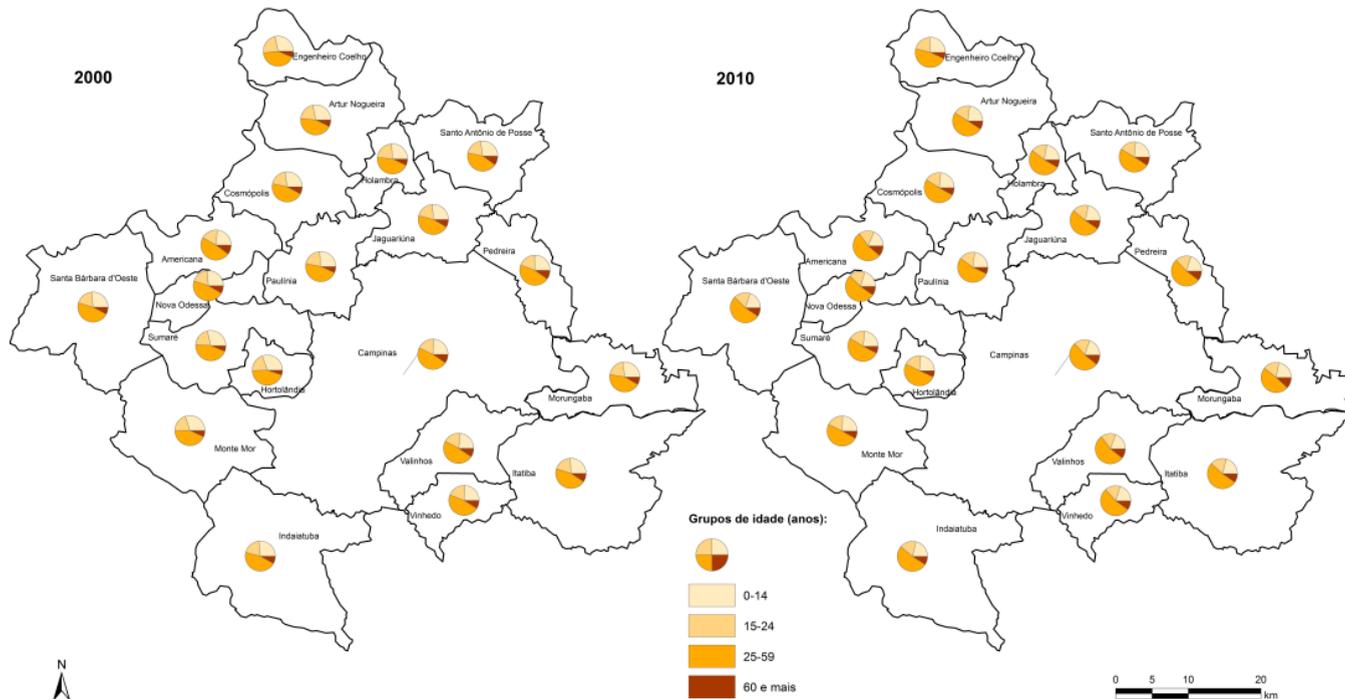
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Pelos dados apresentados no mapa, observa-se uma ampliação das áreas com alta densidade demográfica entre 2000 e 2010. Ao mesmo tempo em que se nota claramente a intensificação da ocupação das áreas centrais de todos os municípios da região, também ficam configurados ao menos dois grandes vetores de expansão: um a oeste de Campinas em direção a Americana; e outro a sudoeste em direção a Monte Mor e Indaiatuba. Esse crescimento das áreas de maior concentração populacional sinaliza, além da maior conurbação entre os municípios e da expansão da mancha urbana, a intensificação das relações intermunicipais, sobretudo por meio de loteamentos populares. Em geral, estas são áreas que concentram grande parte da população de baixa renda, desde a década de 1970, quando se iniciou a expansão metropolitana na região. Vale lembrar que a expansão periférica da população de alta renda, ressaltada em outros mapas deste volume, não ganha destaque a partir deste indicador em função do caráter não verticalizado deste tipo de assentamento (os condomínios fechados) e da relação entre os grandes terrenos (em geral acima de 500 m²) e o pequeno número de pessoas que os ocupam.



Características demográficas da população

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR MUNICÍPIO, SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

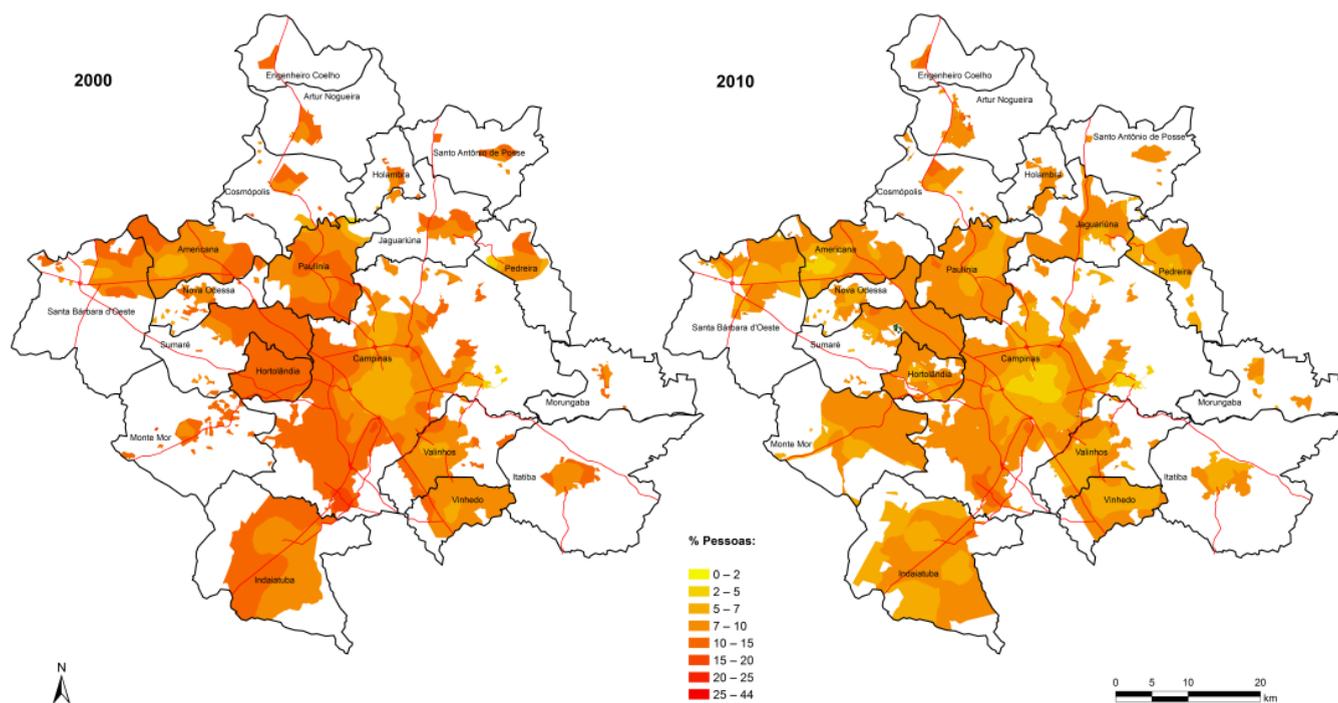


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Não há dúvidas de que a idade é uma das mais importantes variáveis demográficas a serem consideradas para qualificar uma população, já que é a partir da estrutura etária que se pode conhecer o perfil da demanda de uma ampla gama de políticas e serviços públicos essenciais para garantir a qualidade de vida da população. No caso da RMC, pode-se dizer que sua população não apenas apresentou um significativo envelhecimento relativo ao longo dos anos 2000, com o segmento de menos de 15 anos passando de 25,6% para 20,8%, entre 2000 e 2010, como também registrou tal percentual abaixo dos verificados para o Estado de São Paulo (21,5%) e, principalmente, para o Brasil (24%), em 2010. Analisando o comportamento dos municípios, percebe-se que em todos também foi observado envelhecimento relativo das populações no período considerado, sendo que, em 2010, 52% da população da RMC encontrava-se em idade adulta (25 a 59 anos), proporção que correspondia a 47%, em 2000. A proporção de idosos também aumentou no período, passando de 8,6% para 9,7%. Tal tendência revela-se até mesmo nos municípios com as maiores concentrações de jovens, como Hortolândia, Sumaré, Monte Mor e Morungaba. Nota-se ainda que Americana, Campinas, Valinhos e Padreira constituem os municípios mais envelhecidos, tanto em 2000 como em 2010.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO MENOR QUE CINCO ANOS, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

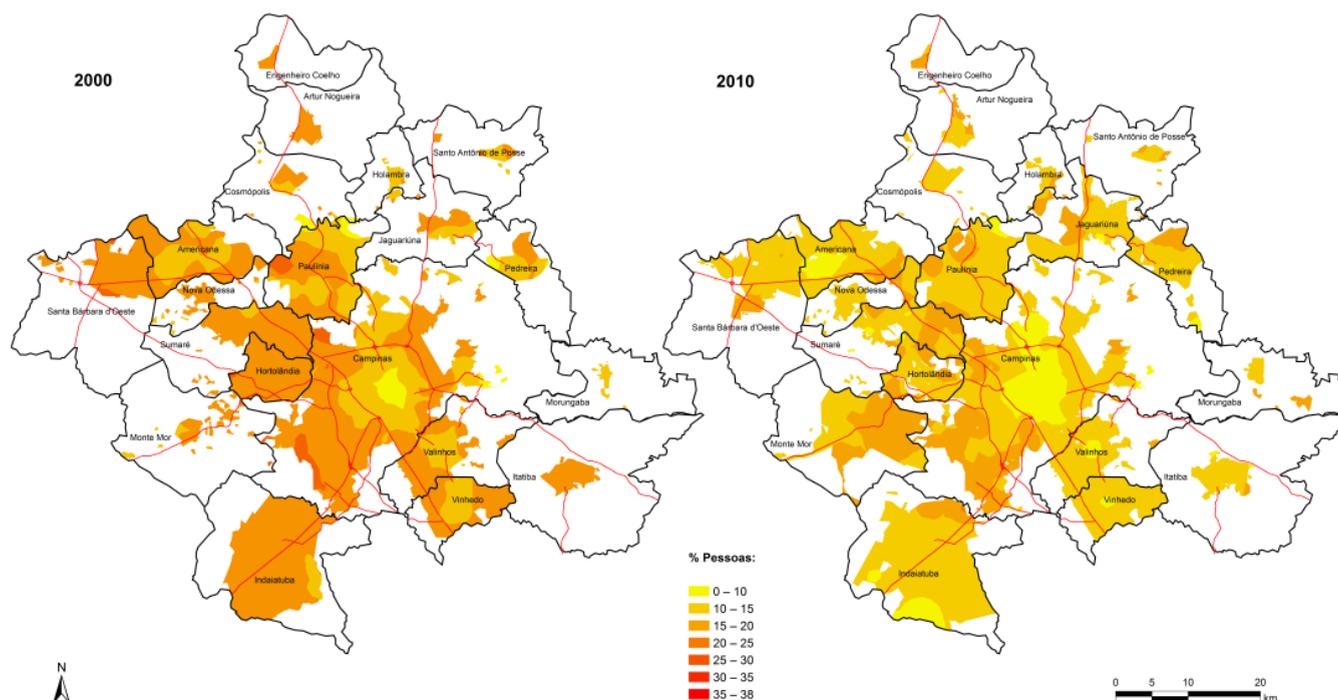
22
RMC



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Acompanhando a tendência nacional de queda progressiva da fecundidade, é clara a diminuição da participação do segmento de 0 a 5 anos em toda a região metropolitana (que passou de cerca de 10% para 7,7% da população da RMC, entre 2000 e 2010), inclusive nas áreas periféricas (sobretudo na região sudoeste de Campinas, Hortolândia e Sumaré). Nestas áreas, em 2000, havia a maior concentração de crianças, ao contrário do observado nas áreas centrais, principalmente no município-sede, Campinas. Pelo mapa, percebe-se que, em 2000, ainda havia uma significativa heterogeneidade espacial em termos da distribuição da composição etária da população nas áreas urbanas da região, característica esta que tende a perder força em 2010, quando já se nota que grande parte dos subespaços regionais se situa na faixa de 7% a 10% de crianças com até cinco anos no total da população. Assim, embora apresentando uma variabilidade muito menor, ainda é possível perceber que as áreas mais periféricas, em especial dos municípios ao oeste e sudoeste de Campinas, são as que registram maiores proporções de crianças.

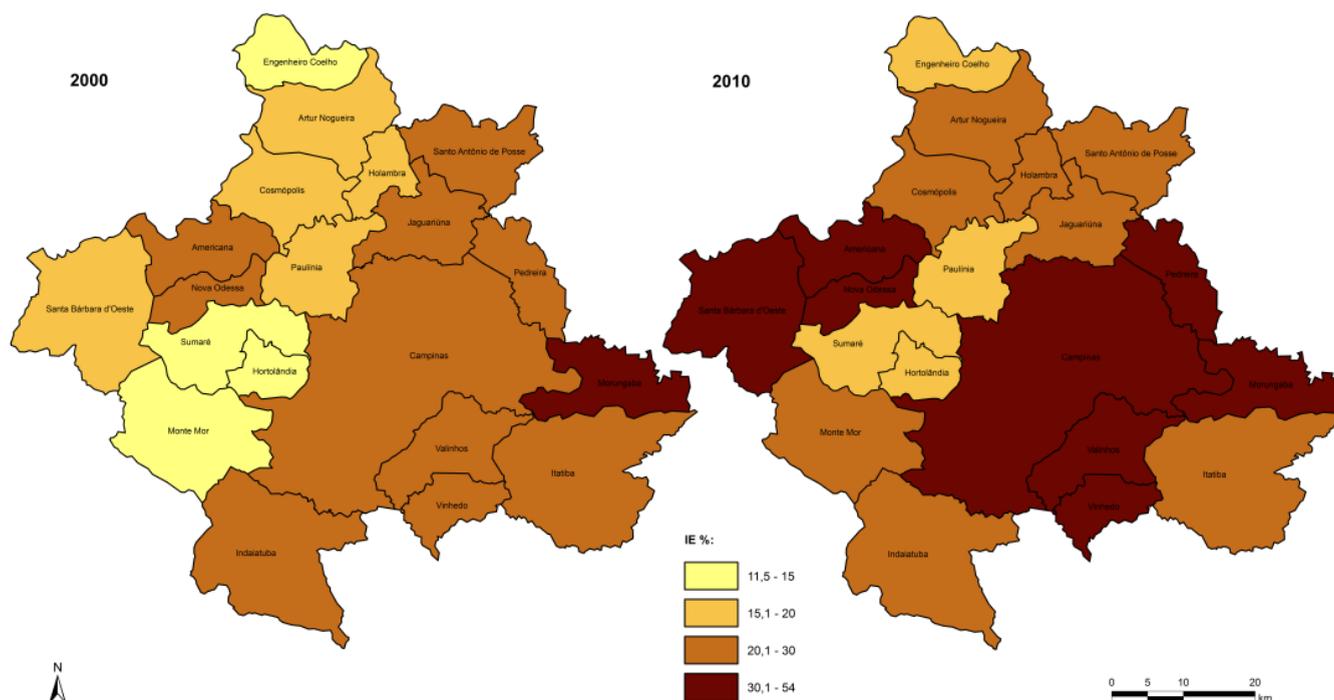
DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE 6 A 14 ANOS, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Também para o segmento de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos constata-se significativa diminuição em toda a Região Metropolitana, cuja participação, em 2010, correspondia em média a 13% da população da região (em 2000 era 15,7%). Nesse caso se percebe não apenas o impacto da queda da fecundidade, mas também certa homogeneização espacial com relação à importância relativa desta relevante fatia populacional, sobretudo ao se considerarem as políticas educacionais voltadas para o ensino fundamental. Novamente, as regiões centrais dos municípios apresentam as menores proporções de crianças e adolescentes de 6 a 14 anos, sobretudo em Campinas.

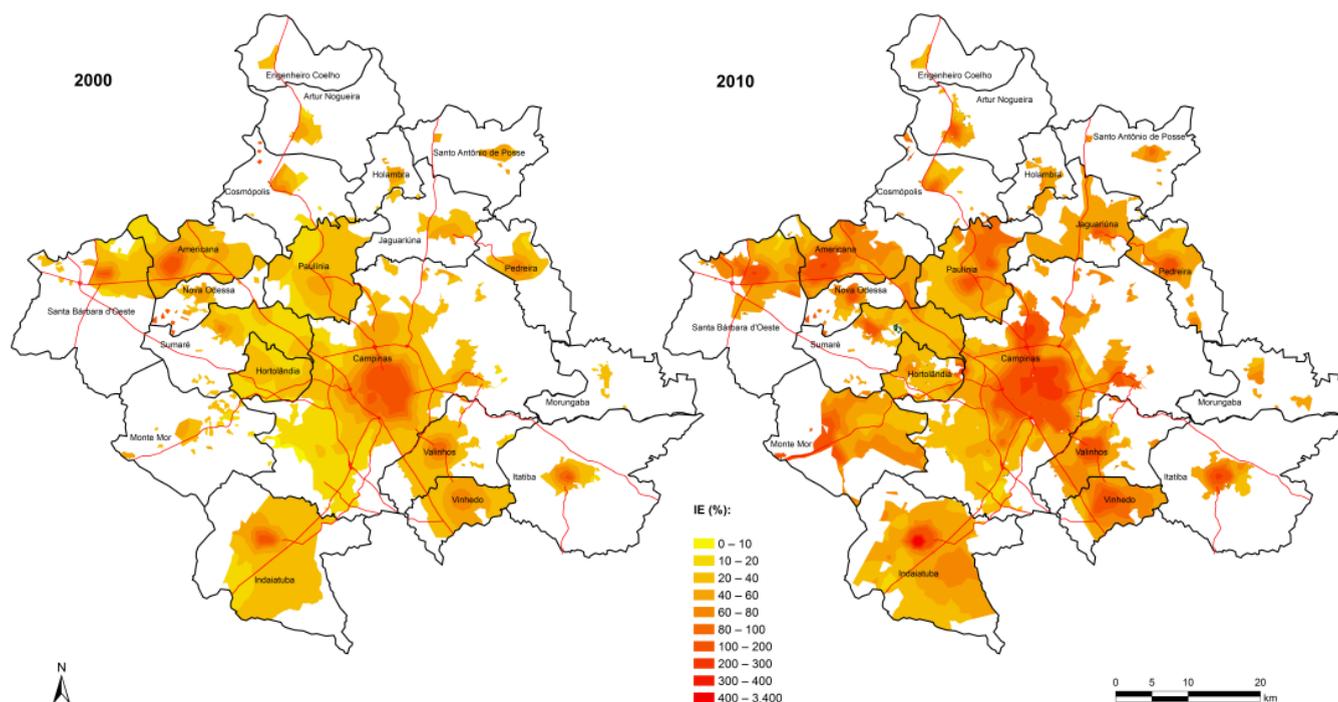
ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO, POR MUNICÍPIO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Sendo um indicador sensível à forma de estrutura etária de uma população, o índice de envelhecimento (IE) (relação entre a população de 65 anos ou mais e a de 0 a 14 anos) é muito útil para identificar as áreas quanto ao nível de concentração de população idosa e, portanto, para melhor estabelecer ações em termos de políticas públicas. Como se nota no mapa, seguindo a tendência nacional de envelhecimento de população, o IE aumentou em todos os municípios da RMC, o que implica o crescimento do peso relativo da população com mais de 65 anos em todas as áreas. Isso quer dizer que, em média, na RMC havia cerca de 30 idosos para cada 100 crianças, em 2010, sendo que em 2000 este índice era de 22,8. No entanto, especialmente em 2010, percebe-se a existência de importantes diferenças em termos do grau de envelhecimento dos municípios da região, sobretudo ao se compararem aqueles com maior participação de população idosa, como Campinas, Americana, Valinhos, Pedreira e Morungaba, com aqueles onde as crianças ainda são parte significativa de população, como Hortolândia e Engenheiro Coelho.

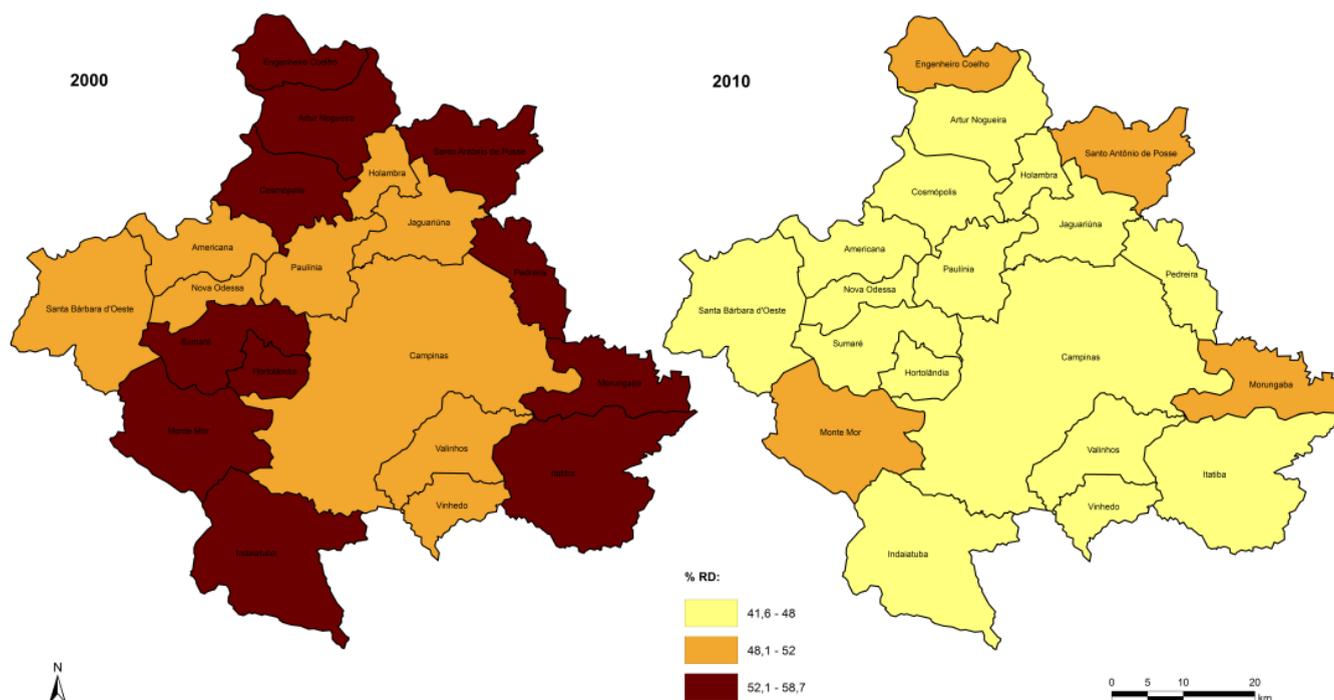
ÍNDICE DE ENVELHECIMENTO, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Com a utilização desse indicador por setor censitário, o cenário espacial do processo de envelhecimento fica muito mais nítido do que aquele apresentado pela análise municipal. De fato, com este tipo de dado é possível perceber não apenas a forte heterogeneidade dentro dos municípios – especialmente aqueles, na média, mais envelhecidos –, mas também a contiguidade demográfica-espacial existente na região em termos da concentração da população de mais tenra idade. O forte envelhecimento das áreas centrais dos municípios se contrasta com o que se observa nas suas áreas mais periféricas, onde o peso da participação das crianças é ainda relevante. Mesmo assim, a comparação dos dois mapas reforça a constatação de que o envelhecimento demográfico tem ocorrido em todos os municípios, inclusive em suas periferias.

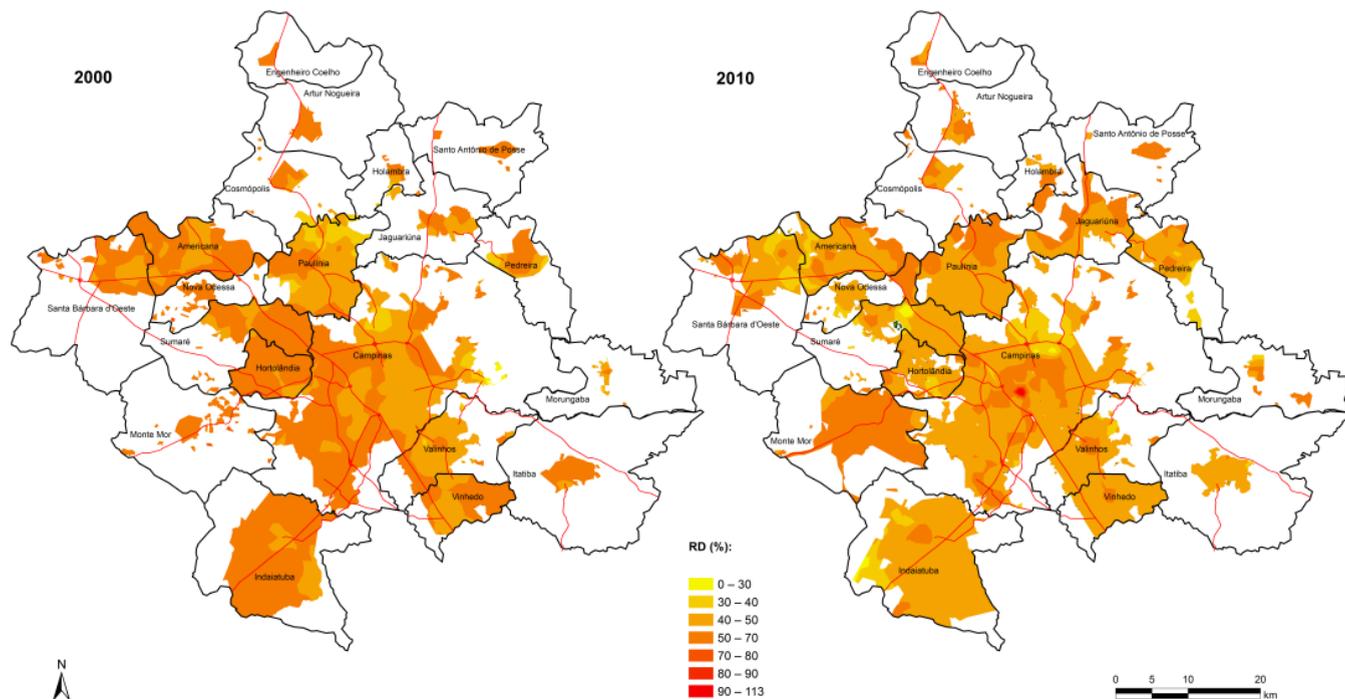
RAZÃO DE DEPENDÊNCIA, POR MUNICÍPIO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Outro indicador de interesse para as políticas públicas é a razão de dependência (RD). Se, em 2000, entre os municípios da RMC, a razão de dependência variava de 49% a 58%, em 2010 todos os municípios já apresentavam o indicador com valores próximos do limite inferior mínimo, com uma média de 43,7%, demonstrando que a região, ao menos do ponto de vista demográfico, já estaria em seu melhor momento para aproveitar o que na demografia tem se chamado de “bônus demográfico”, ou seja, o momento de sua história no qual se encontra a melhor relação entre os que produzem e os que não produzem, dada a diminuição da população menor de 14 anos. Com o envelhecimento progressivo, no entanto, a RD tenderá a crescer novamente nas próximas décadas.

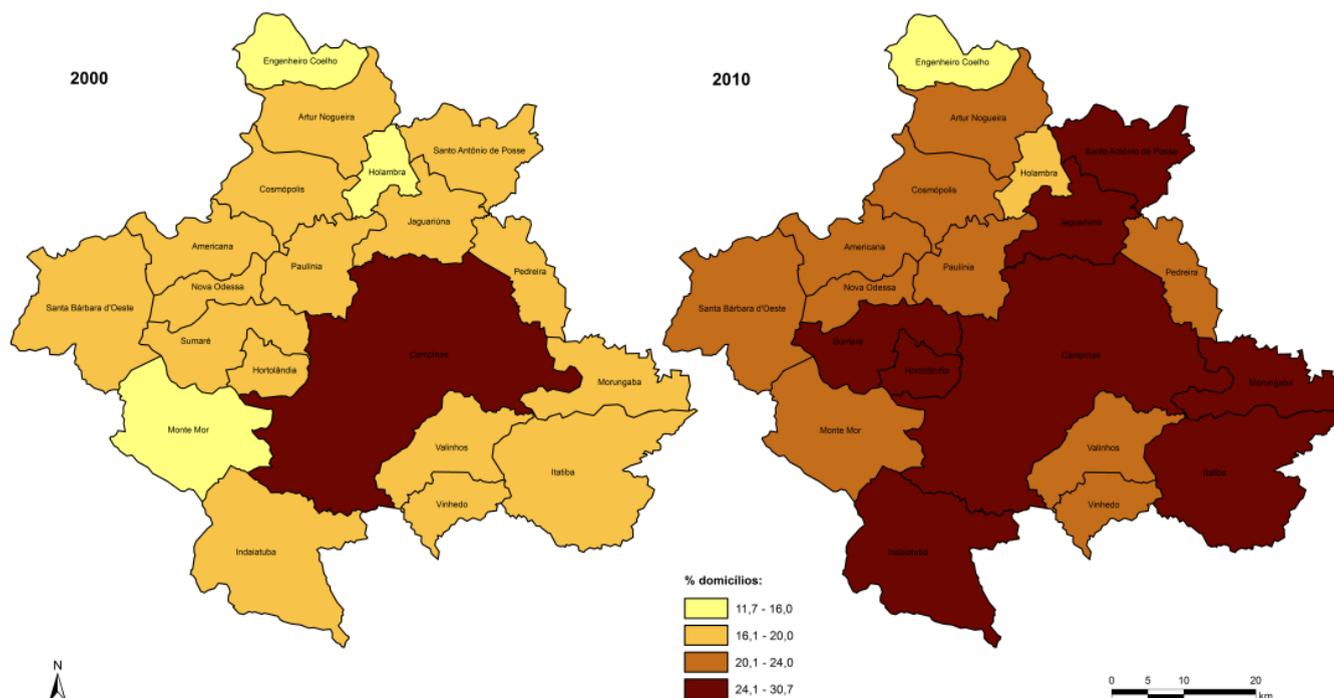
RAZÃO DE DEPENDÊNCIA, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Os dados desagregados por setores censitários confirmam a tendência de redução da razão de dependência (RD) no período 2000-2010, ao mesmo tempo em que reforçam a ideia de maior concentração da população mais jovem nas periferias. Chama a atenção o centro de Campinas, onde setores se mostram com valores altíssimos do indicador em função da alta concentração de idosos; no entanto, isso não significa necessariamente que seja um problema para a área que, como será mostrado, concentra a maior parte da população de alta renda. Este exemplo reitera os cuidados que devem ser tomados na análise deste indicador que, embora útil e eloquente, nem sempre leva a uma realidade.

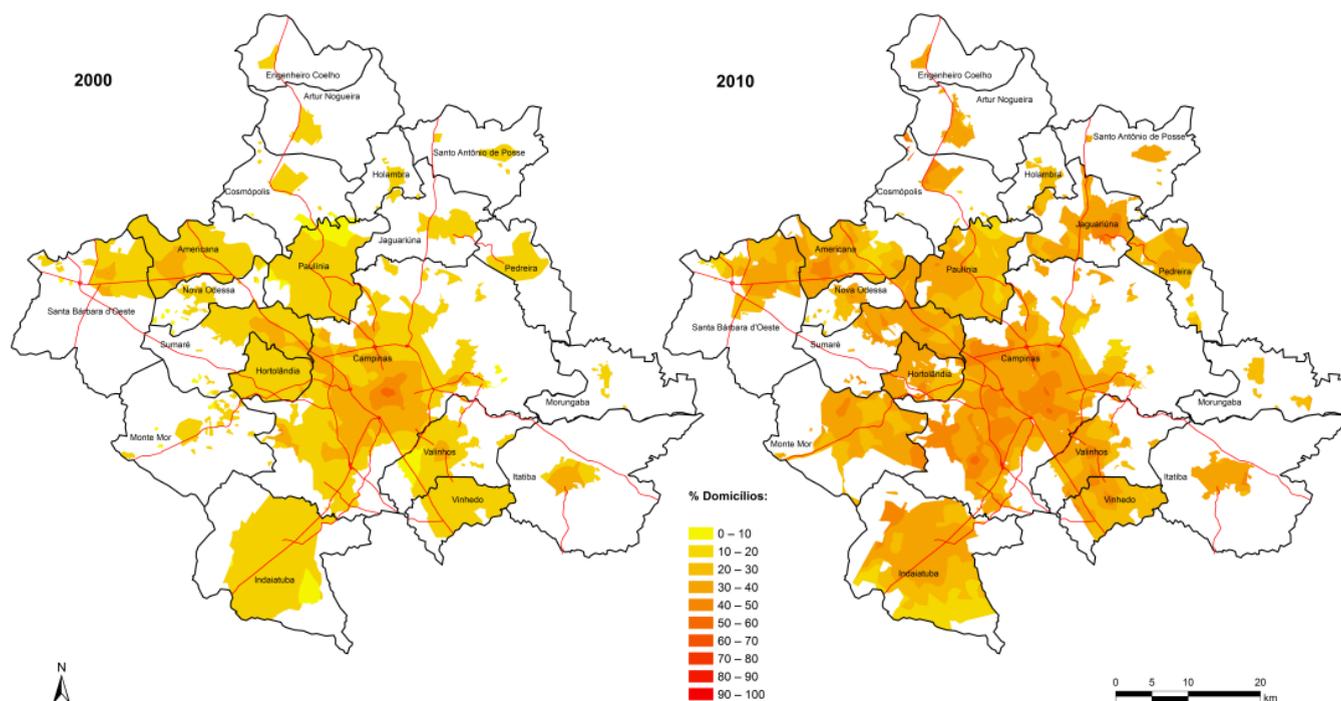
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSABILIDADE EXCLUSIVAMENTE FEMININA, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Nos mapas apresentados é possível verificar que, com exceção de Engenheiro Coelho, houve aumento considerável de domicílios com responsabilidade feminina em todos os municípios do entorno do município-sede (Campinas), no período estudado; em Campinas as taxas se mantiveram elevadas entre um censo e outro. Em 2000, a chefia feminina era bem menos intensa no entorno do que no município-sede. Em 2010, entretanto, essa diferença diminuiu para quase todos os municípios da RMC, que passaram a ter proporções semelhantes de domicílios com chefia feminina, evidenciando, assim, a ampliação desse fenômeno na região. No geral, a proporção de domicílios com responsabilidade exclusivamente feminina na RMC ampliou-se de 21,4%, em 2000, para 25,6%, em 2010. No entanto, Engenheiro Coelho e Holambra permanecem com as menores proporções de chefia feminina da região metropolitana, com 14,8% e 16,2%, respectivamente. Não se pode esquecer, como alertado na seção metodológica, que, entre o Censo de 2000 e o de 2010, houve uma mudança no quesito de responsabilidade doméstica, o que, segundo Saboia et al. (2012), pode justificar a elevação dessas taxas.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSABILIDADE EXCLUSIVAMENTE FEMININA, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



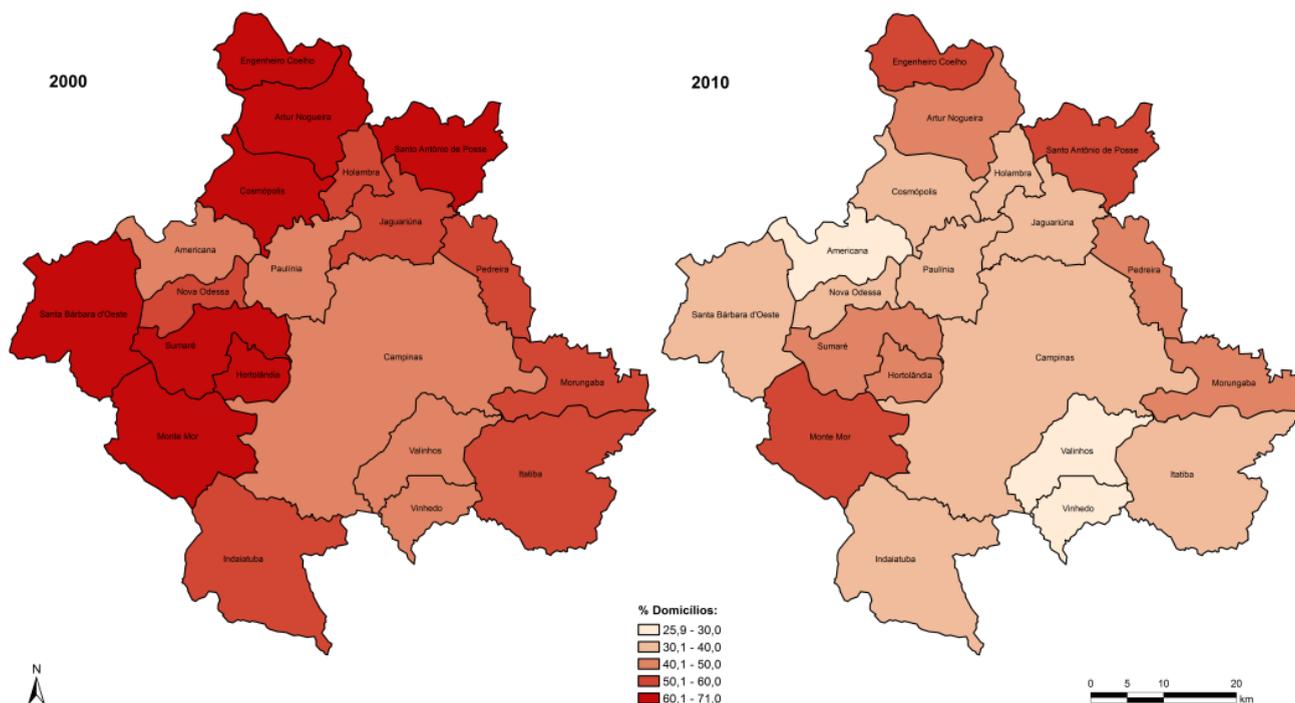
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Também por setores censitários urbanos as informações mostram aumento da responsabilidade feminina na região. Destaca-se que, em algumas áreas, até 60% dos domicílios tinham as mulheres como responsáveis, seja nas áreas centrais ou mesmo nas zonas periféricas de Campinas; também Jaguariúna, Sumaré e Americana contam com áreas de alta participação relativa dos domicílios de responsabilidade feminina. A importância desse tipo de dado está na indicação de um fenômeno que sugere transformações da sociedade, envolvendo, por exemplo, alterações nos padrões de nupcialidade (aumento de divórcios e filhos fora do casamento) e a maior inserção das mulheres no mercado de trabalho, bem como mudanças demográficas que levariam à maior ocorrência de famílias monoparentais com a responsabilidade de mulheres idosas em função da viuvez. No entanto, preocupa o fato de que a chefia feminina seja um fenômeno relevante também em algumas áreas periféricas, que, como já se mostrou, não são espaços de concentração de mulheres mais velhas e, portanto, com maior probabilidade de serem viúvas, como certamente é o caso das áreas centrais (e mais ricas) dos municípios. Além disso, em situação de pobreza, a maior presença de mulheres responsáveis, possivelmente em famílias monoparentais, poderia ser fator de incremento da vulnerabilidade social.



Características socioeconômicas da população

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM BAIXA RENDA *PER CAPITA*, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

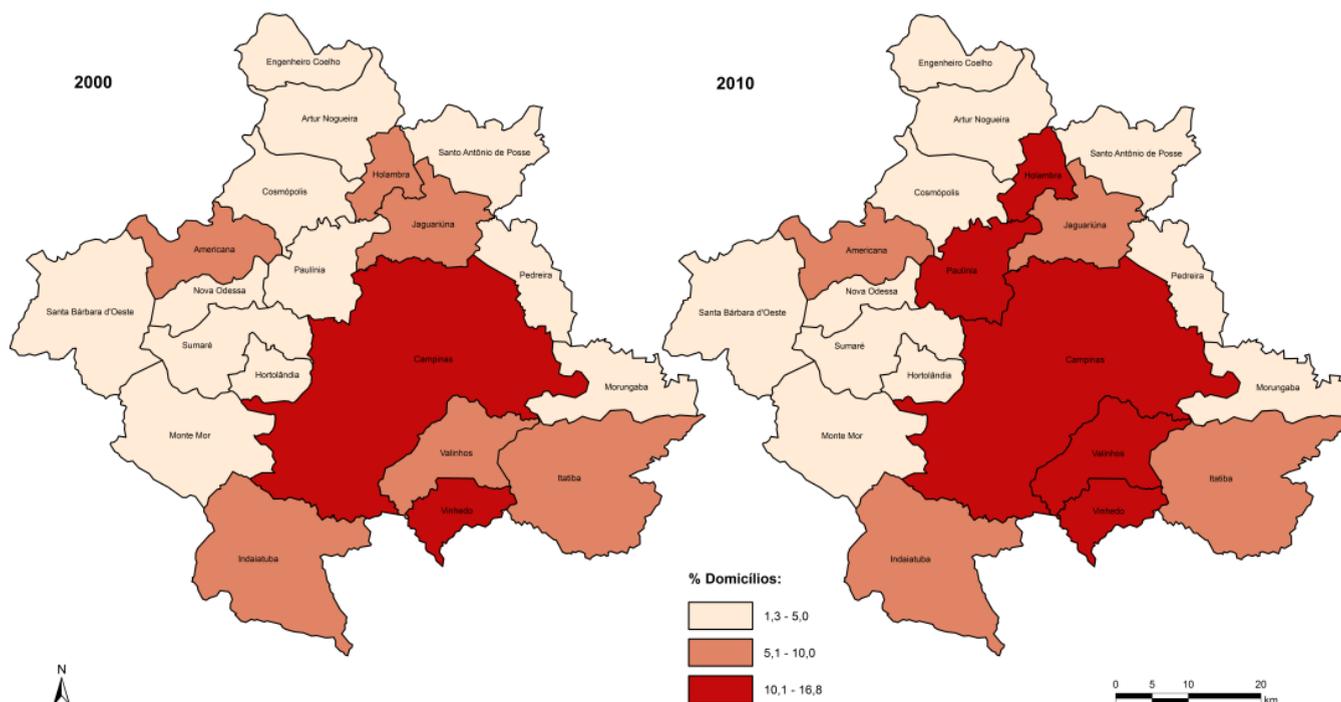


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Nota: Para 2000, foi usada a categoria "até 2 salários mínimos" e, para 2010, "até 1 salário mínimo", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Sobre a distribuição da pobreza na região, os dados mostram uma grande redução no número de domicílios com renda *per capita* mensal média de até um salário mínimo (SM) em todos os municípios, o que inegavelmente indica uma melhora no rendimento das famílias. Na média, a proporção de domicílios com baixo rendimento *per capita* na RMC diminuiu de 50%, em 2000, para 31%, em 2010, porém, neste último ano, ainda permanecem com os maiores percentuais os municípios de Monte Mor (48,3%), Engenheiro Coelho (47,8%), Santo Antônio de Posse (47,3%) e Hortolândia (44,7%). Por outro lado, Valinhos e Vinhedo foram os que apresentaram as menores proporções de domicílios com rendimento *per capita* até 1 SM: 21,7% e 22,2%, respectivamente. No mapa é possível visualizar, em 2000, um vetor de concentração de municípios com menor percentual de domicílios com baixo rendimento, que se estende de sudeste a noroeste da região, entre Vinhedo e Americana, passando por Campinas e Paulínia; em 2010 este quadro se mantém, embora agora incorporando Itatiba, Indaiatuba e Holambra.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM ALTA RENDA PER CAPITA,
 POR MUNICÍPIO
 REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



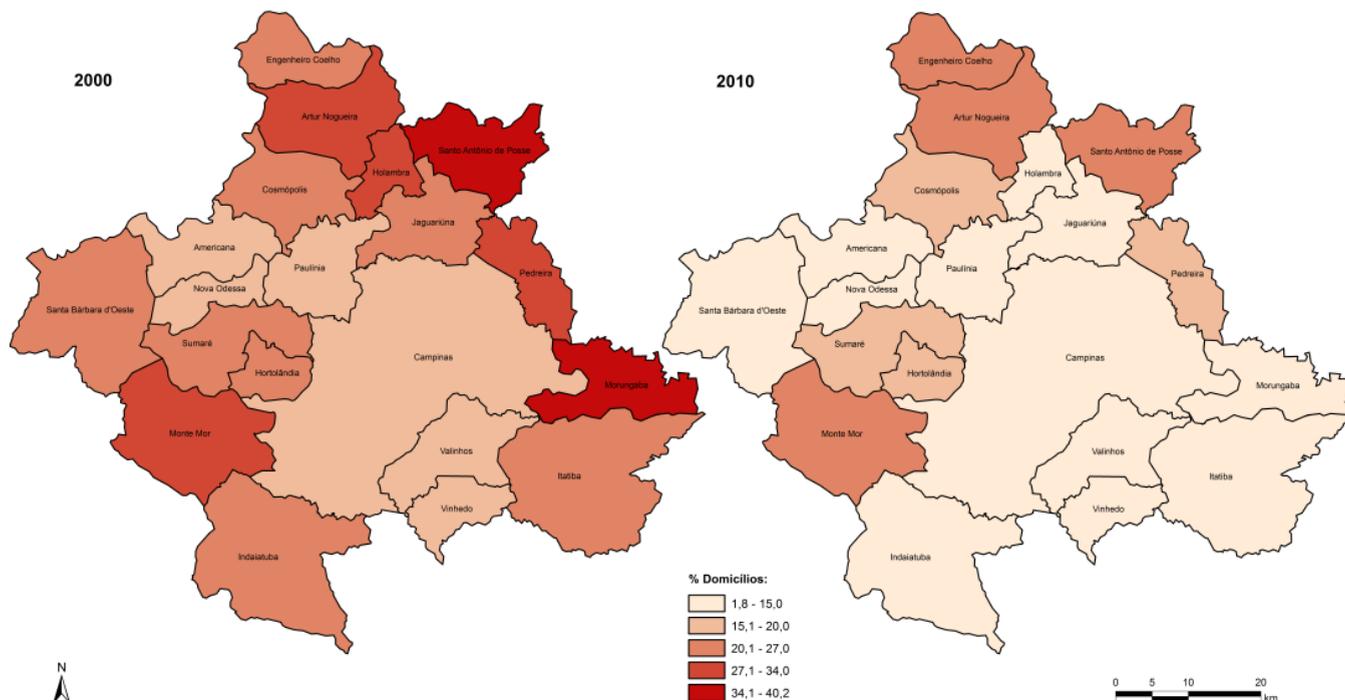
32
RMC

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Nota: Para 2000 foi usada a categoria "mais de 10 salários mínimos" e, para 2010, "mais de 5 salários mínimos", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Nota-se que o padrão da desigualdade socioespacial na RMC quase não se alterou durante esses 10 anos. Em contraposição ao mapa anterior, observam-se agora os municípios com maior percentual de domicílios com alto rendimento *per capita*: Campinas e Vinhedo, com 16% cada (em 2010), seguidos por Valinhos (15%), Holambra (14%) e Paulínia (11%), municípios que passam por intenso processo de "gentrificação", o qual refere-se ao fenômeno de transformação ou renovação urbana de uma área que se torna predominantemente habitada por população de alta renda ou ocupada por atividades e serviços voltados para esta população. Para mais detalhes ver, por exemplo, Sabatini et al. (2010). Além disso, vale ressaltar que em todos os municípios o percentual de domicílios com alto rendimento *per capita* aumentou, inclusive a média da região passou de 7,5% para 11%, o que novamente indica uma melhora no rendimento das famílias durante o período.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSÁVEIS COM BAIXO RENDIMENTO, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

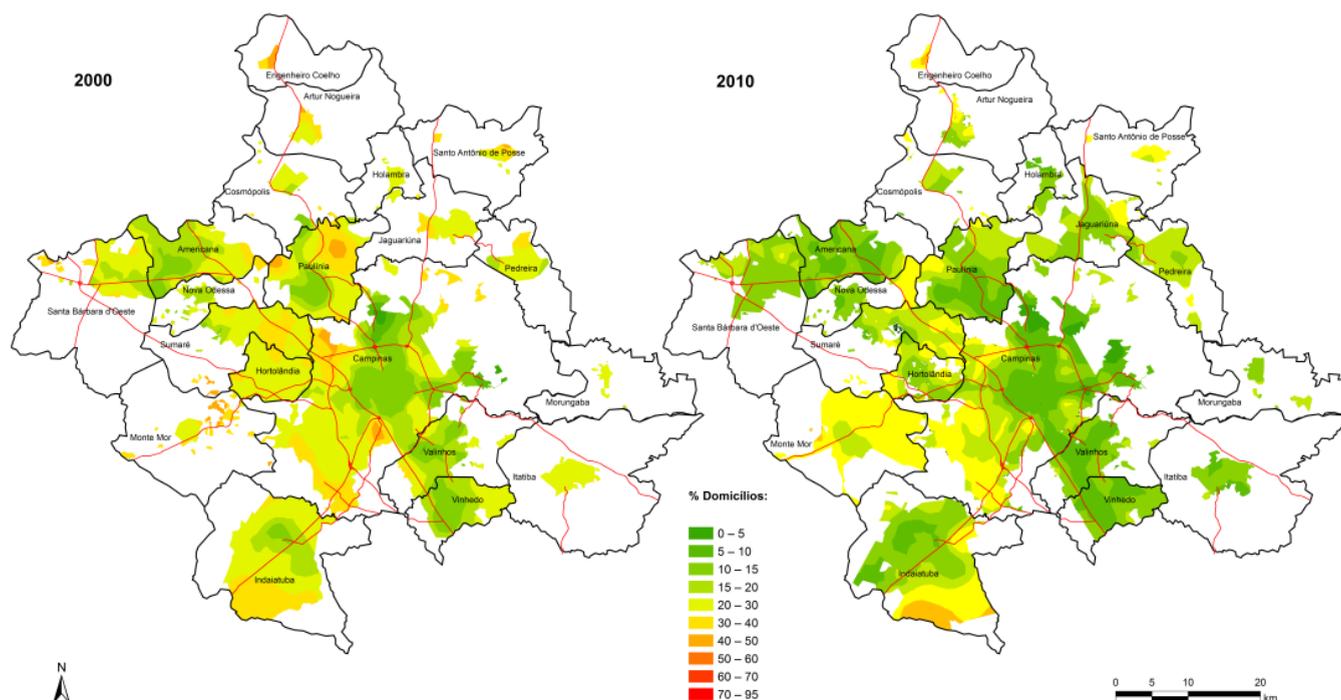


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Nota: Para 2000, foi usada a categoria "até 2 salários mínimos" e, para 2010, "até 1 salário mínimo", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Assim como observado para o rendimento domiciliar *per capita*, há uma diminuição na proporção de responsáveis pelo domicílio com baixo rendimento, em todos os municípios da região metropolitana, fazendo com que a média da RMC caísse de 19% (2000) para 12% (2010). Engenheiro Coelho, Arthur Nogueira e Santo Antônio de Posse ainda permanecem com os maiores percentuais de responsáveis com baixo rendimento em 2010: 26%, 21% e 24%, respectivamente, assim como Monte Mor (21%), que abriga grande parte da população de baixa renda da região.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSÁVEIS COM BAIXO RENDIMENTO,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

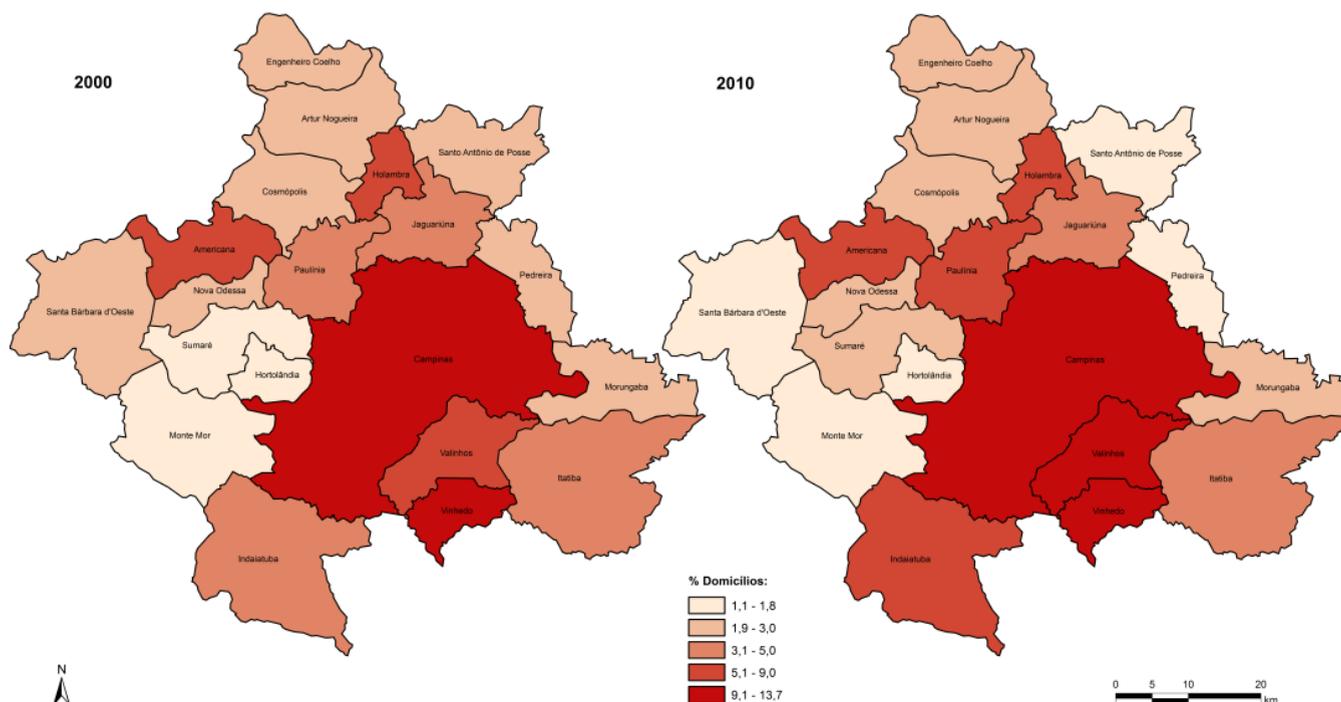


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Nota: Para 2000, foi usada a categoria "até 2 salários mínimos" e, para 2010, "até 1 salário mínimo", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Embora, no período estudado, tenha diminuído a proporção de responsáveis pelo domicílio com baixo rendimento em praticamente toda a RMC, percebe-se que os maiores percentuais ainda permanecem em uma zona que já se destacava em 2000, ou seja, aquela que envolvia, num *continuum* espacial, o sudoeste de Campinas, Monte Mor, Hortolândia e Sumaré, área conhecida como "cordilheira da pobreza" (CUNHA, 2006), onde tradicionalmente se concentra a maior parte da população de baixa renda da RMC. Além disso, nota-se que algumas novas áreas de expansão urbana, como em Monte Mor, Indaiatuba e Paulínia, além de Santo Antônio de Posse e Engenheiro Coelho, também apresentam comportamento semelhante, indicando uma expansão de periferias sociais, ou seja, aquelas que abrigam população de mais baixa renda.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSÁVEIS COM ALTO RENDIMENTO, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

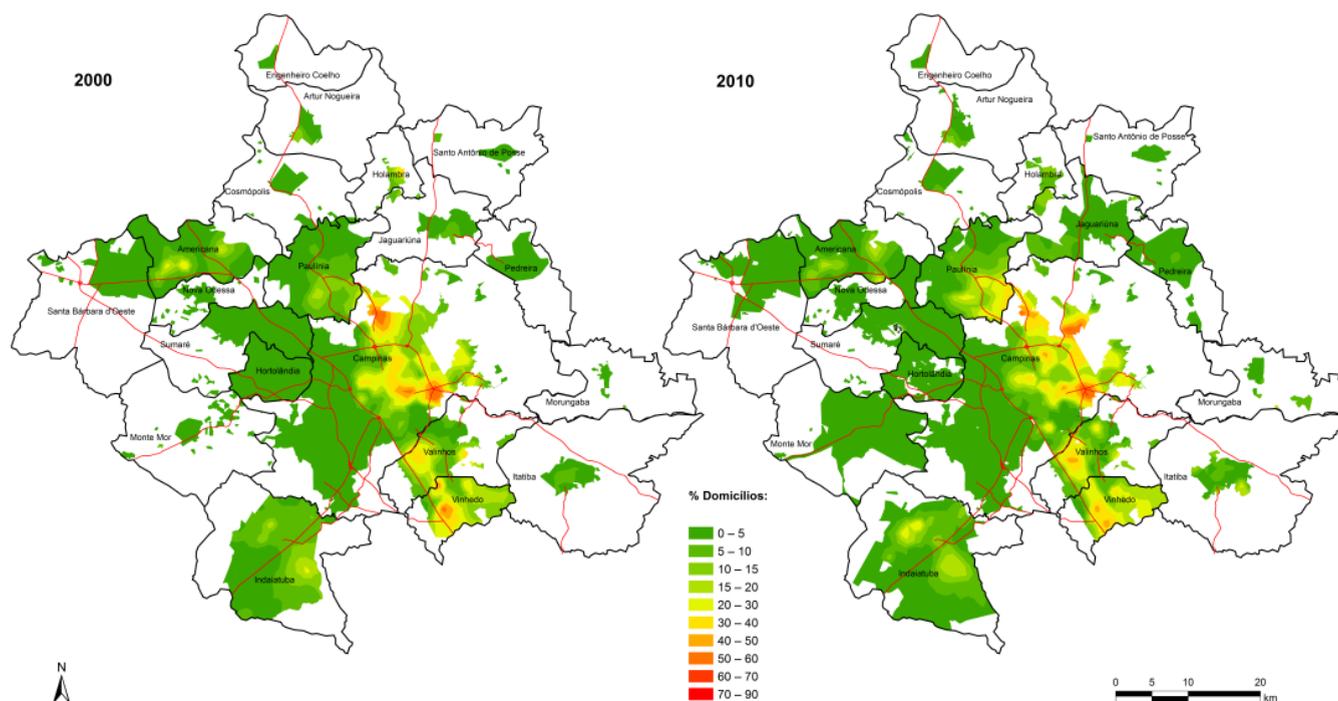


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Nota: Para 2000, foi usada a categoria "mais de 20 salários mínimos" e, para 2010, "mais de 10 salários mínimos", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Entre 2000 e 2010 a proporção máxima de responsáveis dos domicílios com alto rendimento praticamente não se alterou, sendo que Vinhedo permaneceu como maior percentual (13,6%). Alguns municípios chegaram a reduzir esse indicador, como Campinas e Americana (considerados polo e subpolo da RMC, respectivamente). Aliás, considerando-se o total da RMC, a proporção de responsáveis com alto rendimento diminuiu de 6,27% para 5,5%, entre 2000 e 2010. Contudo, a maioria dos municípios manteve uma proporção semelhante nos dois anos. Somente Valinhos, Indaiatuba e Paulínia apresentaram incremento no indicador, fato que muito provavelmente reflete a mobilidade residencial em direção a estes municípios que se tornaram mais atrativos para a população mais abastada em função das ofertas habitacionais, em especial os condomínios privados (CUNHA, 2016; DOTA, 2015). Vinhedo e Valinhos configuram-se como os municípios com a maior proporção relativa de responsáveis com maior poder aquisitivo em 2010, enquanto Monte Mor e Hortolândia permanecem com os menores percentuais, em torno de 1%.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM RESPONSÁVEIS COM ALTO RENDIMENTO,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

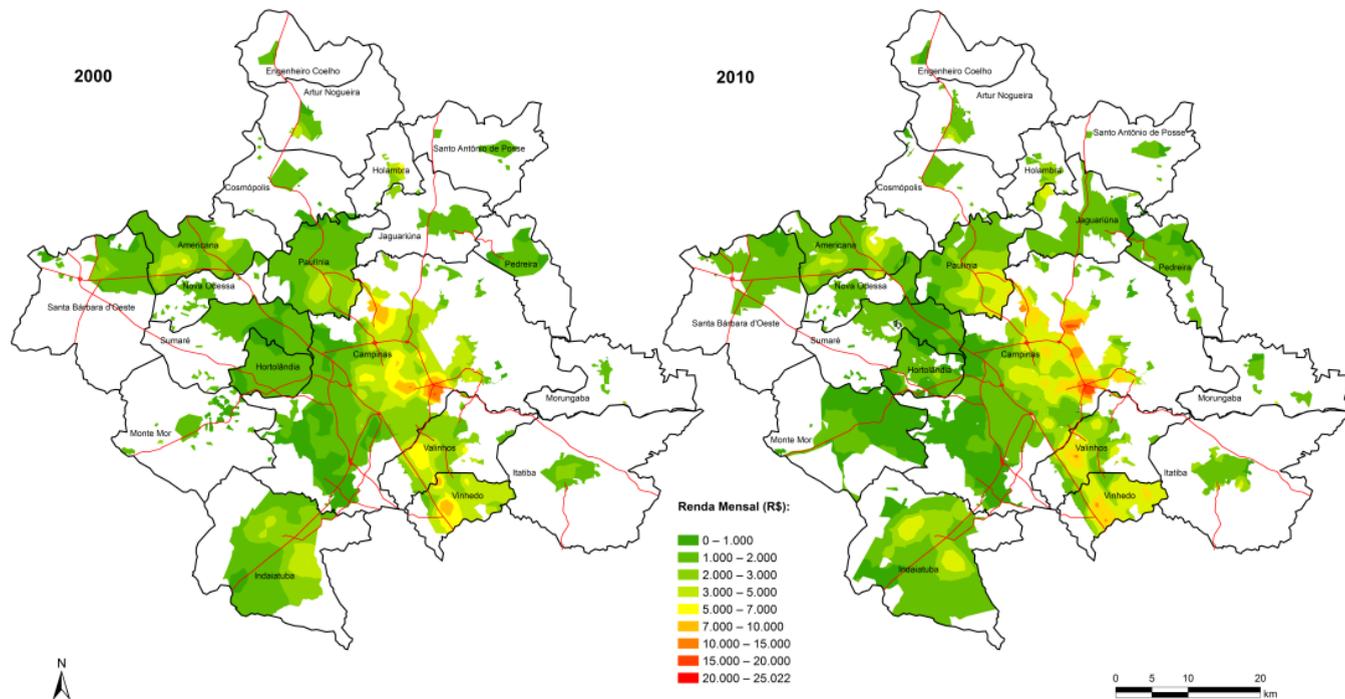


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Nota: Para 2000, foi usada a categoria "mais de 20 salários mínimos" e, para 2010, "mais de 10 salários mínimos", por conta do aumento do salário mínimo durante o período.

Como não poderia deixar de ser, este mapa indica uma tendência inversa à apresentada a partir dos dados de domicílios com responsáveis com baixo rendimento. Nele, percebe-se claramente a configuração da "cordilheira da riqueza", identificada em estudo anterior (CUNHA, 2006), que, durante o período analisado, se expandiu e se consolidou ao nordeste da Rodovia Anhanguera. Nesta região se concentra a maior parte da população de alta renda da RMC, em 2010: uma faixa territorial que se perfila desde Vinhedo, passando por Valinhos, pelo centro-norte de Campinas e se estendendo até Paulínia, onde alguns setores registram quase 90% dos responsáveis pelo domicílio com rendimento superior a 10 salários mínimos. Este mapa evidencia, portanto, o intenso processo de segregação socioespacial na RMC, tendo a Rodovia Anhanguera como uma espécie de "divisor de águas". De um lado, ao sudoeste de Campinas (DICs, Vida Nova, Parque Oziel, Campo Grande, Campo Belo etc.), Monte Mor, Hortolândia e Sumaré, a proporção dos responsáveis com maiores rendimentos não ultrapassa os 5%; de outro lado, ao norte e nordeste de Campinas (Cambuí, Taquaral, Sousas, Barão Geraldo, Alphaville, conectados pela Rodovia D. Pedro I), Valinhos e Vinhedo registram concentrações de população de alta renda, que também podem ser detectadas nos centros de outros municípios, como Indaiatuba, Americana e Itatiba.

RENDA MÉDIA DOS RESPONSÁVEIS PELO DOMICÍLIO, POR SETORES
CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

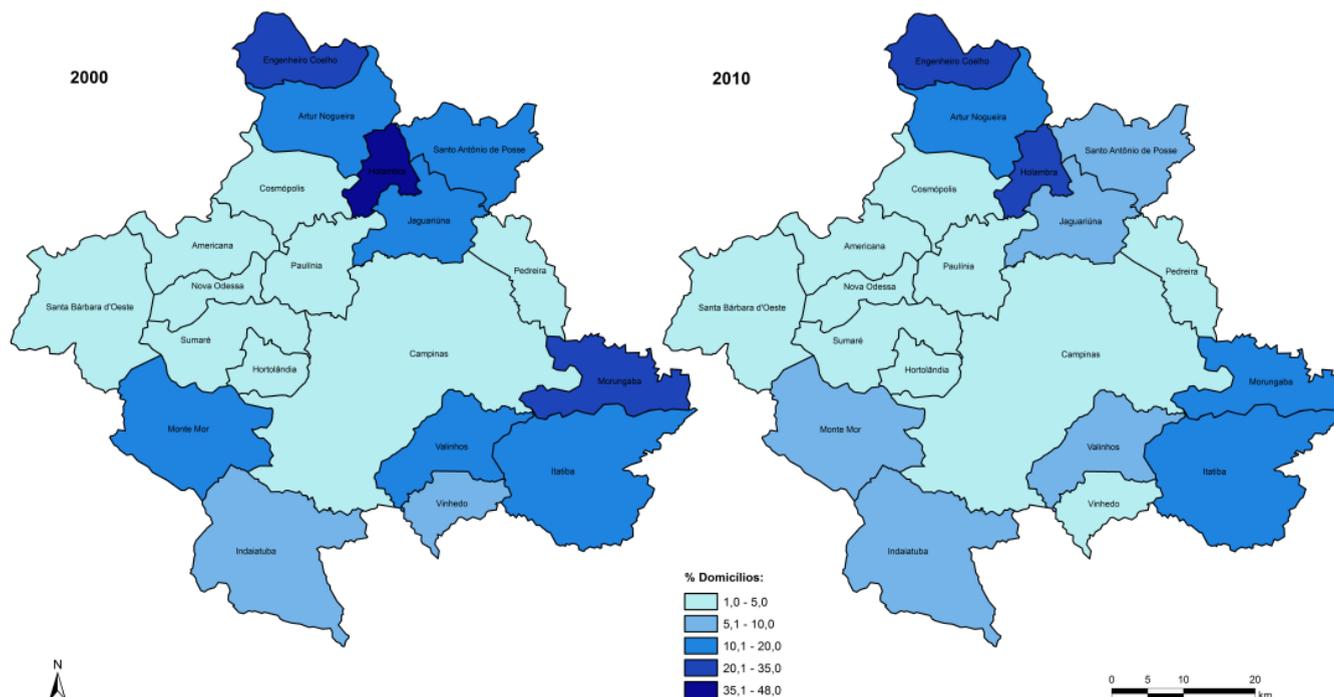
Nota: Para 2000, a renda média foi multiplicada por 1,96, correspondendo à inflação do salário mínimo no período.

O mapa representa a distribuição espacial da renda média dos responsáveis pelos domicílios por setores censitários. Nele fica novamente explícita a configuração das “cordilheiras”, concentrando, acima da Rodovia Anhanguera, os responsáveis com maiores rendimentos e, abaixo dela, aqueles com os menores rendimentos. Esse padrão da segregação socioespacial na RM de Campinas se intensificou durante os anos 2000.



Infraestrutura habitacional e entorno

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS NÃO LIGADOS À REDE GERAL DE ÁGUA, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



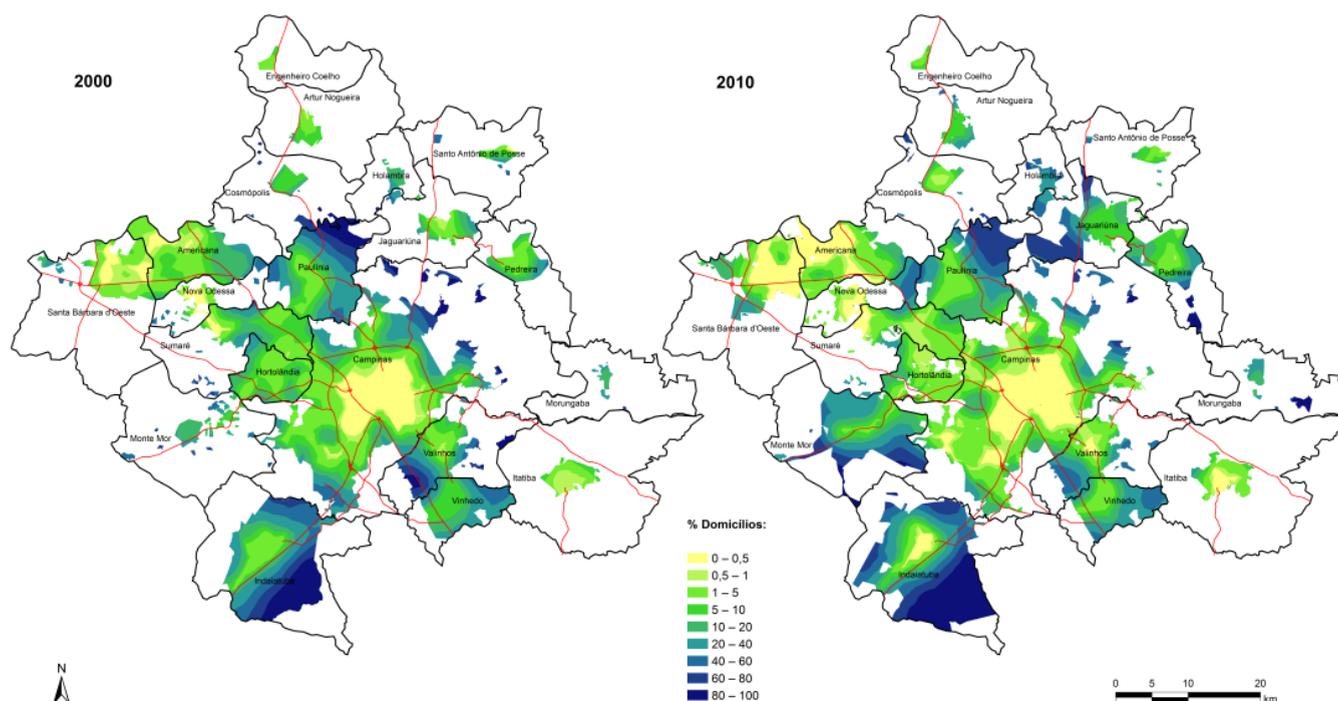
Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Em 2000, a maior parte dos municípios da RMC já apresentava percentual de domicílios não ligados à rede geral de água inferior a 5%, que era a média da região. Os municípios com proporção ainda relativamente elevada, em 2000, eram aqueles com grau de urbanização mais baixo, como Engenheiro Coelho (com 70%) e Holambra (54,6%), aqueles com maior número de chácaras, como Valinhos, Vinhedo e Indaiatuba, ou ainda por conta do predomínio de ocupações populares, como no caso de Monte Mor e Morungaba.

Em 2010, a média regional diminuiu para 3,6%, verificando-se uma melhoria na oferta desse serviço em alguns municípios que ainda tinham percentual mais elevado em 2000, como Holambra, Santo Antônio de Posse, Jaguariúna, Monte Mor, Morungaba, Valinhos e Vinhedo, sendo este último o único que conseguiu reduzir a proporção para a menor categoria, atingindo apenas 4% dos domicílios. Holambra e Engenheiro Coelho permaneceram com as maiores proporções de domicílios não ligados à rede geral de água (32% e 25%, respectivamente), enquanto Santa Barbara d'Oeste registrou a menor, de 0,95%, ficando à frente de Campinas (1,87%).

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS NÃO LIGADOS À REDE GERAL DE ÁGUA,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

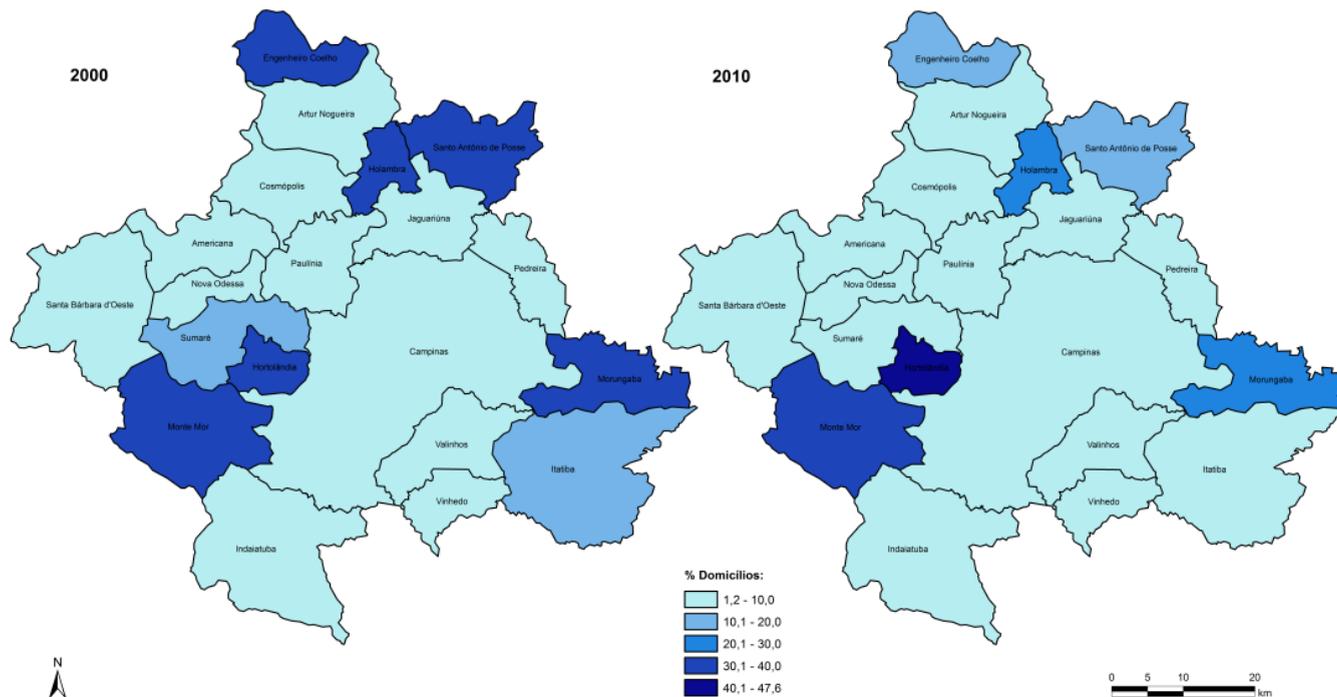
40
RMC



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Apesar da visível evolução deste indicador no período observado, em 2010 ainda se observa o mesmo padrão na distribuição da rede geral de água na RMC que havia em 2000: atendimento praticamente universal na região central de Campinas, Americana, Santa Bárbara d'Oeste e de outros municípios, diminuindo à medida que se avança para as periferias mais distantes. Nota-se também o surgimento de novas áreas na mancha urbana em municípios como Paulínia, Jaguariúna, Indaiatuba, Monte Mor e Morungaba, nas quais eram elevadas as proporções de domicílios não ligados à rede geral, o que indica a localização das ocupações precárias.

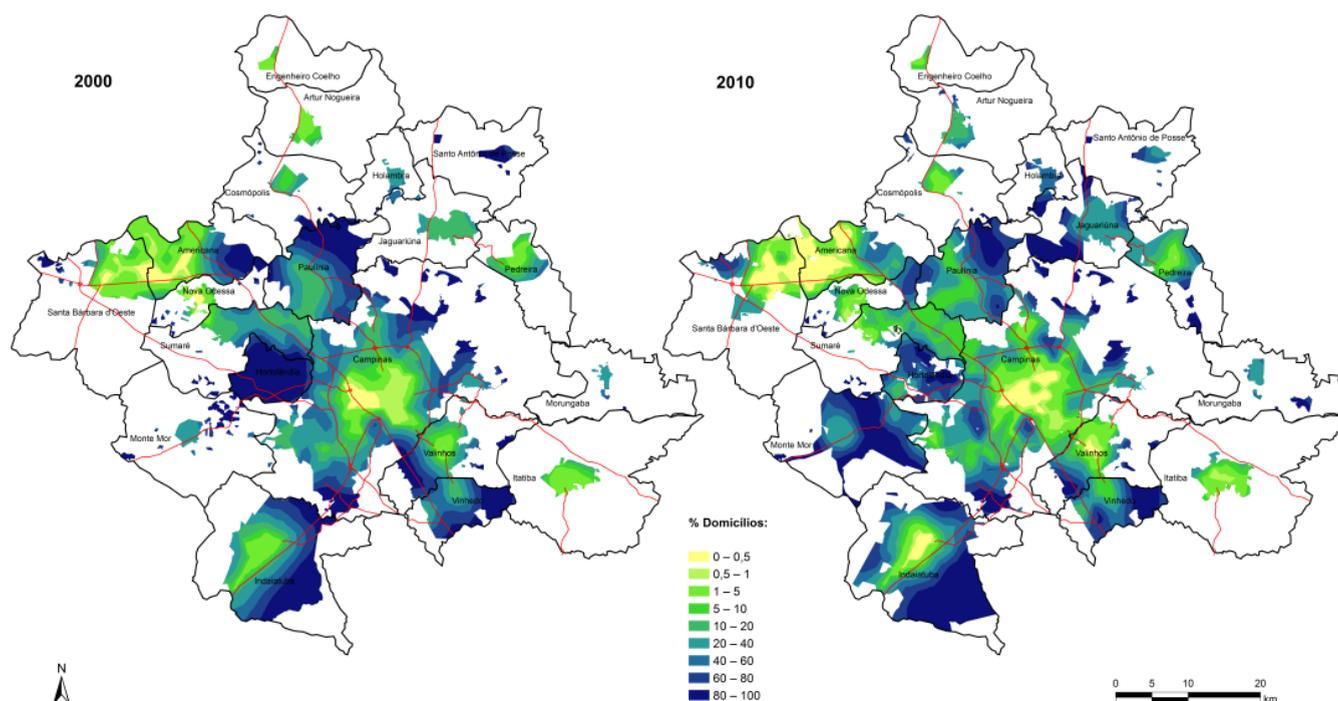
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS NÃO LIGADOS À REDE GERAL DE
ESGOTO, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Tendo em vista o alto grau de atendimento deste tipo de serviço na região, os dados por municípios não permitem observar grande heterogeneidade entre as áreas. No entanto, há uma redução do percentual de domicílios não ligados à rede geral de esgoto em praticamente todos os municípios, com exceção de Hortolândia, onde houve um aumento de 21% para 47% de domicílios nesta situação, entre 2000 e 2010, indicando um possível crescimento das ocupações de terras ou a criação de loteamentos com infraestrutura precária. Na média, há uma redução de apenas 1% dos domicílios não ligados à rede geral de esgoto (de 10% em 2000 para 9% em 2010) em toda a região metropolitana.

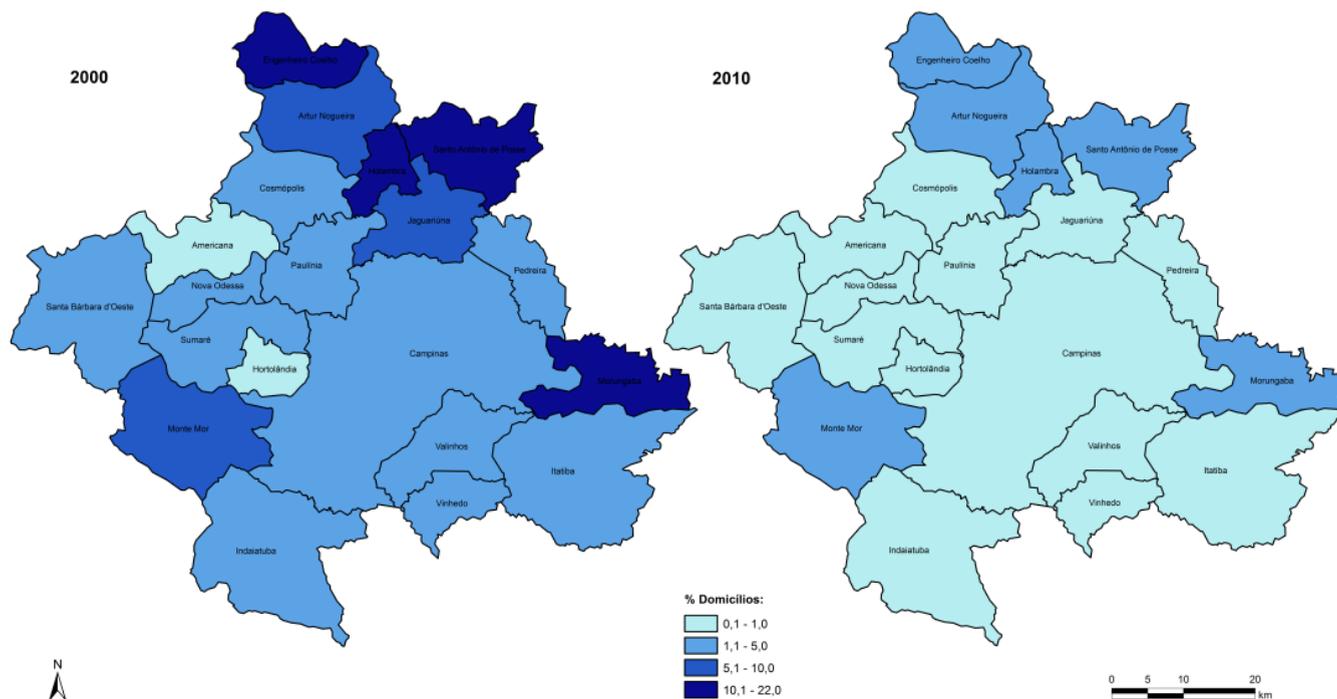
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS NÃO LIGADOS À REDE GERAL DE ESGOTO,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Os dados apresentados na escala geográfica dos setores censitários urbanos permitem apreciar melhor a heterogeneidade ainda existente tanto entre os municípios, quanto dentro deles. Embora em 2010 se observe, em geral, uma melhora nas regiões em relação à situação de 2000, ainda continuam existindo exceções, como em Hortolândia e nas novas áreas incorporadas à mancha urbana em 2010, bem como naquelas situadas em Monte Mor, Santa Bárbara d'Oeste, Jaguariúna, Indaiatuba e Morungaba, indicando assim a possibilidade de haver novos assentamentos com precariedade em termos de infraestrutura urbana. Assim, fica claro que se mantém o padrão da distribuição desigual deste tipo de serviço público: praticamente universal nas regiões centrais, estendendo-se pela “cordilheira da riqueza”, e nitidamente deficitário na “cordilheira da pobreza”, ou seja, em Hortolândia, Monte Mor, sul e sudoeste de Campinas (próximo ao aeroporto de Viracopos e na divisa com Indaiatuba), além das periferias dos outros municípios. Infelizmente, nestas áreas ainda predominam outras formas de esgotamento sanitários, como a fossa rudimentar ou escoamento direto em rio ou lagoa.

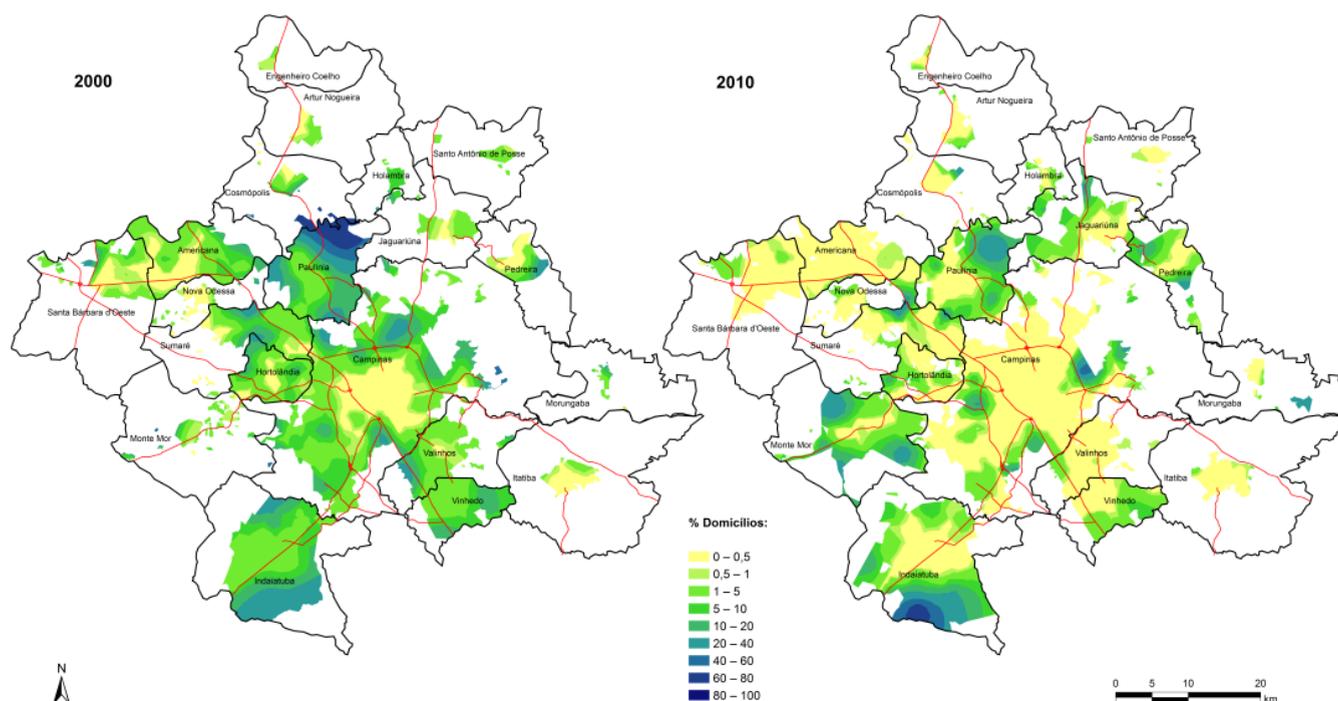
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM COLETA DE LIXO, POR MUNICÍPIO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Entre 2000 e 2010 a coleta de lixo ampliou-se significativamente na RMC, diminuindo de 2% para 0,5% o percentual de domicílios sem coleta de lixo em toda a região metropolitana. Em Americana e Hortolândia esse serviço já era praticamente universalizado no início do período. Destaca-se que os percentuais mais elevados de domicílios sem coleta de lixo, em 2010, pertenciam aos menores municípios, que, como já se observou, ainda possuem número significativo de domicílios em áreas rurais, com exceção de Monte Mor.

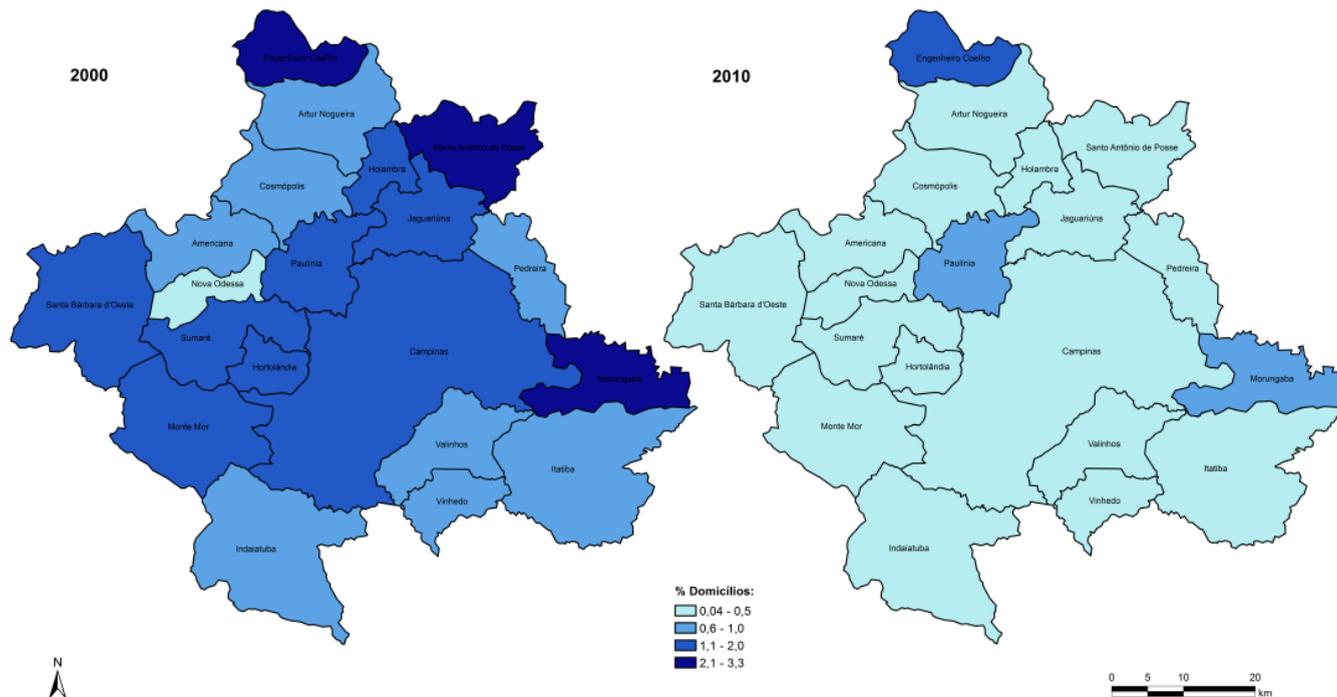
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM COLETA DE LIXO, POR SETORES CENSI-
TÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

A desagregação dos dados por setores censitários torna bem mais visível a heterogeneidade socioespacial da região, seja em termos da comparação entre municípios, seja no nível intramunicipal. Como já mostrado nos mapas em escala municipal, embora seja possível identificar um avanço na cobertura da coleta de lixo no período bem maior do que o verificado, por exemplo, para os sistemas de água e esgoto, são notáveis a existência de deficiências nas periferias municipais e a piora neste serviço na região sul de Indaiatuba e nas novas áreas urbanas de Monte Mor e Morungaba.

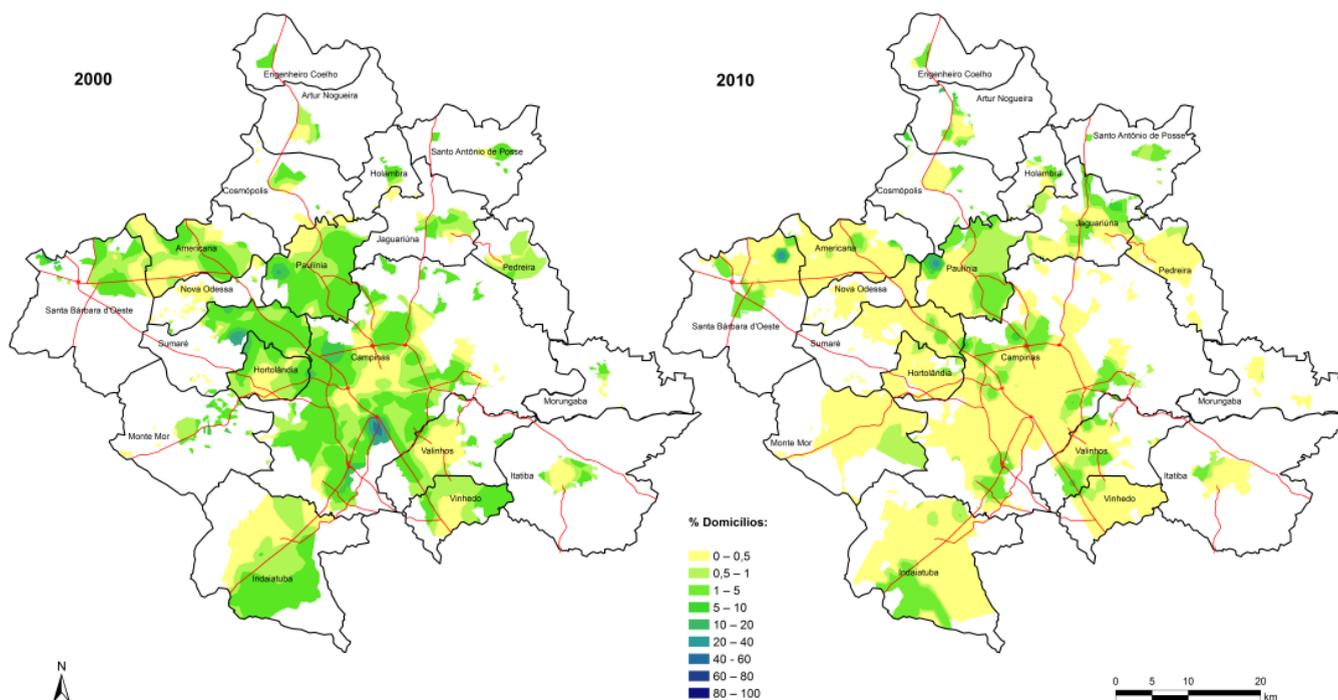
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM BANHEIRO, POR MUNICÍPIO REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Como já mencionado, o número de banheiros é um ótimo indicador da qualidade construtiva dos domicílios, de forma que a existência de domicílios sem banheiro indica uma condição de precariedade e baixo padrão construtivo. Apesar dos pequenos valores e da pouca variabilidade entre os municípios, pode-se constatar que, entre 2000 e 2010, houve redução no percentual de domicílios sem banheiro em todos eles, sendo que a quase totalidade dos municípios registrou, em 2010, percentual de domicílios sem banheiro inferior a 0,5%. Na média da região, este indicador diminuiu de 1,08% para 0,2% durante o período. Apenas Engenheiro Coelho apresentava proporção mais elevada em 2010 (1,79%), não obstante deva ser levado em conta que o município ainda tem uma população rural importante.

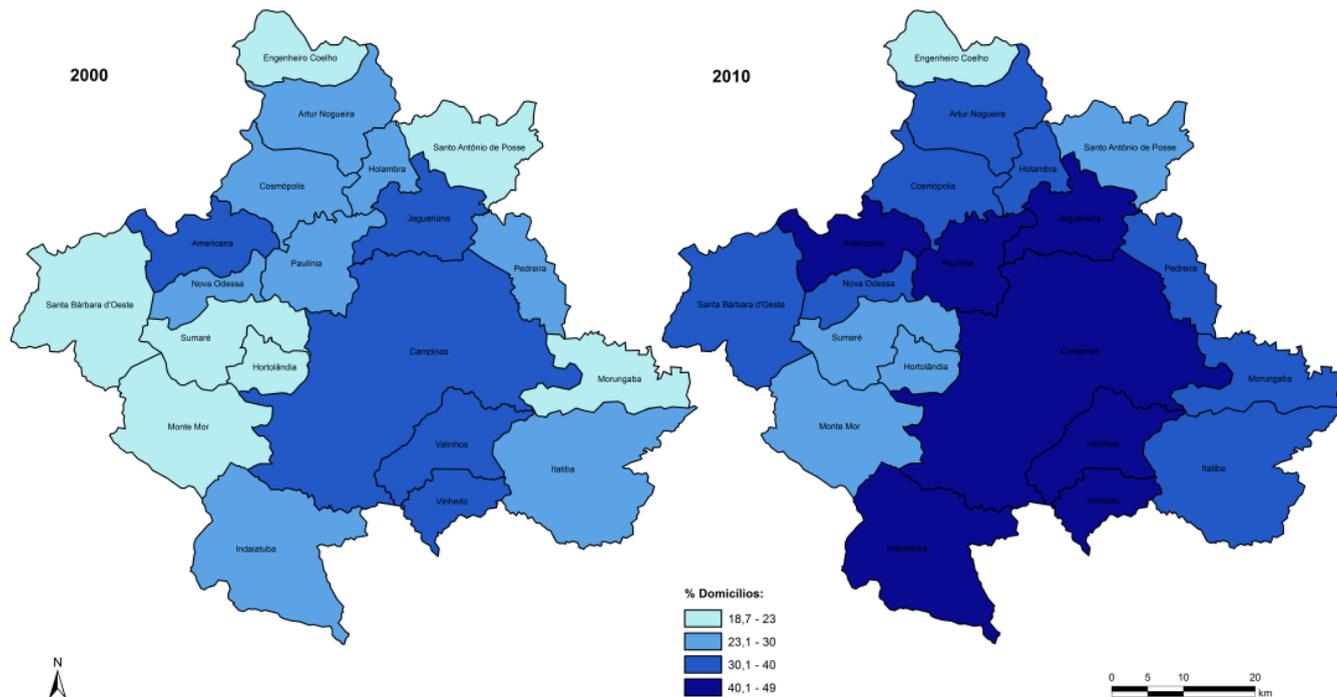
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM BANHEIRO, POR SETORES
 CENSITÁRIOS URBANOS
 REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Com a espacialização desse indicador por setores, é possível perceber com mais nitidez a redução dos domicílios sem banheiro em todas as zonas da RMC, bem como identificar as áreas nas quais ainda persistem as maiores deficiências. Grande parte da região metropolitana realmente não ultrapassou 0,5% de domicílios sem banheiro, em 2010. Contudo, zonas como o conhecido Parque Oziel, em Campinas (assentamento à beira da Rodovia Santos Dumont, muito próximo do entroncamento com a Anhanguera), chamam a atenção, já que, enquanto em 2000 esta localidade apresentava até 40% de domicílios sem banheiro, em 2010, o percentual diminuiu para menos de 0,5%, indicando melhoria significativa nas condições de vida das famílias que lá residem. Porém, com exceção de Hortolândia e Itatiba, nos demais municípios da região ainda se registravam áreas com até 10% desses domicílios. Engenheiro Coelho realmente apresentava uma maior proporção desses domicílios em seu pequeno núcleo urbano e Paulínia também mostrava um percentual mais elevado desse indicador em grande parte de seu território, possuindo inclusive a área com a maior concentração de domicílios sem banheiro da RMC (com até 20%), já próxima da região rural de Americana. Nota-se que a ausência de banheiros nos domicílios pode estar muito relacionada à sua situação rural ou urbana, como no caso de Engenheiro Coelho e desta pequena área em Paulínia.

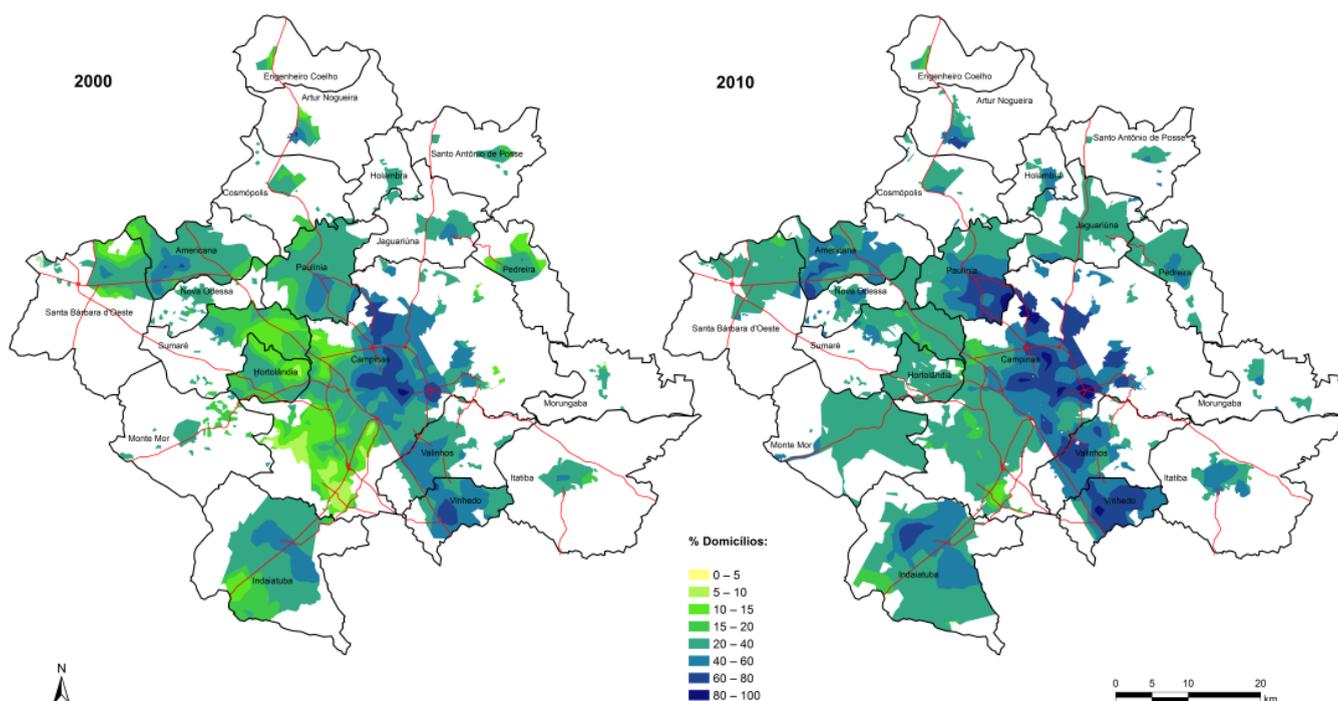
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM DOIS OU MAIS BANHEIROS, POR
MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Avaliar a heterogeneidade espacial em termos de domicílios com mais de dois banheiros seria outra forma de identificar os diferenciais espaciais em termos da qualidade de vida e qualidade construtiva dos domicílios na região. Nesse caso, percebe-se crescimento deste indicador em todos os municípios, inclusive em Engenheiro Coelho (de 19,8% para 23,6%). O aumento também é verificado em Sumaré, Hortolândia e Monte Mor, podendo indicar um incremento de moradias destinadas a famílias de extratos socioeconômicos médios nesses municípios. Americana, Paulínia, Valinhos e Vinhedo (municípios da chamada “cordilheira da riqueza”) apresentaram os maiores percentuais. Na média da região metropolitana, os domicílios com dois banheiros ou mais ampliaram-se de 29% para 38%, durante o período.

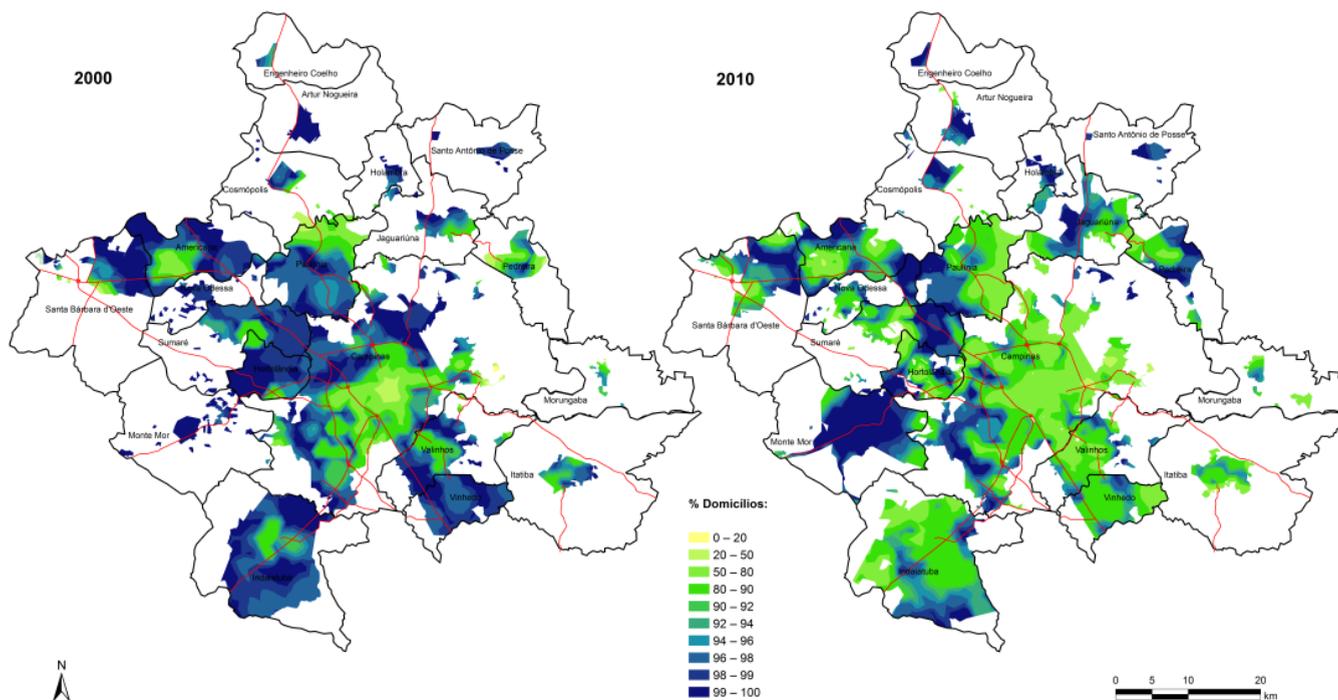
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM DOIS OU MAIS BANHEIROS, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

A espacialização desse indicador por setores censitários urbanos reitera, uma vez mais, a configuração da “cordilheira da riqueza” em um eixo de sudeste a noroeste, que vai de Vinhedo até Americana. Na verdade, assim como atestam os dados no âmbito municipal, observa-se um avanço deste indicador não apenas nesta zona, mas também em toda a região metropolitana. Quase a totalidade da RMC contava, em 2010, com pelo menos 20% dos domicílios com dois ou mais banheiros, com exceção de áreas em Campinas próximas de Monte Mor, Sumaré e do Aeroporto de Viracopos, todas localizadas na “cordilheira da pobreza”. Nota-se, ainda, que em muitas áreas da chamada “cordilheira da riqueza” o percentual desses domicílios ultrapassa 60%, chegando em alguns casos a 100%.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS DO TIPO “CASA”, POR SETORES CENSI-
TÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

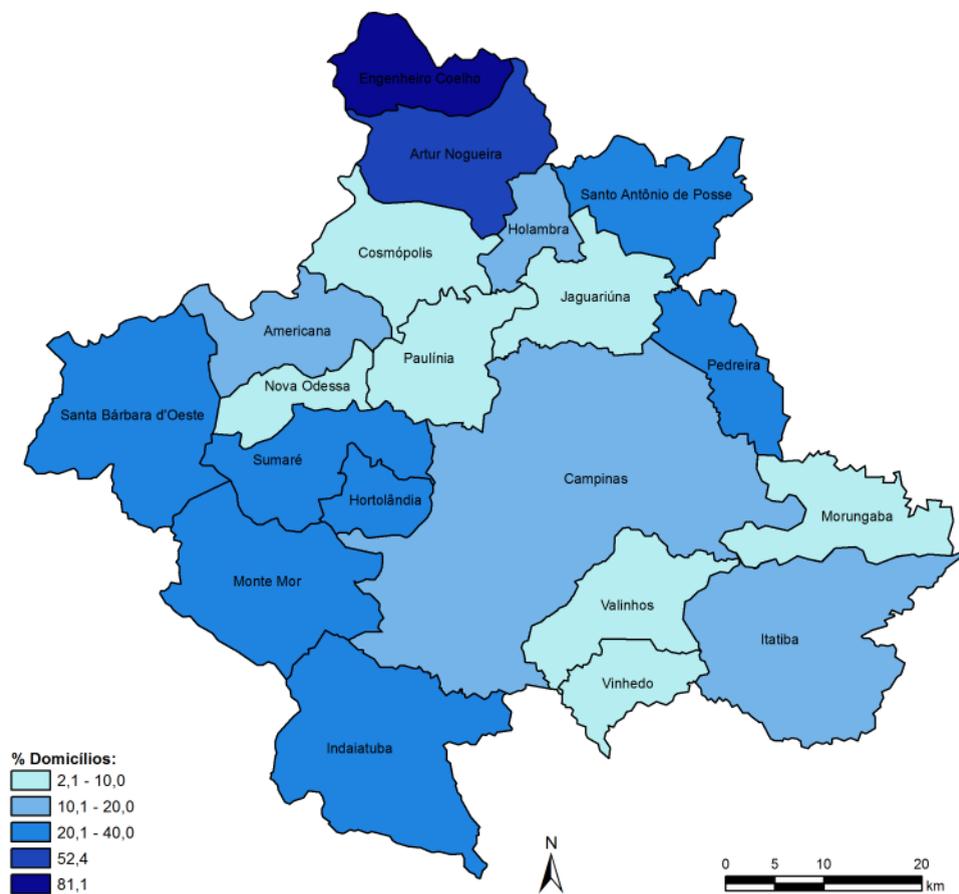


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Sendo este indicador sensível à forma de ocupação do espaço urbano, percebe-se que os assentamentos do tipo “vertical” ganharam peso relativo na região, mesmo em suas áreas mais periféricas. De fato, no período analisado, houve redução na proporção de domicílios do tipo casa em várias zonas da RMC, especialmente no norte de Campinas, em Hortolândia, Vinhedo, Itatiba, Paulínia e Americana. Nota-se, ainda, que novas áreas urbanas surgidas no período, como por exemplo em Santa Bárbara d'Oeste, registraram menores proporções desse tipo de domicílio, indicando novas formas de ocupação do espaço baseado na verticalização até mesmo na periferia, embora nestas áreas ainda predominasse o tipo casa, em 2010. Os altos níveis de ocupação por casas foram verificados tanto na periferia tradicional, que concentra os estratos de renda mais baixos da população da RMC, como nas “novas periferias” (CUNHA, 2016), que representam eixos de expansão dos condomínios horizontais fechados, em Campinas, Paulínia, Jaguariúna, Valinhos e Vinhedo, onde reside a parcela com os mais altos níveis de renda da região. É interessante notar pelo mapa que, no caso de Campinas, por exemplo, tanto o sudoeste (área pobre próxima do aeroporto) quanto o leste (zona de moradia dos grupos populacionais mais abastados) registravam altas porcentagens de domicílios tipo casa. Este mapa mostra o inverso do mapa anterior, evidenciando a ampliação das áreas mais verticalizadas da RMC, principalmente nos centros dos municípios de Campinas, Americana e Santa Bárbara d'Oeste e no distrito de Nova Aparecida, em Campinas. O aumento da verticalização leva à compressão dos espaços ocupados e permite maior adensamento das áreas. Em 2010 o Censo trouxe novidades, como as informações sobre o entorno do domicílio, tais como: domicílios sem identificação do logradouro, sem calçada, sem iluminação pública, sem pavimentação, entre outros. A seguir, são analisados e especializados cinco destes indicadores.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM IDENTIFICAÇÃO DO LOGRADOURO,
 POR MUNICÍPIO
 REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010

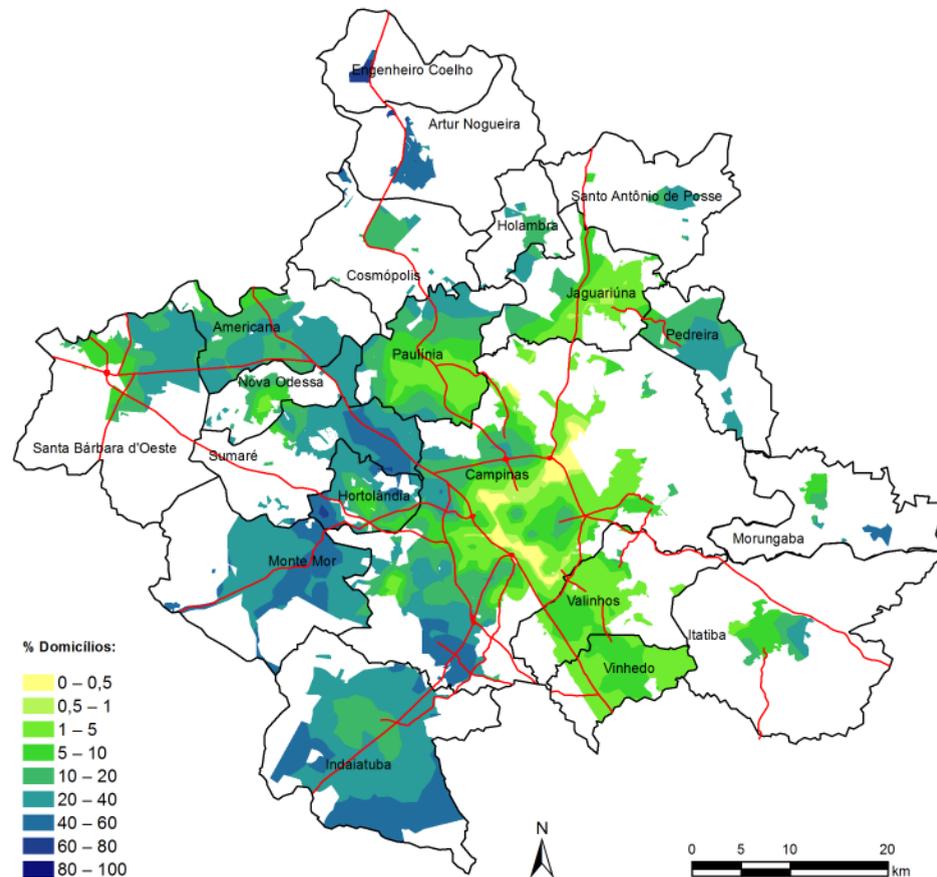
50
 RMC



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

No tocante à identificação dos logradouros, Engenheiro Coelho registrou a pior situação entre os municípios da RMC, com 81% dos domicílios urbanos em ruas sem placas de identificação. Em Arthur Nogueira, município vizinho, metade dos domicílios urbanos encontra-se nesta situação. Cosmópolis, Nova Odessa, Paulínia, Jaguariúna, Valinhos e Vinhedo apresentaram porcentagens menores, seguidos por Campinas, Americana, Holambra e Itatiba. Na média, 17,6% dos domicílios da região metropolitana não possuíam identificação do logradouro, em 2010.

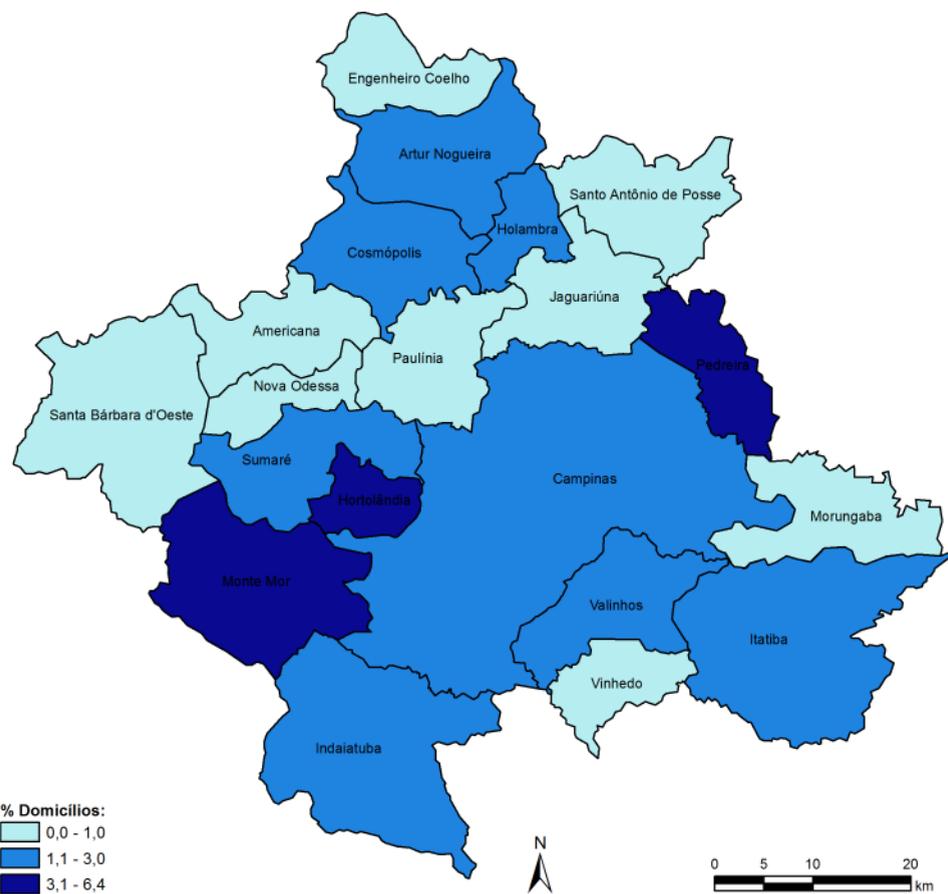
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM IDENTIFICAÇÃO DO LOGRADOURO,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Observa-se, pelo mapa, que a maior proporção de domicílios sem identificação do logradouro encontra-se na zona ao sul da Rodovia Anhanguera, principalmente em Sumaré, Hortolândia, Monte Mor, sul de Campinas (próximo do aeroporto) e Indaiatuba. Engenheiro Coelho, Arthur Nogueira e Morungaba também possuem setores com percentuais elevados. Levando em conta mapas anteriormente apresentados sobre as condições socioeconômicas da população residente, percebe-se que, de modo geral, a não identificação do logradouro é mais presente nas áreas cuja renda do responsável pelo domicílio é menor e também nos municípios menos urbanizados, como é o caso de Artur Nogueira e Engenheiro Coelho.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM ILUMINAÇÃO PÚBLICA,
POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



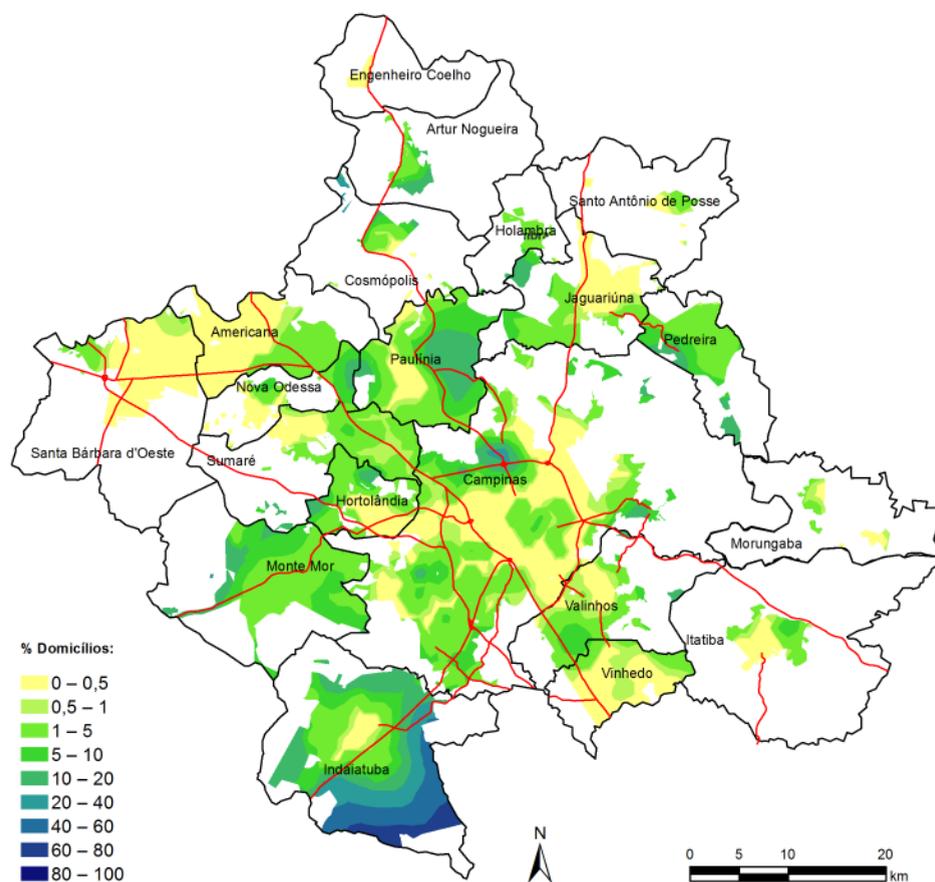
52

RMC

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Entre os serviços de infraestrutura urbana, a iluminação pública é um dos que apresentam maior grau de atendimento e abrangência espacial na região. Na média apenas 1,7% dos domicílios da RMC não dispunham de iluminação pública em suas ruas, em 2010. Os maiores percentuais de domicílios sem iluminação pública foram observados em Hortolândia (4,3%) e Pedreira (6,3%), sendo que nos demais municípios este índice não chega a 2%. Em Engenheiro Coelho, por exemplo, todos os domicílios urbanos eram atendidos por iluminação pública.

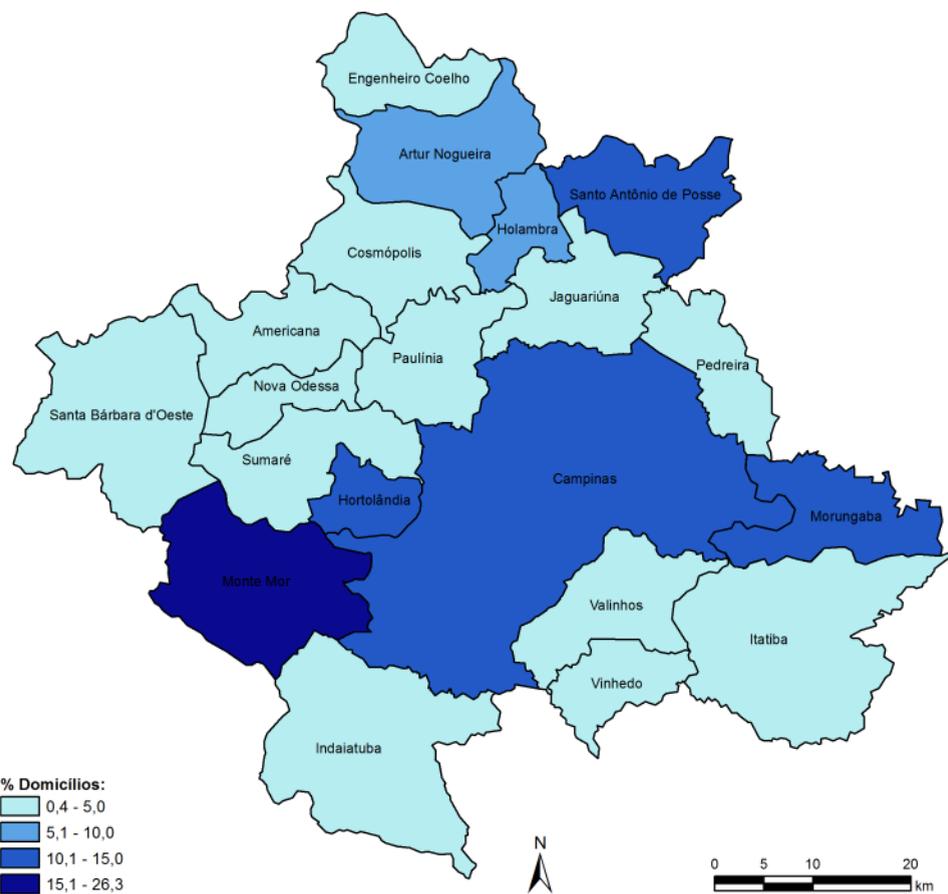
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM ILUMINAÇÃO PÚBLICA, POR
SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Muito embora em grande parte dos setores censitários urbanos o percentual de domicílios sem iluminação na rua não ultrapasse os 10%, ainda é possível observar algumas áreas na região que merecem atenção pela falta desse serviço, como no extremo sul de Indaiatuba e até mesmo em algumas zonas ao norte de Campinas e de Hortolândia, leste de Paulínia e oeste de Monte Mor. Provavelmente são áreas de mais recente ocupação e que, portanto, mereceriam uma atenção especial do poder público e também dos estudiosos.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM GUIA NAS CALÇADAS,
POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



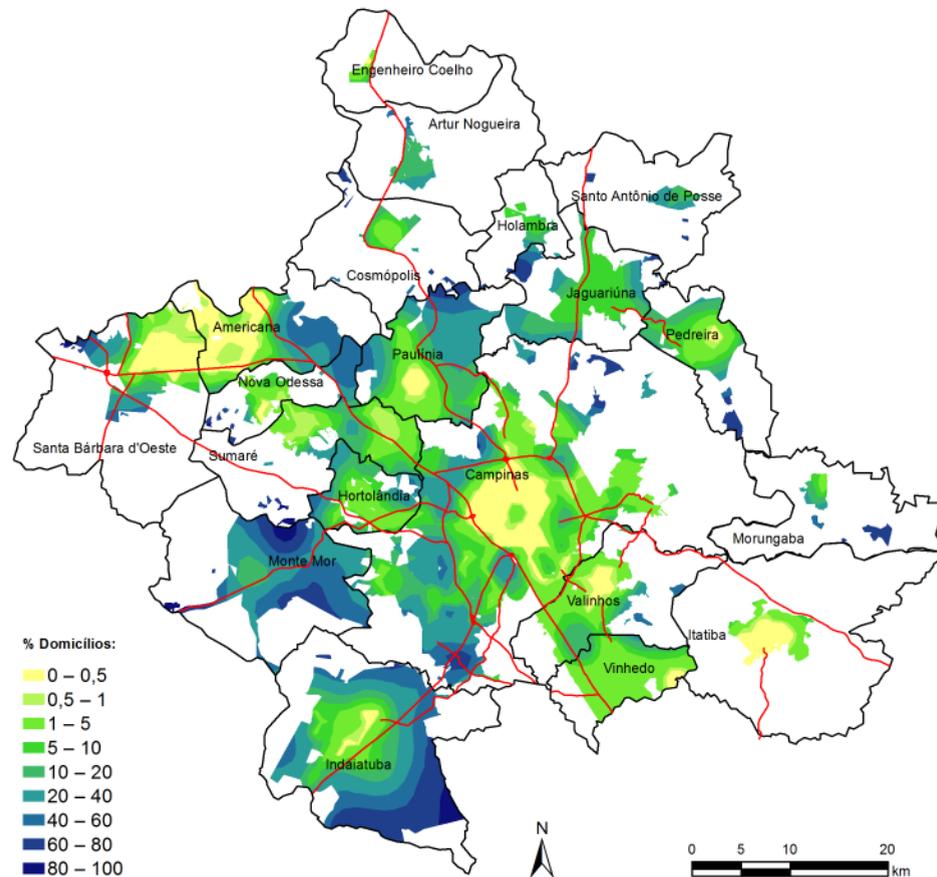
54

RMC

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

A presença de guia nas calçadas é outro bom indicador da infraestrutura urbana e, portanto, da atenção do poder público, pois é ele o responsável pelo provimento de calçadas, guias, pavimentação e postes de iluminação pública. Nesse sentido, observa-se que ainda existem, na região, municípios que requerem maior atenção, como é o caso de Monte Mor – com o maior percentual de domicílios sem este atendimento, 26% –; Santo Antônio de Posse, Hortolândia e até mesmo Campinas, que ainda conta com mais de 10% de seus domicílios sem guias nas calçadas. No geral, 7,3% dos domicílios da região não possuem guia em suas calçadas, o que demonstra que estas foram feitas pelo próprio morador.

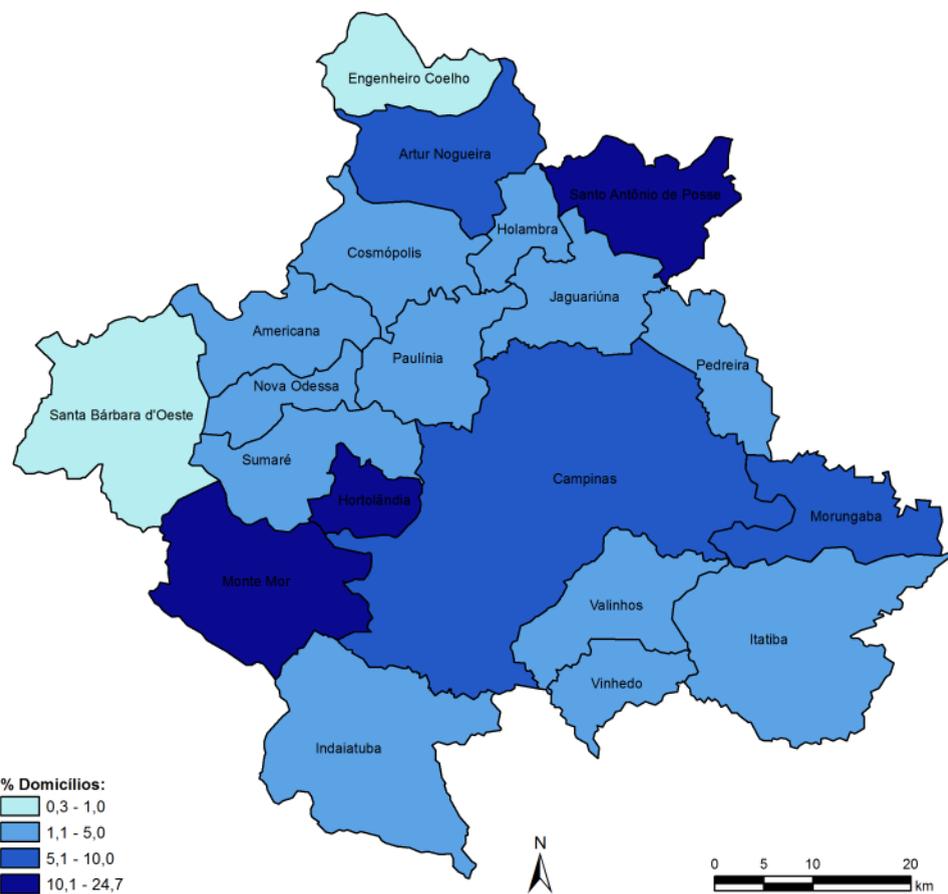
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS SEM GUIA NAS CALÇADAS,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Em consonância com as piores condições socioeconômicas apresentadas pelas periferias municipais, em particular a zona da “cordilheira da pobreza”, no geral, observa-se que estas áreas são as que registram situações mais desfavoráveis neste indicador. De fato, fica muito evidente no mapa que as condições vão se deteriorando à medida que a localização do setor censitário se afasta das áreas centrais. O município de Monte Mor detém a pior situação, assim como a região ao sul da Rodovia Anhanguera em Campinas, Indaiatuba e algumas áreas de Paulínia, Nova Odessa e Americana. Novamente percebe-se a forte associação entre qualidade e alcance da infraestrutura urbana e a condição socioeconômica da população e, portanto, a face cruel do processo de segregação socioespacial.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS EM LOGRADOUROS SEM PAVIMENTAÇÃO, POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



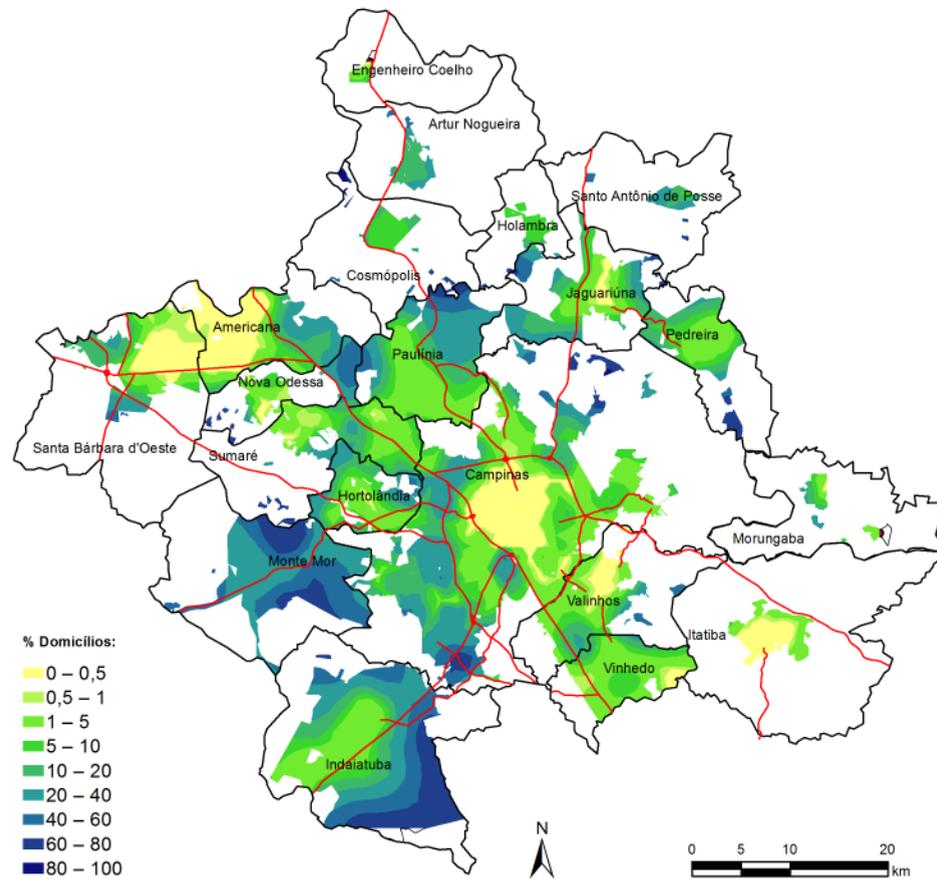
56

RMC

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

No tocante à pavimentação dos logradouros, a situação não se mostra muito ruim, haja vista que em toda a região metropolitana apenas 6,5% dos domicílios não apresentam ruas pavimentadas, sendo que os maiores percentuais foram encontrados em Monte Mor (24,8%) e Santo Antônio de Posse (15,1%), sendo este último município o mais distante e ainda com algumas características rurais. Seguem, em ordem de importância da falta dessa infraestrutura, Hortolândia (13,3%), Campinas (9,8%), Arthur Nogueira (9,4%) e Morungaba (8,8%). Nos demais municípios da RMC, essa proporção não ultrapassa 4,2% de domicílios. Não é demais lembrar que a pavimentação, assim como a existência de guias nas calçadas, constitui parâmetro que permite avaliar o alcance da infraestrutura urbana e a presença do poder executivo dos municípios.

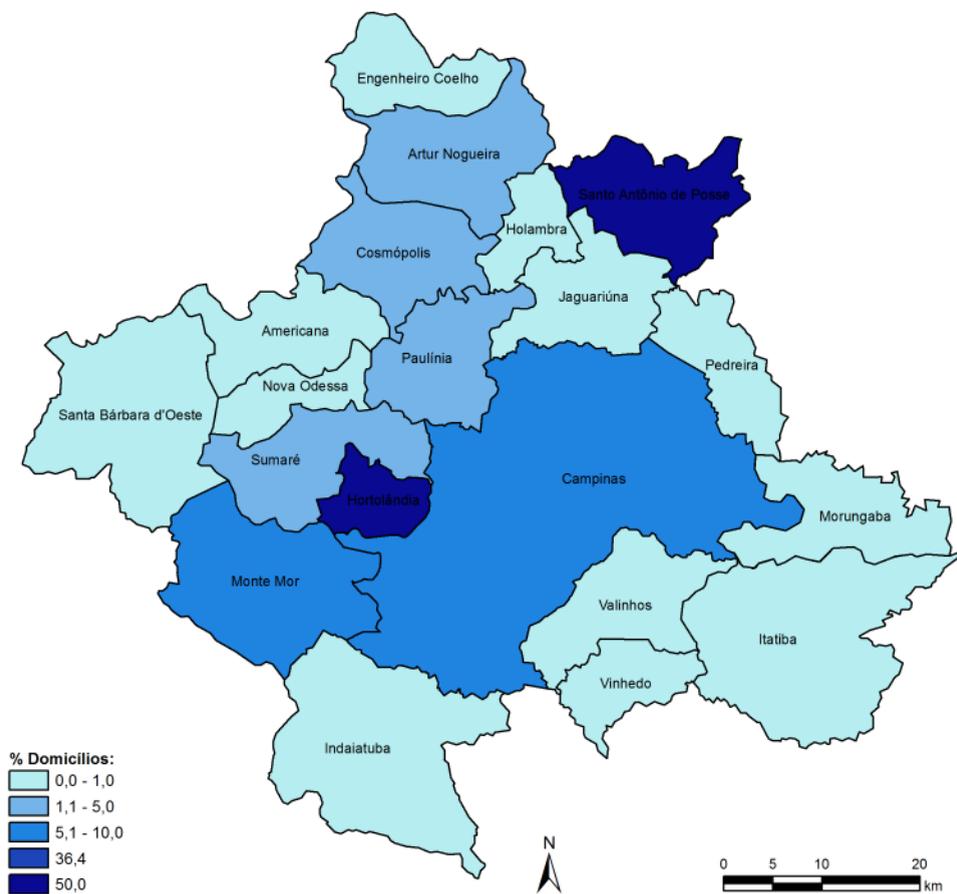
PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS EM LOGRADOUROS SEM PAVIMENTAÇÃO, POR
SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Visto a partir de uma menor escala – os setores censitários urbanos –, o indicador relativo à pavimentação dos logradouros evidencia a melhor situação das áreas centrais dos municípios e a precariedade de algumas zonas periféricas, sobretudo em Monte Mor – que, como já se observou, apresentou importante expansão dos setores censitários urbanos – e no sudoeste de Indaiatuba.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM ESGOTO A CÉU ABERTO,
POR MUNICÍPIO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010



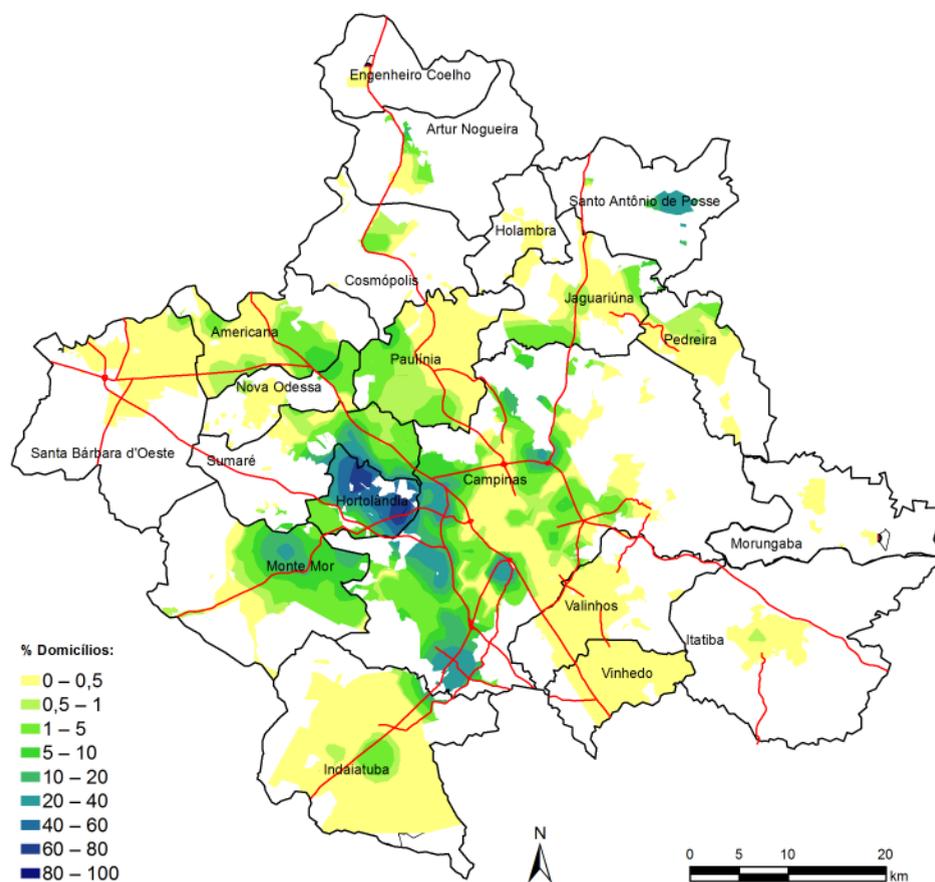
58

RMC

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

Enquanto na maioria dos municípios a presença de esgoto a céu aberto – isto é, valas, córregos ou corpo d'água onde são lançados o esgoto doméstico – aflige no máximo 10% dos domicílios, em Hortolândia essa porcentagem é bem maior, atingindo 50% dos domicílios. Vale lembrar que este município (que é 100% urbano) registrou aumento de domicílios sem rede geral de esgoto entre 2000 e 2010, chegando a um percentual superior a 47%. Em Santo Antônio de Posse este tipo de problema sanitário e ambiental também afeta 36% dos domicílios. Já no total da região metropolitana, apenas 6,3% dos domicílios convivem com esgoto a céu aberto.

PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM ESGOTO A CÉU ABERTO,
POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2010

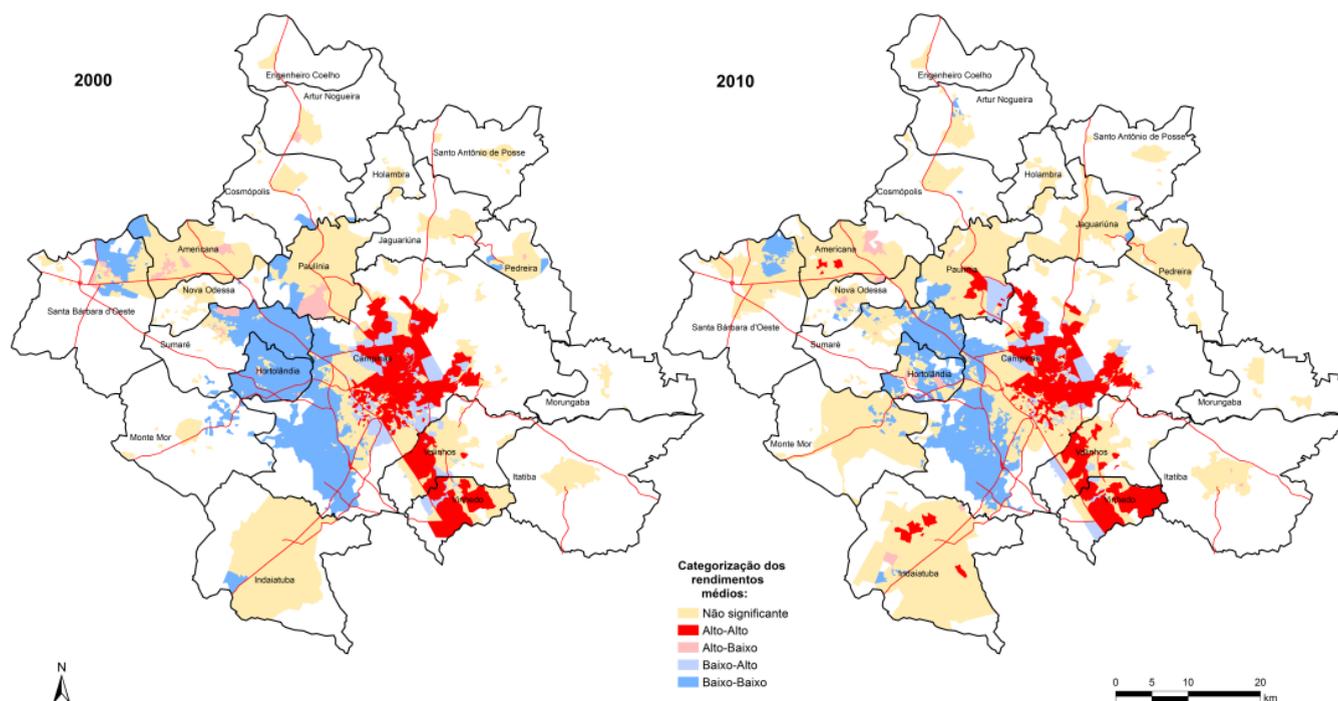


Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010.

No mapa observa-se, novamente, a reiteração da “cordilheira da pobreza”, uma vez que as piores situações com relação à existência de esgoto a céu aberto perfilam-se ao longo do eixo sudoeste-oeste da Rodovia Anhanguera (envolvendo áreas de Campinas, Monte Mor, Hortolândia e Sumaré). Também se percebe que a maior concentração de setores censitários urbanos em pior situação encontra-se em Hortolândia, ou mesmo em zonas próximas do aeroporto de Campinas, bem como em Santo Antônio de Posse.

CATEGORIZAÇÃO DOS RENDIMENTOS MÉDIOS MENSAIS DOS RESPONSÁVEIS DOS DOMICÍLIOS, SEGUNDO O INDICADOR DE AUTOCORRELAÇÃO ESPACIAL LOCAL DE MORAN, POR SETORES CENSITÁRIOS URBANOS REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS, 2000-2010

60
RMC



Fonte: IBGE, Censos Demográficos 2000 e 2010 (dados agregados).

Todos os cartogramas apresentados até aqui não deixam dúvidas sobre a diversidade socioespacial existente na RMC e, particularmente, a inequívoca divisão da região em áreas nitidamente “reservadas” para os ricos e para aqueles com menor poder aquisitivo. Nesse sentido, o mapa elaborado com base na ideia de similaridade (ou correlação espacial) das áreas vizinhas apenas corrobora tudo o que foi mostrado até aqui, ou seja, a manutenção das duas “cordilheiras”: da riqueza (áreas em vermelho) e da pobreza (áreas em azul), delimitadas pela Rodovia Anhanguera. No entanto, ainda que de maneira tênue, mas visível, percebem-se, por um lado, a intensificação da homogeneidade da “cordilheira da riqueza” e, por outro, indícios de certa diversificação socioeconômica da “cordilheira da pobreza”. Nesta zona em particular, a observação atenta do mapa mostra não apenas o surgimento de “manchas” das categorias alto-baixo (cor rosada) – que indicam áreas com pessoas de alto rendimento cercadas por áreas de baixo rendimento –, mas também o crescimento (este sim bem mais visível) de áreas onde a correlação espacial não é significativa, ou seja, onde a “mescla” de situação é tal que não se encontra um padrão de concentração em termos da renda.

O processo de segregação socioespacial em Campinas

O QUE MUDOU NOS ANOS 2000?

Além de sua importância como fonte de dados e visualização da situação mais atual em termos da diferenciação socioespacial da RM de Campinas, a atualização do Atlas elaborado em 2006 permite identificar continuidades ou consolidações de processos, assim como algumas mudanças que levam a refletir sobre o futuro sociodemográfico desta jovem área metropolitana. Por um lado, os dados indicam que algumas tendências demográficas apresentam continuidade tanto nas localidades mais centrais, quanto nas periferias: redução do crescimento demográfico; gradual envelhecimento populacional; aumento de importância da chefia feminina; desconcentração populacional desde o município-sede rumo aos municípios do seu entorno; intensificação da verticalização; e melhoria das infraestruturas urbanas e habitacionais.

Por outro lado, a comparação dos resultados aqui apresentados com o que se observava até os anos 1990 mostra mudanças significativas no processo de segregação socioespacial da população regional, bem como na mobilidade espacial. Ao mesmo tempo que se verifica redução da importância da migração de origem externa no crescimento e expansão regional, também se percebe o progressivo surgimento de uma “nova periferia”, desta feita, com boas condições de infraestrutura e mobilidade e ocupada pela população de maior poder aquisitivo. Para tanto, colaborou fortemente a contínua disseminação da forma de assentamento de “condomínios fechados”, em muitos sentidos incentivados pelas legislações e intervenções dos poderes públicos municipais. Se é verdade que a RMC continua sendo uma região “dividida” pela Rodovia Anhanguera (configurando o que se chamou de “cordilheiras da pobreza e da riqueza”), também parece ser que, enquanto a “cordilheira da riqueza” torna-se cada vez mais homogênea e “exclusiva” para a população de alta renda, o outro lado da região começa a ser ocupado por setores das classes média e média-baixa, que buscam nestas novas paragens alternativas para viverem com qualidade de vida, segurança e preços de imóveis acessíveis.

Assim, os dados do Censo Demográfico de 2010 já prenunciam uma redução do grau de segregação socioespacial da região como um todo (uma vez que a homogeneidade da “cordilheira da pobreza” começa a ser quebrada), muito embora, quando vista mais de perto e com escalas geográficas menores, a RMC mostra-se, talvez, ainda mais seletiva e exclusivista. A verdade é que à população de baixa renda a região ainda oferece os piores serviços e, na maioria das vezes, os lugares mais distantes e de pior localização.

Acredita-se que este produto, ao se beneficiar do geoprocessamento e de dados que permitem caracterizar, localizar e denunciar algumas das principais desigualdades sociais da região e dos municípios, em particular, possa sensibilizar especialmente os planejadores e responsáveis pela proposição e implementação de políticas públicas.

Que assim seja!

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Campinas: Centro de Memória/Unicamp, 1996. 148p. (Coleção Campiniana, 5).

CAIADO, M. C. S.; PIRES, M. C. S. *Campinas metropolitana: transformações na estrutura urbana atual e desafios futuros*. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). *Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação*. 1. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006.

CUNHA, J. M. P. et al. *Expansão metropolitana, mobilidade espacial e segregação nos anos 90: o caso da RM de Campinas*. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). *Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação*. 1. ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2006.

CUNHA, J. M. P. *Aglomerações urbanas e mobilidade populacional: o caso da RM de Campinas*. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 33, n. 1, 2016, p. 99-127. DOI <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-309820160006>

CUNHA, J. M. P.; FONSECA, R. B. (Coord.). *Campinas metropolitana: diversidades socioespaciais*. Campinas: Nepo/Nesur/Unicamp, 2004. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/vulnerabilidade/atlas/atlas_RMC/indice.htm>

DOTA, E. M. **Mobilidade residencial intrametropolitana na RM de Campinas: uma abordagem a partir da distribuição espacial dos migrantes**. 2015. 221 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SABOIA, A. L.; COBO, B.; MATOS, G. *Desafios e possibilidades da investigação sobre os novos arranjos familiares e a metodologia para identificação de família no Censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 2012 (Textos para discussão, n. 39).

SABATINI, F. et. al. *Tendencias de la segregación en las principales ciudades chilenas. Análisis censal 1982-2002*. Santiago: Instituto Nacional de

Estadísticas y Pontificia Universidad Católica de Chile, 2010.

SEMEGHINI, U. C. *Do café à indústria: uma cidade e seu tempo*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1991. 197p.

SPOSATI, A. (coord.). *Mapa de Exclusão/Inclusão Social de São Paulo*. São Paulo, EDPUC, 1996.



Índice de Mapas

Região Metropolitana de Campinas (RMC)	9
Grau de urbanização, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	11
Taxa média geométrica anual de crescimento populacional, por município - Região Metropolitana de Campinas, 1991-2000 e 2000-2010	12
Taxa média geométrica anual de crescimento populacional, por setores censitários - Região Metropolitana de Campinas, 2000/2010	13
Participação do crescimento vegetativo e da migração no incremento populacional, por município - Região Metropolitana de Campinas, 1991-2000 e 2000-2010	14
Imigração, segundo lugar de origem (data-fixa) - Região Metropolitana de Campinas, 1995-2000 e 2005-2010	15
Fluxos migratórios intrametropolitanos numericamente mais importantes (data fixa) - Região Metropolitana de Campinas, 1995-2000 e 2005-2010	16
Principais movimentos pendulares intrametropolitanos da população em idade ativa para trabalho ou estudo - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	17
Densidade demográfica, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	18
Densidade demográfica, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	19
Distribuição da população por municípios, segundo grupos etários - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	21
Distribuição da população menor que cinco anos, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	22
Distribuição da população de 6 a 14 anos, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	23
Índice de envelhecimento, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	24

Índice de envelhecimento, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	25
Razão de dependência, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	26
Razão de dependência, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	27
Percentual de domicílios com responsabilidade exclusivamente feminina, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	28
Percentual de domicílios com responsabilidade exclusivamente feminina, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	29
Percentual de domicílios com baixa renda <i>per capita</i> , por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	31
Percentual de domicílios com alta renda <i>per capita</i> , por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	32
Percentual de domicílios com responsáveis com baixo rendimento, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	33
Percentual de domicílios com responsáveis com baixo rendimento, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	34
Percentual de domicílios com responsáveis com alto rendimento, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	35
Percentual de domicílios com responsáveis com alto rendimento, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	36
Renda média dos responsáveis pelo domicílio, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	37
Percentual de domicílios não ligados à rede geral de água, por municípios - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	39
Percentual de domicílios não ligados à rede geral de água, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	40
Percentual de domicílios não ligados à rede geral de esgoto, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	41
Percentual de domicílios não ligados à rede geral de esgoto, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	42
Percentual de domicílios sem coleta de lixo, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	43
Percentual de domicílios sem coleta de lixo, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	44
Percentual de domicílios sem banheiro, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	45
Percentual de domicílios sem banheiro, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	46

Percentual de domicílios com dois ou mais banheiros, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	47
Percentual de domicílios com dois ou mais banheiros, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	48
Percentual de domicílios do tipo “casa”, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	49
Percentual de domicílios sem identificação do logradouro, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2010	50
Percentual de domicílios sem identificação do logradouro, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2010	51
Percentual de domicílios sem iluminação pública, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2010	52
Percentual de domicílios sem iluminação pública, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2010	53
Percentual de domicílios sem guia nas calçadas, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2010	54
Percentual de domicílios sem guia nas calçadas, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2010	55
Percentual de domicílios em logradouros sem pavimentação, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2010	56
Percentual de domicílios em logradouros sem pavimentação, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2010	57
Percentual de domicílios com esgoto a céu aberto, por município - Região Metropolitana de Campinas, 2010	58
Percentual de domicílios com esgoto a céu aberto, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2010	59
Categorização dos rendimentos médios mensais dos responsáveis dos domicílios, segundo o indicador de autocorrelação espacial local de Moran, por setores censitários urbanos - Região Metropolitana de Campinas, 2000-2010	60



TABELA 1

POPULAÇÃO RESIDENTE CENSITÁRIA, CRESCIMENTO POPULACIONAL, GRAU DE URBANIZAÇÃO, PESO RELATIVO DA POPULAÇÃO, CRESCIMENTO MIGRATÓRIO E PARTICIPAÇÃO DA MIGRAÇÃO NO CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS – 1991-2030

Regiões	População residente					Crescimento populacional			
	1991	2000	2010	2020	2030	Absoluto		Taxa Média Anual (%)	
						1991/2000	2000/2010	1991/2000	2000/2010
Estado de São Paulo	31.588.925	37.032.403	41.262.199	44.640.776	48.826.327	5.443.478	4.229.796	1,78	1,09
Macrometrópole	23.024.142	27.227.796	30.529.144	33.213.390	35.010.024	4.203.654	3.301.348	1,88	1,15
RMC	1.874.235	2.348.059	2.808.906	3.193.332	3.427.282	473.824	460.847	2,54	1,81
Município de Campinas	847.595	969.396	1.080.113	1.175.501	1.223.394	121.801	110.717	1,50	1,09
Demais Municípios da RMC	1.026.640	1.378.663	1.728.793	2.017.831	2.203.888	352.023	350.130	3,33	2,29
Artur Nogueira	28.053	33.124	44.177	52.609	58.294	5.071	11.053	1,86	2,92
Cosmópolis	36.684	44.355	58.827	71.282	80.085	7.671	14.472	2,13	2,86
Engenheiro Coelho (*)	NA	10.033	15.721	20.535	23.737	NA	5.688	NA	4,59
Holambra	NA	7.211	11.299	14.493	16.536	NA	4.088	NA	4,59
Jaguariúna	24.999	29.597	44.311	54.848	60.561	4.598	14.714	1,89	4,12
Monte Mor	25.559	37.340	48.949	59.614	68.415	11.781	11.609	4,30	2,74
Morungaba	8.210	9.911	11.769	13.247	14.252	1.701	1.858	2,11	1,73
Nova Odessa	34.063	42.071	51.242	58.039	61.984	8.008	9.171	2,37	1,99
Pedreira	27.972	35.219	41.558	46.548	49.717	7.247	6.339	2,59	1,67
Santo Antônio de Posse	14.327	18.124	20.650	22.849	24.453	3.797	2.526	2,65	1,31
Vinhedo	33.612	47.215	63.611	77.521	85.651	13.603	16.396	3,85	3,03
< 50.000	233.479	314.200	412.114	491.585	543.685	80.721	97.914	3,35	2,75
Itatiba	61.645	81.197	101.471	117.916	127.769	19.552	20.274	3,11	2,25
Paulínia	36.706	51.326	82.146	105.037	120.455	14.620	30.820	3,80	4,82
Valinhos	67.886	82.973	106.793	124.742	133.638	15.087	23.820	2,25	2,56
entre 50.001 e 100.000	166.237	215.496	290.410	347.695	381.862	49.259	74.914	2,93	3,03
Americana	153.840	182.593	210.638	233.458	246.562	28.753	28.045	1,92	1,44
Hortolândia (*)	NA	152.523	192.692	230.268	260.650	NA	40.169	NA	2,37
Indaiatuba	100.948	147.050	201.619	242.868	264.595	46.102	54.569	4,27	3,21
Santa Bárbara d'Oeste	145.266	170.078	180.009	188.745	193.153	24.812	9.931	1,77	0,57
Sumaré	226.870	196.723	241.311	283.212	313.381	-30.147	44.588	-1,57	2,06
entre 100.001 e 500.000	626.924	848.967	1.026.269	1.178.551	1.278.341	222.043	177.302	3,43	1,91

TABELA 1 - CONTINUAÇÃO

Regiões	Grau de Urbanização (%)			Peso Relativo na População (%)			Crescimento Migratório			
	1991	2000	2010	1991	2000	2010	Absoluto		Taxa Média Anual (%)	
							1991/2000	2000/2010	1991/2000	2000/2010
Estado de São Paulo	92,8	93,4	95,9	100,0	100,0	100,0	1.326.987	472.650	0,43	0,12
Macrometrópole	96,0	95,1	97,5	72,9	73,5	73,9	1.024.794	291.290	0,45	0,10
RMC	95	97,1	97,4	100,0	100,0	100,0	238.293	232.660	1,26	0,91
Município de Campinas	97,3	98,3	98,3	45,2	41,3	38,5	28.521	28.120	0,35	0,27
Demais Municípios da RMC	93,2	96,2	96,9	54,8	58,7	61,5	286.335	318.560	2,67	2,06
Artur Nogueira	48	92,0	90,5	1,5	1,4	1,6	10.107	7.030	3,68	1,84
Cosmópolis	89,4	95,9	92,9	2,0	1,9	2,1	4.905	9.260	1,35	1,81
Engenheiro Coelho (*)	NA	69,9	73,1	NA	0,4	0,6	2.016	4.120	NA	3,28
Holambra	NA	54,6	72,4	NA	0,3	0,4	540	2.760	NA	3,06
Jaguariúna	76,4	87,2	97,1	1,3	1,3	1,6	2.871	10.640	1,17	2,94
Monte Mor	86,3	91,5	93,9	1,4	1,6	1,7	7.029	6.590	2,53	1,54
Morungaba	76,1	78,6	85,4	1,0	1,0	1,1	396	720	0,49	0,67
Nova Odessa	93,9	97,7	98,4	1,8	1,8	1,8	3.609	5.300	1,06	1,14
Pedreira	95,8	96,9	99,2	1,5	1,5	1,5	4.644	3.580	1,64	0,94
Santo Antônio de Posse	78,4	81,0	91,2	0,8	0,8	0,7	2.943	880	2,03	0,45
Vinhedo	98,2	97,8	96,9	1,8	2,0	2,3	9.153	11.320	2,55	2,07
< 50.000	92,9	94,3	99,1	12,5	13,4	14,7	48.213	62.200	1,98	1,73
Itatiba	87,7	81,2	84,4	3,3	3,5	3,6	11.763	12.980	1,85	1,43
Paulínia	89,7	98,9	99,9	2,0	2,2	2,9	8.532	22.230	2,18	3,42
Valinhos	88,3	94,6	95,2	3,6	3,5	3,8	8.055	16.610	1,19	1,76
entre 50.001 e 100.000	88,5	91,6	93,2	8,9	9,2	10,3	28.350	51.820	1,66	2,07
Americana	99,9	99,8	99,5	8,2	7,8	7,5	10.341	13.940	0,69	0,71
Hortolândia (*)	NA	100,0	100,0	NA	6,5	6,9	50.022	21.830	NA	1,27
Indaiatuba	91,0	98,4	99,0	5,4	6,3	7,2	30.069	37.410	2,74	2,17
Santa Bárbara d'Oeste	97,2	98,7	99,2	7,8	7,2	6,4	8.604	-3.160	0,61	-0,18
Sumaré	99,4	98,6	98,8	12,1	8,4	8,6	34.173	20.500	1,80	0,94
entre 100.001 e 500.000	96,9	99,1	99,3	33,4	36,2	36,5	133.209	90.520	2,03	0,97

TABELA 1 - CONCLUSÃO

Regiões	Peso Relativo da Migração (%)		SalDOS MigratÓrios Anuais			Taxas Anuais de Migração		
	1991/2000	2000/2010	1980/91	1991/00	2000/10	1980/91	1991/00	2000/10
Estado de São Paulo	24,4	11,2	53.352	147.443	47.265	1,90	4,31	1,21
MacrometrÓpole	24,4	8,8	40.229	113.866	29.129	1,96	4,53	1,01
RMC	50	50,5	25.415	26.477	23.266	1,80	1,40	1,01
Município de Campinas	23,4	25,4	2.802	3.169	2.812	0,42	0,39	0,31
Demais Municípios da RMC	81,3	91,0	29.374	31.815	31.856	3,09	2,95	2,28
Artur Nogueira	199,3	63,6	795	1.123	703	4,18	4,75	2,03
Cosmópolis	63,9	64,0	696	545	926	2,65	1,54	2,00
Engenheiro Coelho (*)	NA	72,4	NA	224	412	NA	NA	NA
Holambra	NA	67,5	NA	60	276	NA	NA	NA
Jaguariúna	62,4	72,3	546	319	1.064	3,11	1,34	3,21
Monte Mor	60	56,8	648	781	659	3,81	2,78	1,70
Morungaba	23	38,8	12	44	72	1,63	4,87	6,64
Nova Odessa	45,1	57,8	591	401	530	2,40	1,17	1,26
Pedreira	64,1	56,5	204	516	358	0,93	1,83	1,04
Santo Antônio de Posse	77,5	34,8	76	327	88	0,68	2,31	0,51
Vinhedo	67,3	69,0	579	1.017	1.132	2,39	2,81	2,28
< 50.000	59,7	63,5	4.147	5.357	6.220	2,49	2,20	1,94
Itatiba	60,2	64,0	889	1.307	1.298	1,95	2,04	1,58
Paulínia	58,4	72,1	924	948	2.223	3,73	2,41	3,71
Valinhos	53,4	69,7	801	895	1.661	1,54	1,32	1,95
entre 50.001 e 100.000	57,6	69,2	2.614	3.150	5.182	2,10	1,83	2,28
Americana	36,0	49,7	63	1.149	1.394	0,05	0,76	0,79
Hortolândia (*)	NA	54,3	NA	5.558	2.183	NA	NA	NA
Indaiatuba	65,2	68,6	2.671	3.341	3.741	3,94	3,01	2,39
Santa Bárbara d'Oeste	34,7	-31,8	4.415	956	-316	4,65	0,68	-0,20
Sumaré	-113,4	46,0	8.703	3.797	2.050	6,37	2,52	1,04
entre 100.001 e 500.000	60,0	51,1	15.852	14.801	9.052	3,59	2,12	1,07

TABELA 2

MATRIZ MIGRATÓRIA POR MUNICÍPIOS E REGIÃO - REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS - 1995-2000

Região em 1995		Região / Município em 2000							
		RMC							
		Americana	Artur Nogueira	Campinas	Cosmópolis	Engenheiro Coelho	Holambra	Hortolândia	Indaiatuba
RMC	Americana	.	107	650	17	30	.	168	209
	Artur Nogueira	.	.	50	81	78	41	10	.
	Campinas	784	277	.	213	29	189	10.008	1.602
	Cosmópolis	27	465	219	.	5	33	11	9
	Engenheiro Coelho	.	322	8
	Holambra	.	613	12	21	.	.	25	19
	Hortolândia	91	55	1.285	.	110	.	.	44
	Indaiatuba	58	14	857	.	13	4	19	.
	Itatiba	.	14	354	30	.	.	18	10
	Jaguariúna	.	.	261	15	.	119	35	37
	Monte Mor	47	.	362	.	8	.	268	111
	Morungaba	.	.	34
	Nova Odessa	569	.	106	.	.	.	8	.
	Paulínia	90	173	385	285	3	.	88	.
	Pedreira	.	.	146	.	.	8	.	.
	Santa Bárbara d'Oeste	3.524	.	289	.	.	.	57	41
Santo Antonio de Posse	9	52	162	71	.	69	.	.	
Sumaré	389	172	2.000	7	22	.	2.565	157	
Valinhos	.	.	1.334	.	.	.	136	.	
Vinhedo	.	.	746	.	5	.	.	106	
Imigração Intrametropolitana		5.589	2.264	9.262	740	304	463	13.417	2.346
Imigração Intraestadual*		9.443	2.943	41.622	2.847	982	267	9.757	14.769
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	191	12	2.100	127	20	.	174	114
	Região Nordeste	1.407	486	15.862	905	258	70	3.692	1.717
	Minas Gerais	617	880	8.113	578	502	45	753	869
	Espírito Santo	23	.	545	11	6	.	114	30
	Rio de Janeiro	141	107	1.474	62	31	.	96	299
	Região Sul	1.030	351	7.769	294	310	297	1.583	3.625
Região Centro-Oeste	624	87	3.589	147	81	9	866	447	
Imigração Interestadual		4.033	1.923	39.452	2.123	1.208	420	7.278	7.100
Imigração Externa		275	21	1.612	18	39	25	97	417
Total**		19.340	7.152	91.914	5.728	2.533	1.175	30.548	24.633

...

TABELA 2 - CONTINUAÇÃO

Região em 1995		Região / Município em 2000							
		RMC							
		Itatiba	Jaguariúna	Monte Mor	Morungaba	Nova Odessa	Paulínia	Pedreira	Santa Bárbara d'Oeste
RMC	Americana	11,37	41,77	.	51,36	1.083,41	52,89	45,32	3.929,55
	Artur Nogueira	.	9,49	.	.	.	38,9	.	56,6
	Campinas	364,14	758,91	1.103,51	81,07	172,5	1.368,93	274,79	200,64
	Cosmópolis	.	29,51	21,8	.	.	292,02	.	49,54
	Engenheiro Coelho
	Holambra	.	6,89
	Hortolândia	.	.	346,43	.	119,65	84,28	36,86	48,42
	Indaiatuba	15,01	21,05	.	11,56
	Itatiba	.	.	.	132,16	9,51	8,75	49,26	.
	Jaguariúna	34,3	.	115,25
	Monte Mor	22,77	.	.	.	10,24	.	.	32,01
	Morungaba	213,44	15,37	.
	Nova Odessa	.	.	54,16	151,92
	Paulínia	.	45,04	84,06
	Pedreira	8,56	100,37
	Santa Bárbara d'Oeste	.	.	7,58	.	441,04	79,9	6,23	.
Santo Antonio de Posse	.	68,41	.	.	.	7,39	7,34	.	
Sumaré	.	.	211,53	5,69	845,36	294,03	.	194,29	
Valinhos	174,66	.	35,81	74,89	35,6	25,45	.	19,45	
Vinhedo	42,82	.	.	.	9,44	.	7,51	.	
Imigração Intrametropolitana		852,77	1.060,39	1.780,82	345,17	2.726,75	2.307,89	557,93	4.778,04
Imigração Intraestadual*		5.774,88	2.543,02	2.427,96	613,33	2.348,05	3.175,45	1.778,88	9.316,33
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	19,09	34,51	8,6	6	.	230,35	.	119,93
	Região Nordeste	1.569,79	607,81	530,19	160	358,19	935,36	265,32	1.328,38
	Minas Gerais	913,62	304,35	566,11	130	152,49	618,28	129,88	360,58
	Espírito Santo	.	.	25,99	.	.	12,9	.	10,37
	Rio de Janeiro	34,86	64,64	.	.	136,02	123,04	21,67	62,27
	Região Sul	845,02	234,9	352,75	129	506,9	510,79	594,41	1.116,16
	Região Centro-Oeste	183,29	61,6	27,89	5	236,48	350,75	140,66	918,38
Imigração Interestadual		3.565,67	1.307,81	1.511,53	430	1.390,08	2.781,47	1.151,94	3.916,07
Imigração Externa		22	25,03	.	62,22
Total**		10.001,88	4.911,22	5.720,31	1.389	6.464,88	8.289,84	3.473,38	18.072,66

TABELA 2 - CONTINUAÇÃO

Região em 1995		Região / Município em 2000							
		RMC				Emigração Intrametropolitana	Emigração Intraestadual	Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	
		Santo Antonio de Posse	Sumaré	Valinhos	Vinhedo			Região Norte	Região Nordeste
RMC	Americana	.	850	.	9	1.180	7.006	86	316
	Artur Nogueira	58	.	.	.	261	775	72	44
	Campinas	176	6.597	2.876	716	13.101	34.259	1.084	5.302
	Cosmópolis	.	8	.	.	769	803	5	368
	Engenheiro Coelho	330	279	18	.
	Holambra	26	.	8	.	690	279	.	13
	Hortolândia	.	980	65	11	1.586	1.765	41	103
	Indaiatuba	.	107	50	90	965	3.518	138	164
	Itatiba	.	.	90	.	426	2.488	35	332
	Jaguariúna	107	.	34	26	467	625	11	10
	Monte Mor	.	288	.	.	797	772	63	85
	Morungaba	.	.	54	.	318	499	.	.
	Nova Odessa	.	700	11	9	682	831	.	36
	Paulínia	.	251	.	9	1.025	724	30	250
	Pedreira	153	710	87	111
	Santa Bárbara d'Oeste	.	227	45	.	3.911	4.464	10	196
Santo Antonio de Posse	.	17	12	.	364	424	.	11	
Sumaré	54	.	254	.	5.314	3.959	137	603	
Valinhos	.	163	.	430	1.471	1.519	9	119	
Vinhedo	.	41	899	.	858	1.073	10	98	
Imigração Intrametropolitana		421	10.297	4.399	1.301	34.384	66.772	1.836	8.161
Imigração Intraestadual*		644	12.669	4.079	4.709	82.630			
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	.	489	32	9				
	Região Nordeste	111	3.037	1.060	766				
	Minas Gerais	75	1.801	645	436				
	Espírito Santo	.	88	17	.				
	Rio de Janeiro	9	150	118	35				
	Região Sul	520	2.585	1.093	455				
	Região Centro-Oeste	36	988	259	160				
Imigração Interestadual		751	9.137	3.224	1.862	94.137			
Imigração Externa		.	131	117	180	2.504			
Total**		1.816	32.234	11.765	8.052	293.823			

TABELA 2 - CONCLUSÃO

Região em 1995		Região / Município em 2000					Emigração Intraestadual	Total
		Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste						
		Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Região Sul	Região Centro-Oeste		
RMC	Americana	897	42	141	809	777	3.067	17.277
	Artur Nogueira	177	.	11	232	161	697	1.896
	Campinas	8.631	435	1.731	6.982	3.278	27.443	89.413
	Cosmópolis	223	12	97	70	59	833	2.805
	Engenheiro Coelho	29	37	25	67	.	176	785
	Holambra	21	.	.	69	.	103	1.114
	Hortolândia	247	.	11	347	106	854	5.896
	Indaiatuba	733	.	94	911	227	2.267	7.045
	Itatiba	696	11	48	296	.	1.418	4.490
	Jaguariúna	296	.	.	31	7	355	1.831
	Monte Mor	137	6	.	80	54	425	2.346
	Morungaba	29	.	.	5	.	34	851
	Nova Odessa	116	.	.	131	10	293	2.732
	Paulínia	281	.	.	281	52	894	3.032
	Pedreira	184	.	.	56	142	580	1.553
	Santa Bárbara d'Oeste	285	.	8	405	213	1.118	10.300
	Santo Antonio de Posse	54	8	.	67	.	140	1.040
Sumaré	593	35	41	594	464	2.467	13.593	
Valinhos	291	.	.	338	74	831	4.704	
Vinhedo	110	.	59	215	115	0	3.539	
Imigração		14.029	586	2.266	11.985	5.740	43.995	176.241

TABELA 3

MATRIZ MIGRATÓRIA POR MUNICÍPIOS E REGIÃO - REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS – 2005-2010

Região em 2005		Região / Município em 2010							
		RMC							
		Americana	Artur Nogueira	Campinas	Cosmópolis	Engenheiro Coelho	Holambra	Hortolândia	Indaiatuba
RMC	Americana	.	47	686	94	31	4	271	51
	Artur Nogueira	8	.	193	174	131	137	45	.
	Campinas	624	327	.	400	51	166	6.005	1.636
	Cosmópolis	53	437	89	.	15	75	50	47
	Engenheiro Coelho	.	135	19	11	.	10	.	.
	Holambra	.	262	13	37	5	.	11	.
	Hortolândia	53	31	994	28	33	.	.	85
	Indaiatuba	159	.	712	58	.	.	127	.
	Itatiba	58	38	323	.	.	.	26	.
	Jaguariúna	10	36	391	36	.	126	41	10
	Monte Mor	31	.	72	.	.	.	518	130
	Morungaba	.	.	23	.	.	.	9	.
	Nova Odessa	449	.	12	62	.	.	12	.
	Paulínia	67	57	575	421	36	16	154	21
	Pedreira	.	.	62	.	.	4	38	21
	Santa Bárbara d'Oeste	3.254	.	157	21	5	.	56	82
	Santo Antonio de Posse	.	58	61	.	.	104	.	.
Sumaré	416	146	1.281	79	18	.	2.046	180	
Valinhos	65	.	1.112	56	.	9	161	10	
Vinhedo	32	8	428	9	.	.	60	20	
Imigração Intrametropolitana		5.280	1.581	7.179	1.486	326	653	9.620	2.292
Imigração Intraestadual		7.051	2.054	24.937	1.199	1.008	767	7.481	12.190
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	133	194	870	124	62	10	124	192
	Região Nordeste	1.980	498	14.751	1.621	696	322	3.099	2.451
	Minas Gerais	878	1.007	7.645	328	980	74	1.280	1.169
	Espírito Santo	58	.	269	45	56	.	.	57
	Rio de Janeiro	141	31	1.419	177	115	16	181	200
	Região Sul	697	284	4.373	308	421	100	1.132	2.010
	Região Centro-Oeste	313	136	1.975	49	48	59	396	277
Imigração Interestadual		4.200	2.151	31.301	2.653	2.379	580	6.212	6.356
Imigração Externa		601	90	2.317	.	88	18	114	.
Total		17.132	5.875	65.734	5.338	3.801	2.018	23.426	21.205

...

TABELA 3 - CONTINUAÇÃO

Região em 2005		Região / Município em 2010							
		RMC							
		Itatiba	Jaguariúna	Monte Mor	Morungaba	Nova Odessa	Paulínia	Pedreira	Santa Bárbara d'Oeste
RMC	Americana	37	.	7	17	774	57	10	2.910
	Artur Nogueira	.	62	35	.	19	19	.	.
	Campinas	339	533	1.504	84	176	3.763	187	192
	Cosmópolis	10	.	.	.	10	373	.	.
	Engenheiro Coelho	24
	Holambra	.	177	4
	Hortolândia	65	.	913	6	33	198	.	24
	Indaiatuba	67	20	172	.	.	10	.	23
	Itatiba	.	21	16	151
	Jaguariúna	7	.	32	.	.	.	54	.
	Monte Mor	9	.	16
	Morungaba	153	23	.
	Nova Odessa	23	80	.	.	.	36	.	267
	Paulínia	.	34	.	3	10	.	.	16
	Pedreira	8	178	.	5	.	.	.	58
	Santa Bárbara d'Oeste	32	.	9	.	215	28	.	.
	Santo Antonio de Posse	.	77	.	.	.	24	10	.
Sumaré	57	70	162	.	887	563	.	95	
Valinhos	97	.	82	.	35	44	11	37	
Vinhedo	48	62	.	.	
Imigração Intrametropolitana		788	1.252	2.933	267	2.160	5.186	273	3.665
Imigração Intraestadual		5.291	2.359	1.916	483	1.829	2.941	1.270	5.075
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	59	25	.	.	20	102	12	17
	Região Nordeste	1.711	937	946	173	536	1.681	536	1.308
	Minas Gerais	705	304	294	96	282	1.231	140	362
	Espírito Santo	11	.	.	.	37	51	.	7
	Rio de Janeiro	156	119	41	.	19	218	.	40
	Região Sul	339	392	159	53	210	618	189	439
Região Centro -Oeste		99	26	114	.	81	255	101	119
Imigração Interestadual		3.079	1.803	1.555	322	1.185	4.156	977	2.291
Imigração Externa		147	75	.	.	28	104	19	322
Total		9.306	5.488	6.403	357	5.202	12.387	2.538	11.353

...

TABELA 3 - CONTINUAÇÃO

Região em 2005		Região / Município em 2010							
		RMC				Emigração Intrametropolitana	Emigração Intraestadual	Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	
		Santo Antônio de Posse	Sumaré	Valinhos	Vinhedo			Região Norte	Região Nordeste
RMC	Americana	.	661	35	29	5.704	6.085	75	552
	Artur Nogueira	32	.	.	.	854	981	23	35
	Campinas	228	6.717	4.222	596	27.668	25.547	1.084	4.754
	Cosmópolis	28	62	10	.	1.260	825	.	191
	Engenheiro Coelho	198	446	29	46
	Holambra	69	.	33	.	611	587	18	38
	Hortolândia	9	1.477	62	.	4.006	2.177	43	314
	Indaiatuba	.	54	43	44	1.490	4.558	106	580
	Itatiba	.	28	154	.	663	2.146	40	378
	Jaguariúna	254	109	35	.	1.141	1.020	.	159
	Monte Mor	.	67	.	11	854	512	41	68
	Morungaba	.	.	.	9	217	255	.	37
	Nova Odessa	.	653	22	11	1.627	709	.	120
	Paulínia	.	450	9	.	1.867	799	11	153
	Pedreira	20	.	13	.	402	783	.	141
	Santa Bárbara d'Oeste	.	159	11	.	4.028	3.763	53	211
	Santo Antonio de Posse	.	19	.	.	353	339	.	51
Sumaré	52	.	25	20	6.095	2.875	174	397	
Valinhos	.	215	.	656	2.591	1.788	34	140	
Vinhedo	.	.	788	.	1.455	1.347	.	119	
Imigração Intrametropolitana		694	10.671	5.462	1.367	62.866	57.288	1.732	8.448
Imigração Intraestadual		454	7.575	4.018	4.250	93.664	.	.	.
Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste	Região Norte	12	371	19	21	2.368	.	.	.
	Região Nordeste	123	4.308	1.467	639	39.610	.	.	.
	Minas Gerais	131	1.579	633	541	19.562	.	.	.
	Espírito Santo	.	100	.	40	731	.	.	.
	Rio de Janeiro	.	283	145	187	3.487	.	.	.
	Região Sul	5	1.483	395	307	13.861	.	.	.
Região Centro -Oeste		25	374	360	125	4.931	.	.	.
Imigração Interestadual		295	8.498	3.020	1.860	84.550	.	.	.
Imigração Externa		.	209	219	268	4.984	.	.	.
Total		1.443	26.953	12.719	7.744	246.064	.	.	.

...

TABELA 3 - CONCLUSÃO

Região em 2005		Região / Município em 2010					Emigração Interestadual	Total
		Grandes Regiões e Estados da Região Sudeste						
		Minas Gerais	Espírito Santo	Rio de Janeiro	Região Sul	Região Centro-Oeste		
RMC	Americana	402	10	128	970	163	2.300	14.089
	Artur Nogueira	256	.	42	139	124	619	2.454
	Campinas	5.382	484	1.468	5.704	3.411	22.286	75.501
	Cosmópolis	161	22	56	250	88	768	2.853
	Engenheiro Coelho	206	.	15	32	148	476	1.120
	Holambra	57	.	.	58	6	177	1.375
	Hortolândia	282	.	.	363	114	1.116	7.298
	Indaiatuba	390	.	86	1.010	174	2.346	8.394
	Itatiba	513	11	6	329	173	1.449	4.258
	Jaguariúna	338	34	.	176	24	731	2.891
	Monte Mor	148	.	.	192	15	464	1.830
	Morungaba	82	.	51	22	19	211	683
	Nova Odessa	132	36	.	123	52	462	2.798
	Paulínia	126	12	85	289	80	757	3.422
	Pedreira	73	.	.	172	30	417	1.602
	Santa Bárbara d'Oeste	158	.	29	275	351	1.078	8.869
	Santo Antonio de Posse	.	.	.	47	10	107	799
Sumaré	577	13	81	585	134	1.961	10.932	
Valinhos	463	33	7	678	155	1.510	5.889	
Vinhedo	168	.	.	283	.	569	3.419	
Imigração Intrametropolitana		9.830	654	2.004	11.673	5.250	39.592	159.792

TABELA 4

MOVIMENTOS PENDULARES DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA) PARA TRABALHO E ESTUDO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS – 2000

Município de residência	Município de trabalho ou estudo						
	Americana	Artur Nogueira	Campinas	Cosmópolis	Engenheiro Coelho	Holambra	Hortolândia
Americana	0	0	1553	19	0	0	169
Artur Nogueira	65	0	297	232	213	1356	0
Campinas	505	40	0	182	11	35	1968
Cosmópolis	45	216	586	0	31	23	9
Engenheiro Coelho	0	69	18	23	0	11	0
Holambra	0	11	64	4	0	0	0
Hortolândia	105	0	25075	11	0	17	0
Indaiatuba	29	0	2607	13	0	0	70
Itatiba	5	0	460	0	0	0	16
Jaguariúna	0	0	764	0	0	128	9
Monte Mor	0	0	2646	0	0	0	294
Morungaba	0	0	68	0	0	0	0
Nova Odessa	2424	0	538	0	9	0	79
Paulínia	33	20	1988	141	0	0	29
Pedreira	17	0	285	0	0	0	0
Santa Bárbara d'Oeste	17485	0	778	51	0	0	27
Santo Antônio de Posse	0	5	184	0	0	425	0
Sumaré	1622	0	22618	21	0	0	1989
Valinhos	26	0	3948	0	0	0	107
Vinhedo	9	0	1094	0	0	0	8

...

TABELA 4 - CONTINUAÇÃO

Município de residência	Município de trabalho ou estudo						
	Indaiatuba	Itatiba	Jaguariúna	Monte Mor	Morungaba	Nova Odessa	Paulínia
Americana	37	0	41	32	6	1846	126
Artur Nogueira	0	0	65	0	0	8	185
Campinas	593	445	1611	338	36	69	2809
Cosmópolis	0	0	18	0	0	0	2655
Engenheiro Coelho	0	0	0	6	0	0	15
Holambra	0	0	78	0	0	0	12
Hortolândia	48	0	339	247	0	77	484
Indaiatuba	0	20	26	41	0	0	41
Itatiba	14	0	0	0	45	0	25
Jaguariúna	0	0	0	0	3	0	56
Monte Mor	27	0	0	0	0	0	29
Morungaba	0	568	7	0	0	0	0
Nova Odessa	0	11	42	8	0	0	82
Paulínia	20	0	0	23	0	0	0
Pedreira	0	10	423	0	0	0	9
Santa Bárbara d'Oeste	19	0	0	12	0	1177	154
Santo Antônio de Posse	0	0	266	0	0	0	0
Sumaré	112	15	169	121	0	2139	1185
Valinhos	64	156	38	10	7	0	69
Vinhedo	47	41	10	8	0	0	9

...

TABELA 4 - CONCLUSÃO

Município de residência	Município de trabalho ou estudo					
	Pedreira	Santa Bárbara d'Oeste	Santo Antônio de Posse	Sumaré	Valinhos	Vinhedo
Americana	35	2763	0	823	16	18
Artur Nogueira	0	8	205	14	0	0
Campinas	40	132	22	1720	3358	1456
Cosmópolis	0	15	0	82	9	0
Engenheiro Coelho	0	0	0	0	0	0
Holambra	0	0	15	16	0	0
Hortolândia	0	17	0	1924	492	109
Indaiatuba	0	0	7	45	93	41
Itatiba	0	0	0	34	66	101
Jaguariúna	60	0	58	0	20	7
Monte Mor	0	0	0	76	68	22
Morungaba	5	0	4	0	5	6
Nova Odessa	0	79	0	1064	69	9
Paulínia	0	0	0	189	22	21
Pedreira	0	0	0	0	0	8
Santa Bárbara d'Oeste	0	0	0	544	7	12
Santo Antônio de Posse	20	0	0	0	0	0
Sumaré	10	191	8	0	314	80
Valinhos	0	7	0	52	0	2496
Vinhedo	0	11	0	58	676	0

TABELA 5
MOVIMENTOS PENDULARES DA POPULAÇÃO EM IDADE ATIVA (PIA) PARA TRABALHO E ESTUDO
REGIÃO METROPOLITANA DE CAMPINAS – 2010

Município de residência	Município de trabalho ou estudo						
	Americana	Artur Nogueira	Campinas	Cosmópolis	Engenheiro Coelho	Holambra	Hortolândia
Americana	.	19	2807	102	1	.	602
Artur Nogueira	20	.	867	940	446	2515	45
Campinas	878	71	.	270	13	70	5783
Cosmópolis	111	337	1342	.	50	68	55
Engenheiro Coelho	9	151	104	403	.	5	9
Holambra	.	101	287	16	34	.	.
Hortolândia	191	11	35346	67	32	.	.
Indaiatuba	42	.	5638	.	.	.	278
Itatiba	.	9	1146	.	.	.	36
Jaguariúna	10	12	1327	.	.	411	97
Monte Mor	.	.	5543	.	.	.	897
Morungaba	.	.	139
Nova Odessa	4624	.	986	.	8	.	242
Paulínia	179	10	7490	320	.	10	348
Pedreira	.	.	578	.	.	10	8
Santa Bárbara d'Oeste	22344	.	1075	37	.	.	201
Santo Antônio de Posse	.	19	271	.	.	585	.
Sumaré	2888	.	31010	45	.	.	3984
Valinhos	20	27	8607	10	.	.	414
Vinhedo	13	.	2200	9	.	.	123

...

TABELA 5 - CONTINUAÇÃO

Município de residência	Município de trabalho ou estudo						
	Indaiatuba	Itatiba	Jaguariúna	Monte Mor	Morungaba	Nova Odessa	Paulínia
Americana	91	51	31	40	.	2800	559
Artur Nogueira	6	.	816	.	.	.	698
Campinas	1607	402	2107	761	39	122	4969
Cosmópolis	9	.	64	.	.	.	6319
Engenheiro Coelho	.	.	40	.	.	.	37
Holambra	3	5	276	.	.	.	26
Hortolândia	212	8	567	880	.	162	1089
Indaiatuba	.	21	42	157	.	.	60
Itatiba	11	.	9	.	91	.	11
Jaguariúna	13	12	48
Monte Mor	175	12	36	.	22	15	65
Morungaba	.	627	.	6	.	.	.
Nova Odessa	60
Paulínia	58	17	108	28	.	8	.
Pedreira	.	.	985
Santa Bárbara d'Oeste	37	.	9	16	.	1806	92
Santo Antônio de Posse	.	.	875	.	.	.	15
Sumaré	285	7	429	249	.	3103	3103
Valinhos	168	156	55	47	25	9	134
Vinhedo	44	82	33	.	.	9	58

...

TABELA 5 - CONCLUSÃO

Município de residência	Município de trabalho ou estudo					
	Pedreira	Santa Bárbara d'Oeste	Santo Antônio de Posse	Sumaré	Valinhos	Vinhedo
Americana	.	7158	.	1462	8	38
Artur Nogueira	.	.	240	37	21	.
Campinas	53	116	119	2828	6745	2810
Cosmópolis	.	14	.	101	16	.
Engenheiro Coelho	.	.	20	5	.	.
Holambra	.	4	291	.	.	.
Hortolândia	.	99	.	3553	1134	150
Indaiatuba	.	33	.	93	247	97
Itatiba	.	.	.	24	179	110
Jaguariúna	237	.	88	20	46	.
Monte Mor	.	23	.	278	157	40
Morungaba	.	6	.	.	6	4
Nova Odessa	.	727	.	1906	21	29
Paulínia	.	96	.	505	162	10
Pedreira	.	.	12	.	.	.
Santa Bárbara d'Oeste	.	.	.	836	31	28
Santo Antônio de Posse	17
Sumaré	10	279	12	.	673	138
Valinhos	44	12	.	158	.	3386
Vinhedo	.	.	.	60	1784	.

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2000

Municípios	CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS						Índice de envelhecimento (1)	Chefia feminina (%)
	População							
	0-5 anos	0-14 anos	15-24 anos	25-59 anos	60 anos e mais	65 anos e mais		
Americana	12.945	43.064	33.434	87.539	18.556	12.704	43,08	19,56
Artur Nogueira	3.081	9.328	6.706	14.672	2.418	1.632	25,92	17,63
Campinas	75.060	232.609	184.891	459.340	92.556	63.368	39,79	25,19
Cosmópolis	3.736	12.076	8.623	20.153	3.503	2.378	29,01	18,3
Engenheiro Coelho	1.004	2.869	2.321	4.189	654	418	22,8	11,71
Holambra	636	1.870	1.612	3.233	496	341	26,52	14,19
Hortolândia	15.352	46.527	30.598	67.270	8.128	5.365	17,47	18,15
Indaiatuba	12.482	39.039	28.700	67.181	12.130	8.104	31,07	19,07
Itatiba	6.622	20.874	15.756	37.038	7.529	5.209	36,07	19,76
Jaguariúna	2.476	7.689	5.928	13.515	2.465	1.701	32,06	17,19
Monte Mor	3.729	11.231	7.581	15.975	2.553	1.659	22,73	15,59
Morungaba	1.087	2.698	2.006	4.390	817	551	30,28	17,18
Nova Odessa	3.445	10.944	7.918	19.700	3.509	2.291	32,06	18,21
Paulínia	4.251	13.513	10.550	23.842	3.421	2.285	25,32	19,33
Pedreira	2.732	8.882	6.783	16.100	3.454	2.371	38,89	19,16
Santa Bárbara d' Oeste	13.190	44.598	32.837	79.382	13.261	8.842	29,73	17,72
Santo Antônio de Posse	1.667	4.950	3.509	7.911	1.754	1.220	35,43	16,85
Sumaré	18.513	56.621	39.834	88.350	11.918	7.923	21,05	19,68
Valinhos	5.938	19.427	15.619	40.058	7.869	5.381	40,51	17,36
Vinhedo	3.463	11.412	9.384	22.221	4.198	2.927	36,79	16,63
RMC	190.322	597.523	452.584	1.087.669	200.372	136.119	33,53	21,38

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).
 (1) Relação entre a população de 65 anos ou mais e a de 0 a 14 anos.

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2000

MODALIDADES MIGRATÓRIAS			
Municípios	Participação de imigrantes (1995-2000) (%)		
	Intrametropolitanos	Intraestaduais	Interestaduais
Americana	29	50	21
Artur Nogueira	31	42	27
Campinas	10	46	44
Cosmópolis	13	50	37
Engenheiro Coelho	11	40	49
Holambra	40	23	37
Hortolândia	44	32	24
Indaiatuba	9	62	30
Itatiba	6	58	36
Jaguariúna	21	52	27
Monte Mor	31	42	26
Morungaba	25	44	31
Nova Odessa	31	44	26
Paulínia	27	39	34
Pedreira	15	52	34
Santa Bárbara d' Oeste	6	66	28
Santo Antônio de Posse	23	35	41
Sumaré	30	41	29
Valinhos	37	35	28
Vinhedo	16	60	24
RMC	20	47	33

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

76

ANEXO

CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS				
Municípios	Domicílios (%) com renda <i>per capita</i> domiciliar de		Responsáveis pelo domicílio (%) com renda de	
	Até 2 SM	Mais de 10 SM	Até 2 SM	Mais de 20 SM
Americana	46,37	5,45	17,86	5,76
Artur Nogueira	63,66	2,62	31,95	2,58
Campinas	41,29	12,35	18,05	10,72
Cosmópolis	60,99	2,49	24,25	2,31
Engenheiro Coelho	71,18	3,69	40,2	2,39
Holambra	57,88	8,61	33,24	7,66
Hortolândia	68,82	1,31	24,94	1,05
Indaiatuba	53,91	5,43	20,95	5
Itatiba	54,25	5,17	24,9	4,88
Jaguariúna	59,38	5,12	24,79	4,12
Monte Mor	70,39	2,59	31,94	1,71
Morungaba	58,49	3,17	33,18	2
Nova Odessa	58,06	2,44	19,54	2,51
Paulínia	49,22	4,17	15,42	4,27
Pedreira	57,42	2,34	28,48	2,24
Santa Bárbara d' Oeste	60,67	1,86	22,74	1,93
Santo Antônio de Posse	69,3	2,54	35,46	2,56
Sumaré	63,13	1,74	24,56	1,68
Valinhos	43,91	8,63	17,67	7,78
Vinhedo	41,24	11,21	15,79	13,11
RMC	50,22	7,53	19,02	6,27

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2000

INFRAESTRUTURA HABITACIONAL					
Município	Domicílios (%) sem				Domicílios com dois ou mais banheiros (%)
	Rede água	Rede esgoto	Coleta de lixo	Banheiro	
Americana	2,38	4,72	0,41	0,50	32,57
Artur Nogueira	10,36	8,65	8,20	0,59	24,29
Campinas	3,63	9,51	1,71	1,25	33,34
Cosmópolis	3,57	8,27	2,31	0,80	24,59
Engenheiro Coelho	30,73	23,23	16,20	3,32	19,79
Holambra	47,64	35,81	21,84	1,66	27,09
Hortolândia	2,47	21,25	0,65	1,24	19,27
Indaiatuba	6,92	5,23	2,12	0,68	29,54
Itatiba	14,31	13,28	3,17	0,78	28,24
Jaguariúna	10,24	7,01	6,01	1,14	32,05
Monte Mor	10,94	39,12	6,16	1,72	20,43
Morungaba	23,29	27,10	17,44	2,31	22,40
Nova Odessa	3,20	2,13	1,26	0,37	25,35
Paulínia	3,46	5,41	2,04	1,32	28,79
Pedreira	4,19	5,51	2,34	0,76	23,33
Santa Bárbara d' Oeste	1,80	1,80	1,54	1,03	21,14
Santo Antônio de Posse	14,40	39,25	11,50	2,41	18,71
Sumaré	3,31	13,58	1,60	1,25	19,98
Valinhos	14,35	9,95	2,40	0,54	32,87
Vinhedo	6,38	4,91	2,27	1,00	38,31
RMC	4,89	9,88	2,04	1,08	29,08

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2010

CARACTERÍSTICAS DEMOGRÁFICAS								
Municípios	População						Índice de envelhecimento (1)	Chefia feminina (%)
	0-5 anos	0-14 anos	15-24 anos	25-59 anos	60 anos e mais	65 anos e mais		
Americana	11.501	38.433	34.029	110.908	23.366	14.799	60,8	23,73
Artur Nogueira	2.993	10.073	7.852	21.792	3.949	2.614	39,2	22,69
Campinas	64.405	208.770	178.508	559.568	113.779	71.599	54,5	28,3
Cosmópolis	4.294	13.573	10.433	29.338	4.743	2.923	34,94	21,86
Engenheiro Coelho	1.268	4.001	3.186	7.330	1062	671	26,54	14,85
Holambra	743	2.525	1.918	5.849	919	546	36,4	16,2
Hortolândia	13.524	45.269	36.423	96.414	12.854	7.744	28,39	24,36
Indaiatuba	12.721	42.268	35.054	103.250	18.307	11.146	43,31	24,69
Itatiba	6.263	21.053	17.296	51.848	9.757	6.125	46,34	24,67
Jaguariúna	2.912	9.407	7.693	22.494	4.151	2.709	44,13	28,14
Monte Mor	3.575	11.849	8.901	23.714	3.969	2.381	33,5	22,43
Morungaba	935	2.605	2.034	5.749	1381	908	53,01	30,61
Nova Odessa	3.090	10.348	8.758	26.624	4.939	3.117	47,73	21,46
Paulínia	5.914	18.573	13.915	43.028	5.739	3.283	30,9	21,79
Pedreira	2.464	8.328	6.912	21.390	4.253	2.793	51,07	23,57
Santa Bárbara d' Oeste	10.705	35.203	31.638	93.878	16.955	10.624	48,16	23,28
Santo Antônio de Posse	1.428	4.792	3.611	10.026	1.863	1.211	38,88	24,42
Sumaré	17.291	55.291	43.345	122.406	17.931	10.612	32,43	25,71
Valinhos	6.127	20.110	16.934	56.863	11.151	6.946	55,45	23,62
Vinhedo	3.844	12.611	10.383	33.316	6.271	3.809	49,73	23,52
RMC	175.062	572.477	476.789	1.440.036	265.958	165.652	46,46	23,12

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).
(1) Relação entre a população de 65 anos ou mais e a de 0 a 14 anos.

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2010

MODALIDADES MIGRATÓRIAS			
Municípios	Participação de imigrantes (1995-2000) (%)		
	Intrametropolitanos	Intraestaduais	Interestaduais
Americana	32	43	25
Artur Nogueira	27	36	37
Campinas	11	39	49
Cosmópolis	28	22	50
Engenheiro Coelho	9	27	64
Holambra	33	38	29
Hortolândia	41	32	27
Indaiatuba	11	58	31
Itatiba	9	58	34
Jaguariúna	23	44	33
Monte Mor	46	30	24
Morungaba	25	45	30
Nova Odessa	42	35	23
Paulínia	42	24	34
Pedreira	11	50	39
Santa Bárbara d' Oeste	33	46	21
Santo Antônio de Posse	48	31	20
Sumaré	40	28	32
Valinhos	44	32	24
Vinhedo	18	57	25
RMC	26	39	35

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

78

ANEXO

CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS				
Municípios	Domicílios (%) com renda <i>per capita</i> domiciliar de		Responsáveis pelo domicílio (%) com renda de	
	Até 1 SM	Mais de 5 SM	Até 1 SM	Mais de 10 SM
Americana	24,81	9,57	11,35	5,18
Artur Nogueira	39,75	4,14	20,88	2,12
Campinas	28,28	16,79	12,99	9,55
Cosmópolis	36,4	4,34	15,94	2,17
Engenheiro Coelho	47,85	4,24	25,8	2,54
Holambra	27,35	14,07	11,62	7,8
Hortolândia	44,7	2,53	17,7	0,96
Indaiatuba	28,54	9,79	12,25	5,67
Itatiba	28,52	9,46	13	4,47
Jaguariúna	30,46	7,95	13,5	4,55
Monte Mor	48,25	2,99	21,2	1,13
Morungaba	40,28	2,95	14,41	1,34
Nova Odessa	30,91	4,44	12,51	1,97
Paulínia	28,81	10,88	11,64	6,86
Pedreira	34,33	4,79	16,83	1,64
Santa Bárbara d' Oeste	31,97	3,69	14,17	1,77
Santo Antônio de Posse	47,32	4,28	23,93	1,51
Sumaré	39,55	4,59	16,92	1,94
Valinhos	21,75	15,82	10,33	10,49
Vinhedo	22,23	16,11	9,78	13,67
RMC	30,97	11,06	12,06	5,51

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

INDICADORES POR MUNICÍPIO - 2010

INFRAESTRUTURA HABITACIONAL					
Município	Domicílios (%) sem				Domicílios com dois ou mais banheiros (%)
	Rede água	Rede esgoto	Coleta de lixo	Banheiro	
Americana	2,07	1,18	0,09	0,10	42,61
Artur Nogueira	11,11	9,07	1,71	0,08	32,47
Campinas	1,87	8,15	0,45	0,12	40,72
Cosmópolis	3,96	5,09	0,49	0,20	30,87
Engenheiro Coelho	25,39	12,93	4,63	1,79	23,62
Holambra	31,86	24,66	3,57	0,24	39,45
Hortolândia	1,85	47,64	0,35	0,18	29,17
Indaiatuba	5,83	2,60	0,67	0,13	42,16
Itatiba	11,82	5,87	0,52	0,07	37,51
Jaguariúna	6,25	4,79	0,73	0,13	40,41
Monte Mor	9,40	31,57	2,09	0,14	29,07
Morungaba	19,38	23,79	3,24	0,57	30,95
Nova Odessa	2,29	3,77	0,44	0,04	37,67
Paulínia	2,59	5,86	0,72	0,57	44,40
Pedreira	3,09	2,36	0,56	0,07	33,30
Santa Bárbara d' Oeste	0,96	1,34	0,27	0,34	33,10
Santo Antônio de Posse	9,88	14,78	3,13	0,25	26,57
Sumaré	2,51	4,49	0,45	0,19	29,37
Valinhos	9,31	4,97	0,52	0,10	44,99
Vinhedo	4,02	4,69	0,50	0,13	48,59
RMC	3,57	8,91	0,54	0,16	38,24

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

ENTORNO					
Município	Domicílios (%) sem				Domicílios com esgoto a céu aberto (%)
	Identificação do logradouro	Iluminação pública	Pavimentação	Guia/meio-fio	
Americana	19,65	0,18	1,41	3,11	0,70
Artur Nogueira	52,37	1,41	9,41	5,75	1,10
Campinas	10,82	1,87	9,81	10,55	5,23
Cosmópolis	8,41	1,40	3,43	3,54	1,33
Engenheiro Coelho	81,05	0,00	0,34	0,40	0,00
Holambra	15,57	1,19	4,16	9,50	0,00
Hortolândia	30,64	4,37	13,33	13,20	50,04
Indaiatuba	23,33	1,43	4,11	3,82	0,40
Itatiba	15,10	2,49	2,25	3,53	0,15
Jaguariúna	2,07	0,51	3,30	4,24	0,45
Monte Mor	37,77	3,18	3,72	26,31	9,36
Morungaba	7,20	0,49	8,80	13,88	0,00
Nova Odessa	7,53	0,36	3,16	2,73	0,07
Paulínia	3,19	0,83	2,62	3,05	1,81
Pedreira	30,55	6,37	2,06	2,17	0,35
Santa Bárbara d' Oeste	24,19	0,22	0,58	2,20	0,31
Santo Antônio de Posse	32,62	0,97	15,12	14,93	36,44
Sumaré	32,78	1,82	4,24	4,00	2,69
Valinhos	3,73	1,23	2,82	3,00	0,08
Vinhedo	7,74	0,42	2,65	3,37	0,17
RMC	17,63	1,69	6,45	7,34	6,29

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 2000 (Tabulações especiais Nepo-Unicamp).

